

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS,
ESTRATÉGIAS E DESENVOLVIMENTO

**UMA ANÁLISE SOBRE AS ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO
E SINERGIAS SISTÊMICAS PERCEBIDAS NOS MICRONÍVEIS
DE CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE *COWORKINGS* LOCALIZADOS NO RIO DE JANEIRO**

FERNANDO LUÍS PINHEIRO BORGES
Matrícula nº: 118084962

Orientador: Prof. Dr. MARCELO GERSON PESSOA DE MATOS

RIO DE JANEIRO
2020

FERNANDO LUÍS PINHEIRO BORGES

**UMA ANÁLISE SOBRE AS ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO
E SINERGIAS SISTÊMICAS PERCEBIDAS NOS MICRONÍVEIS
DE CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE *COWORKINGS* LOCALIZADOS NO RIO DE JANEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. MARCELO GERSON PESSOA DE MATOS

RIO DE JANEIRO
2020

FERNANDO LUÍS PINHEIRO BORGES

**UMA ANÁLISE SOBRE AS ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO
E SINERGIAS SISTÊMICAS PERCEBIDAS NOS MICRONÍVEIS
DE CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE *COWORKINGS* LOCALIZADOS NO RIO DE JANEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento.

Aprovada em 28 de abril de 2020 por:

Dr. Marcelo Gerson Pessoa de Matos, UFRJ (Orientador)

Dr. José Eduardo Cassiolato, UFRJ (Membro Externo Titular)

Dr. Caetano Christophe Rosado Penna, UFRJ (Membro Interno Titular)

Dr. Jorge Nogueira de Paiva Britto, UFF (Membro Externo Suplente)

Dr.^a Maria Tereza Leopardi Mello, UFRJ (Membro Interno Suplente)

FICHA CATALOGRÁFICA

B732 Borges, Fernando Luís Pinheiro.

Uma análise sobre as economias de aglomeração e sinergias sistêmicas percebidas nos microníveis de concentração geográfica: um estudo de caso sobre *coworkings* localizados no Rio de Janeiro / Fernando Luís Pinheiro Borges. – 2020.

88 f.; 31 cm.

Orientador: Marcelo Gerson Pessoa de Matos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, 2020.

Bibliografia: f. 82 – 88.

1. *Coworking*. 2. Sistemas de inovação. 3. Sinergia. I. Matos, Marcelo Gerson Pessoa de, orient. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. III. Título.

CDD 331.256

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do autor.

RESUMO

BORGES, Fernando L. Pinheiro, **Uma análise sobre as economias de aglomeração e sinergias sistêmicas percebidas nos microníveis de concentração geográfica: um estudo de caso sobre *coworkings* localizados no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento – PPED), Instituto de Economia – IE, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

O presente trabalho se prestou a realizar uma análise acerca das economias de aglomeração e sinergias sistêmicas percebidas em espaços de *coworking*, elementos esses que, segundo a hipótese aqui levantada, seriam potenciais geradores de diferencial competitivo e inovativo para integrantes de tais espaços. Tal investigação partiu da observação de determinados fenômenos geradores de sinergias e interações no interior de *coworkings*, de vocação similar àqueles percebidos em sistemas produtivos maiores e mais sofisticados.

Para tanto, partiu-se da revisão de um referencial teórico voltado ao estudo de espaços de *coworking*, para que fossem extraídas as dimensões chave da realidade e dinâmica de tais espaços, bem como seus elementos diferenciais, do ponto de vista de estímulo à inovação e incremento de competitividade. A partir de tal esforço, traçou-se um paralelo com as principais dimensões críticas observadas no contexto do referencial teórico de sistemas de inovação, para possibilitar a construção de um roteiro de pesquisa a ser utilizado na amostra de espaços considerada no presente estudo. Por meio do referido roteiro, pretendeu-se investigar em *coworkings* a presença e intensidade dos mesmos elementos e fenômenos que se traduzem em potencial competitivo e inovativo, em estruturas maiores e mais complexas.

Como resultado de tal esforço de pesquisa, embasado ainda pelo testemunho dos entrevistados, foi possível constatar que os fenômenos destacados no presente estudo não só existem e são recorrentemente observados em espaços de *coworking*, como também podem ser apontados como em alguma medida responsáveis pelo sucesso ou aprimoramento de negócios ali instalados.

Atestou-se, assim, não só uma vocação dos espaços de *coworking* para catalisar os fenômenos identificados na literatura, como muitas vezes uma maior intensidade de tais fenômenos.

Palavras chave: *coworking*; sistemas de inovação; sinergia; interação; circulação de conhecimento; aprendizado; inovação; diferencial competitivo.

ABSTRACT

BORGES, Fernando L. Pinheiro, **An analysis of the external economies and synergies perceived in the micro-levels of geographic concentration: a case study on coworkings located in Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento – PPED), Instituto de Economia – IE, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

This work aimed at carrying out an analysis about the external economies and systemic synergies perceived in coworking spaces. Such elements, according to the hypothesis raised, would be potential generators of competitive and innovative differentials for members of such spaces. Such investigation started from the observation of certain phenomena, similar to those perceived in larger and more sophisticated production systems, with the potential of generating synergies and interactions within coworkings.

In order to achieve such goal, this work started by reviewing a theoretical framework aimed at studying coworking spaces, so that the key dimensions of the reality and dynamics of such spaces were extracted, as well as their differential elements in terms of stimulating innovation and increasing competitiveness. Starting from this effort, a parallel was drawn with the main critical dimensions observed in the context of the theoretical framework of systems of innovation, to enable the construction of a research script to be used in the sample of spaces considered in the present study. Through such script, an effort was made in order to investigate, inside the analyzed coworkings, the presence and intensity of the same elements and phenomena that translate into competitive and innovative potential, such as those observed in larger and more complex structures.

As a result of such research effort, and also based on the contribution of the interviewees, it was possible to verify that the phenomena highlighted in this study not only exist and are recurrently observed in coworking spaces, but can also be pointed out as being responsible, to some extent, for the success or improvement of businesses installed there.

Therefore, not only there is a vocation of coworking spaces to catalyze the phenomena identified in the literature, but often a greater intensity of such phenomena can be observed in such spaces.

Key words: coworking; systems of innovation; synergy; interaction; circulation of knowledge; learning; innovation; competitive differential.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos devidos em vista das valiosíssimas ajudas que me foram dispensadas para a realização deste trabalho.

Sem dúvidas, o primeiro nome a ser citado é o do meu orientador, Marcelo Matos. Sem a atenção e generosidade com que me direcionou, certamente o caminho teria sido muito mais árduo. Agradeço por todas as indicações de material de pesquisa, pelas sugestões dos melhores caminhos e por todo o rigor empregado na etapa de revisão.

Aos meus pais, Newton e Eliane, agradeço imensamente por todo o suporte que recebi ao longo de toda a minha estrada. Sem seu apoio a cada novo passo, jamais poderia enfrentar desafios como esse. Muito obrigado por todos os ensinamentos, por todas as lições e por todos os valores que me ajudaram a construir.

Agradeço, ainda, a Profa. Julia Paranhos e ao Prof. Jorge Britto, por todas as contribuições dadas na banca de qualificação para a presente defesa de dissertação e aos entrevistados, que dispuseram de uma parte de seu precioso tempo para contribuir com a pesquisa.

Agradeço também aos Profs. Caetano Penna e José Eduardo Cassiolato, por terem honrado este pesquisador com o aceite para a participação na banca de defesa deste trabalho.

Agradeço à CAPES, por ter me oferecido o auxílio que permitiu que eu me dedicasse com exclusividade a esse trabalho e ao programa de mestrado.

Por fim, agradeço à minha noiva, Ana Clara, pelo apoio incondicional e pelas horas e dias dedicados ao desenvolvimento da virtude da paciência. Afinal, sem tal valor teria sido impossível suportar o comportamento angustiado, rabugento e irritado de um estudante de mestrado em reta final de entrega e defesa de dissertação. Muito obrigado por ter preservado a força necessária para permanecer me apoiando nessas insalubres condições.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL – Arranjo Produtivo Local

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CW – [Espaço de] Coworking

FGV – Fundação Getulio Vargas

PPED – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas Estratégias e Desenvolvimento

RedeSist – Rede de Pesquisa em Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais

SI – Sistema de Inovação

SLI – Sistema Local de Inovação

SPL – Sistema Produtivo Local

SRI – Sistema Regional de Inovação

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Mapa de Literatura | 40 |
| Quadro 2 – Classificação de espaços intitulados de <i>coworking</i> no Rio de Janeiro | 50 |
| Quadro 3 – Formulação da estrutura da pesquisa..... | 56 |
| Figura 1 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada à colocalização, processos de aprendizado e fluxo de conhecimento | 63 |
| Figura 2 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada à dinâmica colaborativa | 67 |
| Figura 3 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada a estruturas institucionais e promoção de sinergias | 72 |
| Figura 4 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada ao networking de segurança..... | 75 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 1.1. Contextualização do problema | 2 |
| 1.2. Problema de pesquisa a ser resolvido..... | 5 |
| 1.3. Objetivo geral e objetivos específicos..... | 6 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 8 |
| 2.1. Espaços de <i>coworking</i> | 9 |
| 2.1.1. Conceito de <i>coworking</i> | 9 |
| 2.1.2. A proximidade física e o seu impacto na dimensão de relacionamentos sociais | 10 |
| 2.1.3. Dimensão colaborativa e a promoção de fluxos de conhecimento..... | 12 |
| 2.1.4. Construção de comunidades e seu reflexo em geração de sinergia e inovação..... | 14 |
| 2.1.5. Dimensões críticas extraídas da literatura de <i>coworkings</i> | 18 |
| 2.2. Abordagem de Sistemas de Inovação..... | 20 |
| 2.2.1. Introdução ao corpo de literatura de referência..... | 20 |
| 2.2.2. Sistemas de Inovação | 21 |
| 2.2.3. Sistemas regionais de inovação | 22 |
| 2.2.4. Sistemas locais de inovação e arranjos produtivos locais | 26 |
| 2.2.5. Aspectos convergentes entre as abordagens de sistemas de inovação | 30 |
| 2.2.5.1. Dimensões de capital social e arranjo institucional informal..... | 31 |
| 2.2.5.2. Dimensão de colocação: o <i>face-to-face</i> como dinamizador de processos de aprendizado e inovação | 33 |
| 2.2.5.3. Dimensão de articulações em redes produtivas e inovativas | 36 |
| 2.2.5.4. Dimensão institucional formal | 37 |
| 2.2.6. Dimensões críticas selecionadas da literatura de Sistemas de Inovação | 39 |
| 2.3. Considerações gerais sobre o referencial teórico | 41 |
| 3. METODOLOGIA | 42 |
| 3.1. Aspectos metodológicos da pesquisa bibliográfica..... | 42 |
| 3.2. Aspectos metodológicos da pesquisa qualitativa | 46 |
| 3.2.1. Estudo de caso | 46 |
| 3.2.2. Seleção da amostra | 46 |
| 3.2.2.1. Delimitação do objeto de estudo | 47 |
| 3.2.2.2. Critérios de seleção | 52 |
| 3.2.2.3. Espaços selecionados | 54 |
| 3.2.3. Seleção de entrevistados..... | 55 |
| 3.2.4. Formato das entrevistas | 56 |
| 3.2.5. Análise de conteúdo | 58 |
| 4. ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS | 60 |
| 4.1. Colocação como elemento de estímulo a processos de aprendizado e fluxo de conhecimento..... | 60 |
| 4.2. Dinâmica colaborativa..... | 64 |
| 4.3. Estrutura institucional voltada à promoção de sinergias | 69 |
| 4.4. Networking de segurança | 72 |
| 5. CONCLUSÃO..... | 77 |
| 5.1. Limitações da pesquisa e sugestões de pesquisa futura | 80 |
| REFERÊNCIAS | 82 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se presta a lançar um olhar sobre as especificidades que caracterizam os microníveis de concentração de atividades produtivas, utilizando a perspectiva delineada para analisar e diagnosticar estruturas de aglomeração mais sofisticadas e geograficamente mais abrangentes.

Em uma economia marcada pela tendência do compartilhamento, é cada vez mais comum que empreendedores optem por se instalar e desenvolver suas atividades em espaços compartilhados de trabalho. Trata-se de um arranjo cada vez mais comum na realidade dos grandes centros urbanos brasileiros.

A valorização do solo urbano, bem como dos serviços básicos, tais como energia elétrica, água, acesso a internet e etc. — serviços esses indispensáveis a qualquer atividade produtiva — estimulou empresários a questionarem a necessidade de um espaço de trabalho exclusivo e individualizado.

Hoje, verifica-se a crescente tendência de se dar um uso mais eficiente a ativos e recursos ociosos ou subaproveitados, tais como carros e apartamentos, de forma a atender necessidades imediatas de usuários, reduzindo a necessidade de novos investimentos (TIGRE, 2019). Em razão dessa tendência surgiram serviços que representaram mudanças de paradigma em diversas atividades do dia-a-dia, como aplicativos de transporte privado (Uber, Cabify, 99 Taxi) e sites de aluguel de imóveis por temporada (Airbnb, Alugue Temporada, etc.).

Nesse contexto, algo similar pode ser percebido no que tange a estruturas de trabalho. No entanto, como será explorado ao longo desse trabalho, não é somente o compartilhamento de custos fixos que move profissionais a se instalarem em espaços de *coworking*, mas também — e principalmente — a intenção de compartilhar de uma atmosfera comunitária e sinérgica, marcada por uma cultura colaborativa.

Partindo de tal percepção, o presente trabalho se dirige a analisar a presença e a intensidade das economias de aglomeração e sinergias sistêmicas percebidas em tais estruturas de *coworking* — aqui também identificadas como um tipo particularmente relevante de micronível de aglomeração produtiva.

Assim, pretende-se fazer um esforço para entender se e em que nível de intensidade estão presentes nos *coworkings* analisados vantagens como o acesso facilitado a conhecimentos não codificados, colaboradores especializados, fluxos produtivos para frente e para trás, estabelecimento de relações de confiança entre colaboradores e competidores, entre

outros aspectos que se traduzam em potencial competitivo e inovativo. O roteiro para a realização de tal investigação considerará ainda a possibilidade de existirem outros fenômenos em tais estruturas, não identificados pela literatura de referência, que usualmente explora os fatores sistêmicos que se dão no território em escala regional e local.

A investigação de tais economias de aglomeração e sinergias sistêmicas se respaldará na literatura sobre sistemas de inovação, aproveitando, em especial, elementos de análise referentes a aglomerações produtivas mais sofisticadas e abrangentes.

A eleição de tal corpo de literatura — conforme será explicitado em maior profundidade adiante — se deveu à sua maior afinidade com as dimensões a serem investigadas nos microníveis selecionados para a análise. Os fenômenos identificados na literatura de sistemas de inovação se mostraram muito similares, à priori, àqueles identificados na literatura de referência de *coworkings*, denotando uma maior tendência de compatibilidade com os fenômenos que se pretende investigar.

Portanto, o que se pretende com o presente trabalho é partir do referencial teórico elaborado sobre sistemas de inovação e aplicá-lo aos *coworkings* estudados, de forma a investigar se estão presentes os mesmos elementos e fenômenos que se traduzem em potencial competitivo e inovativo, em maior ou menor nível de intensidade, bem como se há outros.

A relevância do referido tema de pesquisa reside, portanto, na busca de uma maior compreensão acerca dos diferenciais competitivos e inovativos que podem ser alcançados por meio da opção por estruturas compartilhadas de trabalho.

Portanto, ao se investigar se tais estruturas são dotadas dos mesmos (ou até mesmo outros) elementos capazes de estimular fluxos de conhecimento e colaboração — percebidos originalmente em estruturas mais complexas, como APLs — o presente estudo pretende colaborar também para a compreensão da importância dos *coworkings* no estímulo à inovação.

1.1. Contextualização do problema

Em uma economia cada vez mais globalizada, há uma tendência de se conferir cada vez menos valor ao território e ao âmbito local de inserção da atividade produtiva. No entanto, contrapondo tal tendência, desde princípios do Século XX, foram desenvolvidos estudos que, por diversas óticas, corroboram para o entendimento da importância da dimensão territorial.

Dentre os aspectos que denotam a importância do território, destacam-se as externalidades positivas e sinergias oriundas da aglomeração de agentes produtivos e

inovativos, que geram fluxos de conhecimento, relações de confiança e troca e, em última análise, incremento de potencial competitivo dos seus membros. Basta recorrer à literatura especializada de sistemas de inovação e aglomerações produtivas, para colher suficientes evidências de que o fenômeno de inovação está consideravelmente conectado ao território.

Já a nível de políticas públicas — em especial ao se adotar um referencial pautado pela abordagem de sistemas de inovação — destaca-se a importância de se olhar as especificidades do território para elaborar políticas públicas de estímulo ao desenvolvimento econômico e à inovação, respeitando, entre outros aspectos, a trajetória histórica e sócio-cultural do meio estudado (AMIN, 2000).

Quando se desce a escalas e níveis cada vez menores, é possível perceber o desenvolvimento de “traços culturais” e “trajetórias históricas” cada vez mais específicas e únicas, muitas vezes desconectadas daquelas que marcam o cenário macro em que se localizam tais arranjos (ZARDO, 2017).

Assim, sobrevém a importância de se estudar em que medida tais níveis micro de concentração são capazes de potencializar os estímulos inovativos observados em arranjos produtivos maiores.

A potencial contribuição a ser trazida pelo presente estudo se traduz na possibilidade de lançar um olhar diferenciado sobre as estruturas de trabalho compartilhadas e colaborativas, dentro de uma lógica de aglomerações produtivas em microníveis.

Se os fenômenos percebidos em estruturas aglomerativas mais sofisticadas — ou até mesmo outros fenômenos inéditos — estiverem presentes em *coworkings*, em maior ou menor grau de intensidade, pode-se estar diante de uma tendência de mudança paradigmática de estrutura de trabalho no âmbito urbano. Tal mudança merece atenção não só do ponto de vista do estímulo à inovação impulsionado pela adoção de tal lógica como padrão, como também em função do impacto gerado na reestruturação do espaço urbano.

É possível notar atualmente um processo de encarecimento tanto do espaço, como dos serviços básicos necessários a qualquer empreendimento, devido em grande medida à concentração de atividades produtivas em grandes centros urbanos. Diante dessa lógica, cada vez mais se percebem iniciativas voltadas à criação de formas de otimizar o uso de recursos ociosos, como a tendência de adoção de ambientes de trabalho mais eficientes.

No entanto, a lógica por trás de espaços de *coworking* não se restringe a estratégias de economia de custos, não se caracterizando como um mero esforço de compartilhamento de custos fixos levado à cabo por pequenas firmas e empreendedores em estágio incipiente, com o objetivo de preservar a saúde financeira de seus negócios.

Para além da economia gerada pelo compartilhamento do espaço de trabalho e, consequentemente, dos custos fixos referentes a ele, espaços de *coworking* se apresentam como uma terceira via, para profissionais que não pertencem a uma estrutura empresária que lhes demande presença física. Esses profissionais são levados a optar por tais espaços, uma vez que eles lhes permitem preservar a dimensão social da rotina de trabalho, além de proporcionarem uma fuga do isolamento e distrações da própria casa (OLDENBURG, 2002).

Além disso, conforme demonstrado nesse trabalho, a proximidade dos atores inseridos em tais estruturas pode gerar consideráveis externalidades positivas, se houver estímulos nesse sentido. A proximidade geográfica de agentes produtivos que exercem ofícios complementares, ou pertencem a uma determinada cadeia, funciona — ao lado de outros elementos — como um mecanismo de incremento da confiança e, assim, fomenta a colaboração em variados níveis, além de intensos fluxos de conhecimentos.

Em esferas mais restritas, como *coworkings*, supõe-se que tais externalidades possam ser potencializadas, dado que o contato interpessoal é mais consistente e, conforme demonstram trabalhos anteriores sobre o tema (ZARDO, 2017), cria-se um sentimento de comunidade e pertencimento. Em muitos casos — como se demonstra por meio das entrevistas aqui realizadas —, origina-se uma lógica quase familiar e tais ambientes tendem a ser mais propícios a transbordamentos, colaborações e, consequentemente, inovação.

Ao atestar a vocação de *coworkings* para o fomento de tais externalidades positivas, o presente estudo poderá gerar uma importante contribuição teórica para a aplicação de noções atinentes a formatos de aglomerações mais sofisticadas a estruturas de menor dimensão. A eventual constatação de que tais fenômenos e elementos geradores de fluxos e sinergias estão presentes em *coworkings* em nível similar — ou até superior —, se comparados a arranjos mais amplos, poderia até mesmo levar à elaboração de políticas públicas para estimular esses formatos.

Dessa forma, utilizando-se como base o referencial teórico atinente à abordagem de sistemas de inovação – em especial sistemas produtivos locais e regionais¹ – pretendeu-se desenvolver uma metodologia apta a avaliar a presença e intensidade dos fenômenos geradores de economias de aglomeração e/ou externas e sinergias sistêmicas em *coworkings* selecionados. Tal esforço se deu com o objetivo atestar as vantagens que podem ser geradas pela adoção de estruturas de trabalho compartilhadas.

¹A justificativa para a seleção do referido corpo de literatura será melhor explicitada na seção referente à revisão de literatura.

A importância desse tema pode ser identificada em estudos anteriores, tais como de Julia Zardo (ZARDO, 2017), que realizou em sua — já supracitada — tese de doutorado, no programa do PPED, uma investigação do impacto dos fatores sociais e culturais no surgimento e sucesso dos ambientes de inovação caracterizados por *coworkings*, especialmente voltados para a economia criativa.

Da mesma forma, há que se citar como referência o estudo de Clay Spinuzzi (2012), da Universidade do Texas, que se propôs a investigar em que consiste, na realidade, o “serviço” oferecido por um *coworking*; ou o que leva um empresário a optar por pagar a taxa referente à ocupação de uma estação de trabalho em estruturas dessa natureza. Que vantagem se espera auferir que justifique a escolha?

Além de tais exemplos, pode-se citar ainda o trabalho da pesquisadora Luiza Mesquita (2016) que, em sua dissertação de mestrado na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, se propôs a analisar a importância exercida pelas tecnologias da informação, como práticas que sustentam o trabalho colaborativo desenvolvido em *coworkings*.

É recente, contudo, o interesse da literatura acadêmica em se debruçar sobre as especificidades de *coworkings*, na condição de espécie de aglomeração de atividades produtivas. Por essa razão, um dos maiores desafios do presente trabalho reside na dificuldade de se obter referências específicas sobre o tema dos *coworkings* na literatura acadêmica, afinal, a própria concepção de ambiente de *coworking* é relativamente recente.

Por outro lado, o referencial teórico atinente às estruturas mais sofisticadas de aglomeração é bastante rico e proporcionará subsídios suficientes para promover uma análise aprofundada das características e diferenciais que se pretende abordar nesse estudo, possibilitando lançar um olhar crítico sobre o tema, sob o prisma de um referencial teórico ainda pouco explorado nesse contexto.

1.2. Problema de pesquisa a ser resolvido

O estudo se direciona a avaliar, sob a percepção dos integrantes das estruturas estudadas, as efetivas vantagens obtidas em razão da escolha de se posicionar em espaços de trabalho compartilhados, especificamente em unidades de *coworking*.

Pretendeu-se, dessa forma, investigar se a colocalização, nesses casos, é apta a gerar economias de aglomeração e sinergias sistêmicas a exemplo daquelas observadas na literatura de sistemas de inovação referentes a arranjos produtivos de maior escala e complexidade. A principal intenção do trabalho é compreender em que nível os integrantes de tais estruturas se

beneficiam de tais vantagens e em que medida essas se traduzem em potencial inovativo ou em vantagens competitivas.

Portanto, a pergunta de pesquisa a ser respondida é: em que medida é possível afirmar que a inserção em um espaço de *coworking* pode se traduzir no aproveitamento de diferenciais competitivos e inovativos diagnosticados em estruturas aglomerativas maiores, à exemplo dos sistemas de inovação.

1.3. Objetivo geral e objetivos específicos

Para possibilitar que se alcance o objetivo almejado, o presente trabalho foi estruturado tendo como base um objetivo geral, a funcionar como uma diretriz norteadora da análise, auxiliada por objetivos específicos que serviram como etapas a serem superadas a fim de se atingir o objetivo final.

Nesse sentido, o objetivo geral foi analisar em que medida, nos *coworkings* investigados, se pode perceber a existência e intensidade das economias de aglomeração e sinergias sistêmicas observadas pela literatura de sistemas de inovação em modelos de arranjos produtivos mais amplos e sofisticados.

Definido o objetivo geral, o primeiro objetivo específico foi a realização de uma revisão de literatura, primeiro sobre o tema de *coworkings*, a fim de identificar as dimensões críticas apontadas por estudos anteriores acerca dos fenômenos e elementos de tais espaços que se traduzem em diferenciais competitivos e inovativos.

Em seguida, foi feita uma revisão de literatura sobre o tema de sistemas de inovação — corpo teórico eleito para nortear a presente análise — utilizando a lente extraída da literatura de *coworkings*, com a finalidade de fazer um levantamento das externalidades positivas (economias externas) e sinergias sistêmicas oriundas de aglomerações que são objeto de análise em tal bibliografia de referência.

Nesse ponto, pretendeu-se identificar, dentre os principais fenômenos e elementos que dão sustento às economias de aglomeração e sinergias sistêmicas diagnosticadas em arranjos mais complexos — que se traduzem em potencial inovativo e competitivo —, aqueles que também caracterizam *coworkings*.

Em seguida, o segundo e principal objetivo específico foi investigar, com base em pesquisa qualitativa — entrevistas semipadronizadas, combinando questões abertas e fechadas, de forma a nortear eficientemente o conteúdo produzido —, se os integrantes dos *coworkings* analisados destacam a existência dos mesmos fenômenos, ou até mesmo outros, e

o aproveitamento das mesmas economias de aglomeração e sinergias sistêmicas e em que nível².

Paralelamente, é evidente que não se poderia negligenciar a existência de eventuais características, específicas aos *coworkings* analisados, que possam ser apontadas como obstáculos a tais fenômenos geradores de economias de aglomeração, sinergias sistêmicas e potencial inovativo. Assim, o presente estudo também atentarà para características ligadas, por exemplo, à forma de governança, ao nível de especialização ou a um eventual enfoque maior em certos setores ou segmentos, que eventualmente possam dificultar o surgimento de sinergias entre os atores investigados.

Entretanto, tal esforço não constituirá um objetivo específico isolado, devendo ser enxergado apenas como um desdobramento da etapa de pesquisa qualitativa.

² Quando da implementação da referida etapa de pesquisa, o principal objetivo foi averiguar a existência de certos fenômenos dentro dos *coworkings* investigados, que serão melhor explorados adiante, tais como fluxos de conhecimentos intensificados, presença de encadeamentos produtivos ou colaborativos, bem como se tais elementos se traduzem em vantagens competitivas e no fortalecimento do potencial criativo e inovativo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como já mencionado anteriormente, o presente trabalho foi estruturado tendo como diretriz principal o objetivo geral, mas tomando cada objetivo específico como uma etapa a ser cumprida dentro de uma trajetória analítica previamente planejada.

Nesse sentido, toma-se como diretriz norteadora o objetivo de identificar, nas estruturas de *coworking* investigadas a presença e a intensidade de fenômenos e elementos geradores de economias de aglomeração e sinergias nos moldes daquelas identificadas na literatura de sistemas de inovação, em arranjos produtivos mais sofisticados, bem como o seu reflexo em termos de ganho de diferencial competitivo e potencial inovativo.

Trata-se, como já mencionado, de uma análise acerca dos fluxos de conhecimento — principalmente tácito —, colaborações entre atores de diferentes etapas da cadeia produtiva, estabelecimento de relações de confiança, entre outros elementos.

Para tanto, foram respeitadas duas principais etapas. A primeira delas composta pela revisão da literatura específica relacionada a espaços de *coworking*, de forma a explorar suas principais características potencializadoras de sinergias, inovação e incremento de competitividade. Nesse esforço, buscou-se identificar e estruturar as dimensões críticas de tais espaços, relacionadas a tais diferenciais.

Já a segunda etapa da revisão de literatura destinou-se a identificar, em meio ao referencial selecionado de Sistemas de Inovação, os fenômenos e características identificados como geradores de diferenciais de potencial inovativo e competitivo nas estruturas mais complexas ali retratadas.

A ideia central, portanto, é usar uma lente concebida a partir de estudos sobre espaços de *coworking*, para identificar na literatura de Sistemas de Inovação características e fenômenos coincidentes com aqueles lá percebidos. Ao adotar esse olhar, serão identificadas dimensões críticas daquele corpo de literatura (Sistemas de Inovação) que poderão ser utilizados como elementos de investigação acerca da presença e intensidade de economias de aglomeração e sinergias sistêmicas análogas em *coworkings*.

Com base em tais referenciais teóricos, conforme já mencionado acima, foi elaborado um roteiro de entrevistas aplicado a integrantes e administradores de *coworkings*, com o propósito de investigar em que medida pode-se atribuir a tais espaços a vocação de reproduzir ou amplificar os fluxos, sinergias e demais fenômenos observados em arranjos maiores mais complexos. Ou, até mesmo, sua aptidão de estimular outros fenômenos e elementos inéditos, mas igualmente relevantes do ponto de vista competitivo e inovativo.

Dessa forma, a revisão de ambos os referenciais teóricos que deram subsídio à elaboração de tal etapa qualitativa encontra-se estruturada conforme a seguir.

2.1. Espaços de *coworking*

A presente etapa da revisão de literatura foi estruturada de forma a apresentar os principais estudos selecionados sobre o tema de espaços de *coworking*, dedicando espaço ao conceito por trás de tais espaços, às vantagens referentes à inserção neles e suas dimensões críticas.

2.1.1. Conceito de *coworking*

A estratégia de se inserir em um espaço de trabalho compartilhado, ou *coworking*, tem se mostrado cada vez mais atraente para firmas de pequeno porte, profissionais autônomos, *freelancers* e outros indivíduos dedicados a uma dinâmica de trabalho que não envolva a necessidade de inserção em uma estrutura física formal.

A opção por *coworkings* nasce, assim, como uma terceira via (OLDENBURG, 2002), uma alternativa que se apresenta a profissionais que não estão inseridos em uma dinâmica de trabalho que demande a presença física, mas que, ao mesmo tempo, rechaçam o isolamento e as distrações envolvidos na rotina de trabalhar em casa. Trata-se, de forma geral, de uma escolha que possibilita a preservação da atmosfera social de um ambiente de trabalho, mesmo para quem exerce ofícios de forma individualizada ou autônoma (CAPDEVILA, 2014).

Assim, uma vez que se percebe o cada vez maior crescimento da economia do conhecimento e criatividade, marcada por iniciativas empreendedoras e relações profissionais informalizadas, a opção pelo *coworking* se mostra como uma solução na busca pela preservação da dimensão social da rotina de trabalho, mas sem abandonar a autonomia das relações modernas.

Clay Spinuzzi (2012) define tais espaços como ambientes de trabalho em formato aberto (*open-plan*), em que se trabalha lado a lado com outros profissionais, com os quais não se mantém qualquer vínculo ou afiliação, mediante o pagamento de uma taxa, referente ao aluguel da estrutura. No entanto, Ignasi Capdevila (2014) discorda da simplicidade de tal definição, sustentando que não captura os aspectos mais relevantes de tais estruturas aglomerativas de trabalho, quais sejam um enfoque comunitário e a dinâmica de compartilhamento de conhecimento.

Coworkings em geral são marcados por um elevado grau de imersão na atmosfera que

o rodeia, na cultura em que se insere. A escolha inicial do espaço costuma até mesmo estar ligada à proximidade de casa ou à redução dos custos fixos, em comparação com o aluguel de um escritório próprio. No entanto, Capdevila (2014) destaca que, uma vez selecionado o espaço de *coworking*, o profissional tende a permanecer lá a depender das suas características de comunidade e da interação ocorrida entre os membros.

O referido autor destaca que a plataforma Coworking.com (2013) define *coworking* como “uma comunidade global de pessoas dedicadas aos valores de colaboração, abertura, comunidade, acessibilidade e sustentabilidade em seus locais de trabalho”.

Portanto, para o propósito de seu trabalho, Capdevila (2014) trabalha com a definição segundo a qual *coworkings* são “espaços localizados, onde profissionais independentes trabalham, partilhando recursos e assumindo uma postura aberta para o compartilhamento de seu conhecimento com o resto da comunidade”.

Ao se recorrer à literatura especializada, é possível compreender o grau de importância que se confere à dimensão social da alternativa de *coworking*. Trata-se de um aspecto relevante de tal estrutura de trabalho, que representa um fomento à circulação de conhecimento e à realização de parcerias e interações colaborativas.

Para Laura Forlano (2008), a relação entre integrantes de um *coworking* é marcada por valores compartilhados, relacionados à interação social, troca de informação, colaboração e inovação. Já para Claudia Deijl (2001), trata-se de uma comunidade aberta, onde a confiança e a colaboração desempenhariam papel fundamental. Bizarri (2010), por sua vez, destaca o interesse na sinergia proporcionada pelo espaço de trabalho compartilhado como um dos traços definidores daqueles que buscam essa alternativa.

Alessandro Gandini (2015), em seu turno, destaca que um dos principais estímulos à inserção em espaços de *coworking* está ligado à oportunidade de criação de uma rede de relacionamentos, dimensão destacada pelo autor como uma das mais relevantes na economia do conhecimento.

Os fluxos de conhecimento, informação e colaboração ocorridos no interior de tais estruturas formam, portanto, sua principal dimensão crítica.

2.1.2. A proximidade física e o seu impacto na dimensão de relacionamentos sociais

É comum encontrar na literatura referências que sugerem a existência de uma aliança entre a proximidade geográfica dos agentes e o desenvolvimento de relacionamentos sociais, que no geral se traduzem em parcerias colaborativas. Nesse sentido, é importante resgatar

alguns ensinamentos da geografia econômica para pontuar a dimensão física da colocalização, de forma a compreender a importância de tal aspecto na dinâmica interativa de um *coworking*.

Segundo a referida linha de pensamento, a localização importa, na medida em que incentiva práticas produtivas conjuntas, bem como a circulação e compartilhamento de conhecimentos (GERTLER, 2003). Assim, configurações espaciais que envolvem aglomerações geográficas de atores produtivos facilitariam fluxos de conhecimento através de interações de natureza comercial ou não, de forma planejada ou espontânea e em diferentes níveis de formalidade.

Lucia Parrino (2015) entende que a proximidade geográfica favorece interações presenciais (*face-to-face*), assim como a disseminação de informações e o compartilhamento de experiências e referências. Leamer e Storper (2001), na mesma linha, também entendem que a dimensão espacial restrita estimula a criação de acordos e padrões e cria oportunidades de usar comunicação verbal e não verbal, o que impacta significativamente na credibilidade e confiabilidade partilhada pelos atores ali presentes.

Storper e Venables (2004) — também oriundos da abordagem de geografia econômica — caracterizam essa dinâmica de fluxo de conhecimento como um “burburinho” (“*buzz*”), que se mostra como um traço característico de grandes centros de inovação. Em tais contextos, as frequentes oportunidades de interação face-à-face beneficiam os atores envolvidos em termos de conhecimento adquirido. Para os referidos autores, a interação presencial seria mais eficiente para esse propósito. Já dentro do contexto do presente trabalho, pode-se afirmar que tal benefício tende a ser potencializado em espaços de *coworking*.

No mesmo sentido, Cohen e Prusak (2001) defendem que os contatos face-à-face garantem suporte a formas espontâneas de criação e circulação de conhecimento, bem como possibilitam o reforço de laços de proximidade que são indispensáveis para tais fluxos. Os vínculos de confiança e coesão gerados a partir desse cenário possibilitam o fortalecimento de uma dimensão de proximidade social na qual atores imergem, favorecendo relacionamentos sinérgicos em tais microníveis.

Todas essas considerações apresentadas acerca da importância da dimensão espacial podem ser facilmente transportadas para a perspectiva de *coworkings*. Afinal, trata-se de espaços, em regra, confinados a um determinado endereço, normalmente compostos por um conjunto de postos de trabalho contíguos, todos parte de uma mesma estrutura.

A dimensão reduzida de espaços de *coworking*, portanto, favorece sem dúvidas as sinergias descritas acima. No entanto, a proximidade entre os agentes por si só não é suficiente para levar a uma dinâmica que atinja o máximo do potencial do espaço.

É necessário que haja uma cultura de estímulo a interações e a relacionamentos colaborativos, conforme demonstram os resultados dos estudos realizados por Lucia Parrino (2015) — em artigo intitulado “*Coworking: assessing the role of proximity in knowledge exchange*” — e Julia Zardo (2017) — em sua tese de doutorado intitulada “*Ambientes de inovação e mecanismos de geração de empreendimentos: estudos de caso sobre a economia criativa na cidade do Rio de Janeiro*”.

2.1.3. Dimensão colaborativa e a promoção de fluxos de conhecimento

A citada autora Lucia Parrino (2015) avaliou a dinâmica de interações e colaborações existente em dois espaços de *coworking*, distintos em sua essência. O primeiro deles era caracterizado pela ausência de ferramentas e ações proativas de estímulo a sinergias. Já o segundo espaço era caracterizado pela existência de uma estrutura e um sistema articulados, voltados à facilitação e ao estímulo de relacionamentos e interações.

Por meio de pesquisa qualitativa realizada junto a integrantes de ambos os espaços, foi possível constatar que a ausência, no primeiro espaço, de uma estrutura física apropriada para estimular interações — uma área de convívio, por exemplo —, bem como de iniciativas e atividades que as promovessem, levou à existência de uma frágil dimensão de relacionamentos sociais em relação ao segundo espaço.

Lucia Parrino (2015), portanto, foi capaz de concluir que a proximidade geográfica, mesmo no contexto de espaço de *coworking*, não se presta a gerar por si só sinergias e incremento de circulação de conhecimento. Isso só ocorre verdadeiramente quando o espaço é voltado para promover tais fluxos.

O estudo realizado, portanto, foi capaz de revelar duas constatações principais. A primeira delas é que, em uma situação em que se compartilha apenas um espaço de trabalho, não se percebem relações verticais ou colaborativas, bem como a transmissão de conhecimento é escassa e episódica.

Já quando há uma plataforma organizacional voltada à promoção de sinergias, tais fluxos e relações colaborativas são mais recorrentes, além de se perceber a facilitação de oportunidades de trabalho com atores externos. A consolidação de uma estrutura proativa, no sentido de promover interações e relacionamentos de rede, assim, chega a gerar efeitos que extrapolam as fronteiras do *coworking*.

A própria descrição dos aspectos mais relevantes da experiência de se inserir em um espaço de *coworking* variou, no referido estudo, entre os integrantes do primeiro e do segundo

espaços, tendo esses últimos destacado a relevância para seus ofícios dos relacionamentos estabelecidos e conhecimentos adquiridos (PARRINO, 2015).

Dessa forma, é possível afirmar que um espaço de *coworking* só atinge verdadeiramente seu potencial de ambiente de *networking*, colaborativo e marcado pelo compartilhamento de conhecimentos e habilidades se houver estímulos nesse sentido. A mera proximidade não exerce plenamente esse papel.

Há que se concluir, portanto, que a dimensão física do *coworking* não é a mais relevante em termos de desenvolvimento de fluxos sinérgicos e colaborativos. O *coworking*, se considerado meramente como um espaço compartilhado de trabalho, não se mostra um locus em que relacionamentos, colaborações e interações germinam de forma natural (PARRINO, 2015). Sem elementos que promovam aproximações, percebe-se apenas a copresença de profissionais, cada um dedicado ao seu trabalho³.

Em outro trabalho dedicado a avaliar as dimensões de interação e colaboração ocorridas no interior de *coworkings*, Julie Fabbrie Florence Charue-Duboc (2014) realizaram um estudo de caso junto a um espaço de *coworking* localizado em Paris.

Da mesma forma que o citado estudo de Lucia Parrino, este também evidenciou a importância do desenvolvimento de colaborações entre os membros, para o seu desenvolvimento profissional e de seus respectivos negócios. Os empresários entrevistados foram enfáticos ao associar a ocorrência das constantes e profícuas interações à estrutura do espaço, aos eventos realizados, ao estilo de gestão e à identidade de valores entre os integrantes.

As interações, segundo as autoras (FABBRI e CHARUE-DUBOC, 2014) auxiliaram os empresários locais, tanto a aperfeiçoar seus projetos, como a se aperfeiçoar enquanto empresários, ressaltando que tais interações muitas vezes resultavam em aquisição de novos conhecimentos e habilidades. Três aspectos principais contribuíram para o fomento de tal sinergia.

Primeiramente, destacam-se as características físicas do local em si e sua estrutura, voltados à promoção de interações.

Além disso, faz-se menção ao *modus operandi* do espaço, composto por regras de convivência que estimulam a autonomia aliada a um sentimento de coletividade, bem como

³ A autora (PARRINO, 2015) também destaca a importância de ferramentas que atuem no sentido de possibilitar a identificação de pontos de contato entre os integrantes, bem como relações sociais ou profissionais externas à experiência do *coworking*, facilitando mais ainda as colaborações.

preveem outros estímulos a interações. Tal atmosfera levaria a um sentimento geral de confiança e reciprocidade, que conduziria a relacionamentos colaborativos.

Por fim, as autoras destacam que os integrantes compartilham valores comuns e, em geral, atuam no mesmo segmento, gerando uma homogeneidade, que é complementada pela heterogeneidade dos projetos que são levados a cabo por cada um. Esse cenário tende a promover coesão e mais estímulo a práticas colaborativas⁴.

O resultado dessa atmosfera colaborativa é marcada por colaborações sinérgicas pode ser representado de diversas maneiras, dentre elas destacando-se o aumento do potencial inovativo — e conseqüentemente também do potencial competitivo — dos integrantes do *coworking*, bem como possivelmente de seus níveis de produtividade.

Dessa forma, a constatação da insuficiência da proximidade física, como traço isolado, para a promoção das sinergias esperadas de tais ambientes constitui uma etapa relevante para melhor empreender uma análise das demais dimensões críticas identificadas: os fluxos ocorridos, interações colaborativas e circulação de conhecimento.

2.1.4. Construção de comunidades e seu reflexo em geração de sinergia e inovação

Capdevila (2014) destaca em seu trabalho alguns traços relativos ao fluxo de conhecimento que se traduzem em inovação no interior de *coworkings*. Segundo o autor, o valor atribuído à opção de se inserir em um espaço e *coworking* está no pertencimento àquela comunidade e nas potenciais oportunidades de aprendizagem decorrentes dessa condição. A parcela do conhecimento oriunda das interações entre *coworkers* seria, na visão de Capdevila (2014) crucial para alcançar o grau de diversificação e a colaboração necessários para a inovação⁵.

⁴ Quanto a tal aspecto, é necessário reconhecer que diferentes espaços de *coworking* possuem diferentes vocações para atrair atores de determinados segmentos produtivos ou tecnológicos, a depender de traços característicos ligados a sua trajetória, cultura e estrutura institucional. Assim, haverá espaços vocacionados a atrair atores homogêneos, enquanto outros experimentarão composições heterogêneas. Uma dada configuração será resultante de um determinado regime tecnológico e também contribuirá para sua construção, interferindo em aspectos relacionados a oportunidades tecnológicas, base de conhecimento, regime de apropriabilidade, etc. Entretanto, conforme será melhor explorado no capítulo sobre metodologia, apesar de o presente estudo reconhecer a existência de tal diversidade de composições, o esforço investigativo aqui empreendido será direcionado prioritariamente a espaços de composição heterogênea. Tal escolha se dá em razão da limitação temporal e de escopo, que não permitirá um estudo comparativo dos fenômenos e características buscados em espaços caracterizados por um amplo espectro de regimes tecnológicos distintos.

⁵ O contraponto a tal vantagem seria o risco de *lock-in* ou aprisionamento, verificado quando se trata de *coworkings* centrados em uma ou apenas algumas áreas de prática (AMIN e ROBERTS, 2008). A superação desse risco, no entanto, dependeria do influxo de novas ideias e conhecimentos, trazidos pela circulação de membros no *coworking* e também pela presença de alguns integrantes ocasionais. Essa rotatividade, aliada à realização constante de eventos de integração e projetos interativos serviria para oxigenar as ideias e manter a

O espaço de *coworking*, assim, oferece uma plataforma de compartilhamento de ideias e conhecimentos, podendo envolver não só seus integrantes, mas também participantes externos (CAPDEVILA, 2014). A existência de integrantes ocasionais, bem como a realização de eventos de integração com outros espaços contribuiria para a formação de uma espécie de *pipeline* de conhecimento, de alta relevância para a o potencial inovativo dos *coworkings*.

Nesse sentido, é interessante observar que Capdevila (2013), foi capaz de capturar bem as dimensões de interações, relacionamentos colaborativos, facilitação de fluxos de conhecimento e criação de rede de relacionamentos, ao realizar uma analogia em que compara *coworkings* a uma espécie de *micro-clusters*⁶.

Para o referido autor, nesse sentido, estruturas de *coworking* estimulam a transferência de conhecimento entre os membros a partir de uma perspectiva de rede⁷. Analogamente a complexos industriais localizados, Capdevila (2014) acredita de *coworkings* funcionam como espaços em que microempresários e *freelancers* não só coexistem, mas também desenvolvem formas de colaboração flexíveis, baseadas em vínculos de confiança, escapando à lógica de estruturas competitivas tradicionais.

Para além de tais dimensões, é possível acrescentar à visão do referido autor de que a configuração de tais estruturas pode também servir para fomentar economias externas de vocação marshaliana, ligadas à estratégias de escala clássicas, à exemplo de links produtivos para frente e para trás, assim como acesso a fornecedores e consumidores especializados (MARSHALL, 1920). Pode-se arguir, inclusive, que tal fenômeno poderia estar ligado à tendência de subdivisão e especialização de etapas do processo produtivo, entre diferentes firmas, fenômeno outrora observado por Becattini (2002) nos distritos industriais italianos.

diversidade e riqueza de conhecimentos e habilidades no *pool* ali formado (GRANDADAM, COHENDET e SIMON, 2012).

⁶ É necessário ressaltar que existem, na literatura especializada, diferentes abordagens e interpretações do que constituem *clusters* e quais são as dimensões críticas determinantes de sua dinâmica, sendo Michael Porter o precursor de tal terminologia e abordagem. De forma sintética, o referido conceito é caracterizado por estruturas compostas por um conjunto de companhias e instituições associadas, interconectadas pelas complementaridades existentes entre suas atividades e geograficamente próximas (PORTER, 2000). No entanto, é importante registrar que foge ao escopo do presente trabalho empreender esta análise, razão pela qual a mesma não será feita.

⁷ O referido autor ainda vai mais longe e destaca que a presença de *coworkings* em uma dada região, dispostos a atuar dentro de uma dinâmica colaborativa com firmas externas de maior porte, pode levar a uma configuração muito apropriada para o aproveitamento de oportunidades tecnológicas. Capdevila (2014) entende que integrantes de *coworkings* — dado que em regra não estão aprisionados em uma trajetória consolidada — tendem a ser mais ágeis na exploração de tais oportunidades, contribuindo para os processos inovativos locais, que beneficiam também as grandes firmas da região. Os esforços inovativos de integrantes de *coworkings* contribuiriam para a construção de um repositório de conhecimento local, estimulando também o burburinho local e a absorção de conhecimentos externos, beneficiando toda a região.

Quando de sua análise sobre comunidades especializadas, Marshall (1920) ressalta que estas acabariam funcionando como *hubs* que agregam empregadores em busca de determinados talentos e trabalhadores que os possuem (MARSHALL, 1920). Tal cenário permitiria a identificação de forças centrípetas exercidas pelas externalidades disponíveis nas aglomerações investigadas⁸.

Em *coworkings* pode-se observar uma lógica similar, com tais espaços exercendo um grande poder de atração, em função da oportunidade que oferecem de inserção em um ambiente colaborativo e sinérgico, em que integrantes possuem habilidades e exercem ofícios complementares.

Há que se ressaltar, contudo, que, apesar de *coworkers* compartilharem interesses profissionais, é necessário haver uma adesão a valores comuns de compartilhamento de conhecimento e colaboração, e tal coesão depende de uma proximidade cognitiva dos membros. Trata-se de comunidades que, apesar de muitas vezes inseridas em um segmento determinado, são compostas por integrantes que dominam um amplo espectro de campos de atividades (CAPDEVILA, 2014). A natureza complementar dos conhecimentos e habilidades existentes em tais espaços é uma das principais razões para o engajamento sinérgico que se observa nelas.

Nesse sentido, a existência de valores comuns compartilhados é essencial para que os membros do *coworking* se engajem mais em relacionamentos de cooperação do que de competição (CAPDEVILA, 2014).

Segundo Capdevila (2014), espaços de *coworking* são lócus vocacionados à dinamização dos relacionamentos entre seus membros. Trata-se de uma comunidade, cujos integrantes tendem a adotar uma postura voltada à colaboração, abertura, acessibilidade e sustentabilidade.

No entanto, por mais que tal atmosfera possa ser reforçada por medidas internas proativas, a real formação de uma comunidade colaborativa depende também do engajamento de seus membros.

⁸ Marshall (1920) destaca ainda — em uma linha mais afeita com a análise aqui empreendida — fenômenos ligados à livre circulação de conhecimentos relativos a determinados ofícios, que ocorre no interior de comunidades especializadas. Para o referido autor, a proximidade de firmas que realizam ofícios complementares geraria uma tendência à livre circulação de conhecimento. Segundo Marshall (1920), diante de tal configuração, “os mistérios do ofício deixam de ser mistérios; mas passam a pairar no ar, e crianças os aprendem inconscientemente”. Tal visão denota, de forma ainda mais explícita, que importantes contribuições para o presente trabalho podem ser extraídas da abordagem de distritos industriais marshallianos. No entanto, tendo em conta que o corpo teórico eleito para guiar a presente investigação foi o de sistemas de inovação, não será aqui empreendido um esforço para integrar a contribuição marshalliana a esta análise.

É evidente que, como visto, a proximidade física exerce um papel relevante – mas não definitivo – no estímulo às sinergias características de tais espaços. No entanto, para que tais sinergias ocorram de forma efetiva também é necessária uma proximidade cognitiva e interações presenciais constantes, de forma a estimular o desenvolvimento de relações baseadas em confiança (BOSCHMA, 2005).

Tal confiança se apoia em um sistema pautado em reputação, que é alimentado pela facilidade de obtenção de informações sobre os demais *coworkers*, os projetos em que estão envolvidos, seus clientes, fornecedores, etc. Esse burburinho de informações, desenvolvido de forma orgânica, contribui para a redução dos custos de transação relativos à busca, validação e transferência de conhecimento. Afinal, conhecer as atividades e os recursos dos outros membros facilita a transferência de conhecimento e possíveis combinações de conhecimento por meio de colaborações (CAPDEVILA, 2014).

Na mesma medida, as constantes interações acabam servindo para o desenvolvimento de códigos e linguagens comuns entre os membros, levando espaços de *coworking* a se assemelharem a comunidades de prática (WENGER, 1998), com a peculiaridade de haver indivíduos com bases de conhecimento diversas colaborando para atingir um objetivo comum.

Capdevilla (2014) aponta ainda que a dinâmica colaborativa em um *coworking* pode se dar de maneira formalizada, com acordos de colaboração formais, ou de maneira informalizada, com fluxos orgânicos de interação e transferência de conhecimento.

Toda essa dinâmica colaborativa leva à criação de capacidades localizadas específicas, uma espécie de base de capacidades só existente naquele contexto. O autor (CAPDEVILA, 2014), ao notar isso, compara essa dinâmica com a atmosfera industrial de Marshall, específica do local e difícil de ser replicada em outro contexto. Reforçando essa singularidade, o autor destaca a existência de *links* verticais e horizontais únicos, possibilitando a existência de fluxos sinérgicos e condições de concorrência também únicos.

Gandini (2015), no mesmo sentido, compreende que, para que *coworkings* atinjam seu potencial de lócus caracterizado pela existência de intenso *networking* e colaboração, os seus integrantes devem estar imbuídos do intuito de se associar. E, para o referido autor, é a disposição de se engajar em parcerias colaborativas entre *coworkers*, dotados de habilidades complementares, que faz nascer uma preocupação com a construção de reputação e uma forte tendência a incremento de produtividade.

Em um estudo realizado frente à profissionais inseridos em *coworkings* na cidade de Milão (COLLEONI e ARVIDSSON, 2014), dois dos aspectos mais relevantes de tais estruturas — destacados pelos integrantes como motivadores de sua opção por um

determinado espaço — foram a busca por um senso de comunidade e a realização de atividades interativas de fomento à criação de redes de relacionamentos. Demonstra-se, assim, a relevância atribuída à aquisição de contatos e à construção de uma reputação na cena profissional.

Nesse sentido, o mesmo estudo (COLLEONI e ARVIDSSON, 2014) demonstra que tais profissionais foram capazes de expandir suas redes de clientes e colaboradores após se inserirem em tais estruturas, bem como aumentaram seus ganhos.

É possível inferir, assim, que integrantes de *coworkings* tendem a internalizar uma racionalidade econômica voltada a enxergar as práticas de *networking* como uma ferramenta para a construção de reputação. Portanto, Gandini (2015) defende que espaços de *coworking* não devem ser enxergados apenas como *hubs* de conhecimento, mas principalmente como ambientes marcados por estratégias que envolvem cultivar relacionamentos interpessoais estáveis, por meio de constante interação social e profissional.

Ainda quanto ao aspecto da reputação, Julie Fabbri e Florence Charue-Duboc (2014) ressaltam o quanto esta é capaz de se traduzir em um potencial de obtenção de recursos externos, tais como financiamento e facilidade de recrutamento. Firms inseridas em um espaço de *coworking* ao qual se atribua elevado nível de profissionalismo tendem a gozar de mais credibilidade do que firmas isoladas.

Portanto, quando se faz um esforço de enxergar as vantagens oferecidas por um espaço de *coworking* para o profissional da economia do conhecimento, há que se ir além dos fluxos de informação gerados em tais ambientes. A possibilidade de estabelecer redes de relacionamentos, construir reputação e acessar recursos externos é também bastante relevante para o desenvolvimento dos empreendimentos ali inseridos.

Portanto, com base em tais ponderações, *coworkings* devem ser considerados mais do que meras espécies de economias de aglomeração. Há que se considerar a importância das redes de interação construídas em seu interior, cujas dinâmicas de fluxos de conhecimento, recursos e confiança são vitais (CAPDEVILA, 2014).

2.1.5. Dimensões críticas extraídas da literatura de *coworkings*

Com base, portanto, nas referências de literatura especializada colacionadas ao presente estudo, faz-se um esforço para identificar as principais dimensões críticas de estruturas de *coworking*, que ajudam a explicar o diferencial de tais estruturas de trabalho em termos de potencial inovativo e competitivo.

Tal esforço tem por objetivo nortear o olhar que será direcionado à literatura referente à sistemas de inovação, eleita como base para — ao lado da literatura aqui explorada — consolidar o referencial teórico que dará substância à pesquisa qualitativa a ser realizada no presente trabalho.

Nesse sentido, as dimensões críticas aqui identificadas serão combinadas com aquelas a serem exploradas adiante, de forma a construir de uma metodologia que irá permitir identificar se as economias de aglomeração, externalidades e fluxos ocorridos nos contextos analisados também podem ser observados no interior dos *coworkings* que serão objeto desse trabalho.

O objetivo final, aqui, é verificar se as dimensões críticas observadas e tipificadas em sistemas de inovação estão presentes e em que nível, nos *coworkings* estudados, bem como se há outras dimensões que os caracterizam e se traduzem em diferenciais competitivos e inovativos.

Com base no referencial trazido sobre *coworkings* pode-se identificar as seguintes dimensões críticas principais:

- (i) os processos de aprendizado, reforçados pelos fluxos de conhecimento e informação ocorridos no interior de tais estruturas;
- (ii) a dinâmica colaborativa desenvolvida entre os integrantes;
- (iii) esforços proativos e intencionais de promover sinergias em razão da proximidade física e cognitiva dos atores, bem como da estrutura do espaço e políticas internas;
- (iv) dimensão de comunidade e pertencimento, pautada pela construção de laços de confiança e compartilhamento de valores comuns; e
- (v) dimensão que se traduz na construção de uma espécie de um *networking* de segurança, respaldado pela reputação alcançada em razão da inserção em determinado espaço de *coworking*, que oferece sustentação na hipótese de fracassos, gerando estímulo à experimentação e inovação.

Partindo de tais dimensões, será feito agora um esforço de direcionar um olhar analítico para a literatura de sistemas de inovação, de forma a encontrar eco para tais dimensões em seu referencial e nutrir a análise que será realizada sobre os espaços selecionados nesse trabalho.

2.2. Abordagem de Sistemas de Inovação

Nesse ponto, foi realizado um esforço para reunir as principais contribuições do referencial teórico selecionado, de forma possibilitar a construção de um ferramental analítico apropriado para investigar espaços de *coworking* e seus fenômenos e elementos intrínsecos relacionados a sua vocação inovativa e competitiva.

Essa etapa da revisão encontra-se estruturada de forma a possibilitar que se apresente em linhas gerais a abordagem de Sistemas de Inovação, bem como subtemas relacionados a Sistemas Regionais e Locais de Inovação — estes sendo mais afeitos às dimensões que se pretende explorar.

Essa etapa de revisão também se dedica à exploração dos aspectos gerais de tais abordagens e das dimensões críticas a elas relacionadas, que remontam a fenômenos e aspectos observados em espaços de *coworking*.

No entanto, antes de adentrar tal etapa do trabalho, mostra-se relevante repisar alguns dos elementos que respaldaram a escolha desse corpo de literatura como principal referência para a análise pretendida.

2.2.1. Introdução ao corpo de literatura de referência

Tendo em vista que a finalidade do presente trabalho é realizar um esforço investigativo acerca da presença e intensidade, em *coworkings*, dos fluxos produtivos, de conhecimento, bem como externalidades e sinergias sistêmicas identificadas na literatura de aglomerações produtivas, optou-se por eleger um corpo de literatura que melhor trabalha, na visão do autor, os aspectos centrais e especificidades de tais espaços.

A literatura de sistemas de inovação, nesse sentido, identifica de forma precisa as principais dimensões críticas que servirão de norte para a investigação a ser realizada. Afinal, trata-se de um referencial que reconhece que a inovação normalmente resulta de processos de conhecimento e aprendizagem complexos, interativos e cumulativos, com a participação de diversos atores (TANG et al., 2015).

Considerando que dentre os principais aspectos diferenciais de espaços de *coworking* — conforme identificado na literatura específica — estão processos de aprendizado, dinâmica interativa e construção de *networking*, a abordagem de sistemas de inovação tem o potencial de servir como ótimo referencial analítico para o presente estudo.

2.2.2. Sistemas de Inovação

De acordo com Freeman (1987), um sistema nacional de inovação poderia ser descrito como o conjunto de relações empreendidas por diversos atores produtivos, formando um arcabouço institucional em regra voltado a contribuir para o progresso tecnológico, mas que também gera impactos no desenvolvimento socioeconômico.

Lundvall (1992), na mesma linha, entende que um sistema nacional de inovação é constituído por todos os elementos e relações da estrutura econômica e institucional de um país, que interagem na produção, na difusão e na utilização de novos conhecimentos economicamente úteis.

Em uma perspectiva mais geral, ou seja, sem a submissão a um recorte geográfico definido, é possível afirmar que se entende por sistemas de inovação as articulações entre instituições públicas e privadas, políticas públicas e estruturas de governança, voltadas principalmente à geração e difusão de novas tecnologias, sendo a inovação e o aprendizado seus aspectos cruciais.

Sob uma ótica nacional, tal sistema teria como principais atores o Estado, universidades e centros de pesquisa e o setor produtivo, representado por firmas dedicadas a incorporar os avanços atingidos e introduzi-los no mercado.

Tal caracterização, contudo, é identificada por Cassiolato e Lastres (2008) como uma visão restrita. Segundo os autores, sistemas de inovação poderiam ser definidos como um conjunto de diferentes instituições que contribuem para o desenvolvimento da capacidade de inovação e aprendizagem de um país, região, setor ou localidade. Tais sistemas compreenderiam uma série de elementos e relações que associam a produção, assimilação, uso e difusão do conhecimento.

A abordagem de sistemas de inovação se contrapõe, assim, à visão de um mundo supostamente integrado globalmente, enfatizando o caráter localizado e específico dos processos de aprendizado e de inovação. Confere-se, em tal processo, grande importância ao conhecimento tácito, bem como às instituições, organizações, políticas, traços culturais e trajetórias históricas. O processo de aprendizado se daria, sob tal ótica, eminentemente por interação, nos âmbitos nacional, regional e local, envolvendo, além do setor produtivo, outros agentes (FREEMAN, 1995).

O avanço da agenda de pesquisa no campo da literatura de sistemas de inovação, revelou a importância de considerar, com maior atenção, os fenômenos que se dão em escala

geográfica menor, privilegiando os diversos aspectos que derivam da maior proximidade física entre os atores.

Dessa forma, apesar de compreender a importância e pertinência do corpo de literatura voltado a sistemas nacionais de inovação, os elementos considerados essenciais para a presente análise são explorados de forma mais precisa na literatura voltada a recortes geográficos menores, nos quais efetivamente se concretiza a experiência da copresença.

No escopo da literatura de sistemas de inovação, identificam-se dois grandes corpos de contribuição que exploram tal dimensão reduzida. De um lado, há a literatura de sistemas regionais de inovação e de outro, percebem-se esforços de construção conceitual de sistemas locais de inovação e arranjos produtivos locais (APLs).

No entanto, esse estudo não tem por objetivo explorar as nuances que podem suscitar divergências entre tais abordagens, ou dar ênfase a questões específicas dentro destes dois corpos de contribuição. Apesar de se reconhecer tais divergências, o objetivo aqui é identificar e extrair os fatos estilizados convergentes entre tais literaturas, que derivam da aplicação do referencial de sistemas de inovação a uma dimensão territorial em que a copresença e interação presencial frequente é um fenômeno relevante⁹. E tal objetivo demanda um enfoque maior nas abordagens de cunho regional e local.

2.2.3. Sistemas regionais de inovação

Para compreender a abordagem de sistemas regionais de inovação (SRI), há que se assimilar primeiramente o grau de relevância do conhecimento tácito nas modernas dinâmicas competitivas e de inovação.

Asheim e Gertler (2006) defendem que no atual contexto globalizado, o domínio de formas de conhecimento codificado e explícito não constituem um diferencial tão relevante do ponto de vista competitivo. Assim, o ingresso em uma dinâmica de competição pautada pelo desenvolvimento de capacidades únicas e produtos diferenciados depende em larga medida da criação e uso de conhecimentos de natureza tácita.

A dinâmica moderna de inovação moderna seria então marcada pela crescente importância de processos de aprendizado organizados e, portanto, dependente de constantes interações e fluxos de conhecimento entre entidades econômicas, organizações de pesquisa e

⁹Há que se reconhecer que ao se valer de recortes regionais, a literatura de sistemas regionais de inovação não necessariamente se pauta pela dimensão da copresença, uma vez que essa não é necessária ao referido recorte. No entanto, serão extraídos da referida literatura os fatos estilizados que ajudarão a construir um referencial analítico que considere tal dimensão.

agências públicas.

Tal dependência é em parte explicada, segundo Asheim (2001), pelo fato de que o conhecimento tácito não é capaz de viajar longas distâncias e sua transmissão é altamente dependente de interação face-à-face entre atores que compartilham convenções e códigos de comunicação específicos a um determinado contexto social e institucional. O aprendizado coletivo e interativo, portanto, dependeria do entendimento de determinados códigos locais, sobre os quais se baseiam o conhecimento tácito (e também o codificado em sua forma desincorporada).

Partindo de tais pressupostos, a abordagem em questão tem como elemento central de seu arcabouço conceitual o entendimento de que o processo de aprendizagem se dá predominantemente por interação e, assim, a produção de conhecimento tácito ocorre simultaneamente ao ato de transmissão¹⁰. Essa dinâmica leva a um processo social de inovação e de produção de conhecimento conjuntos (ASHEIM e GERTLER, 2006).

Com base em tais postulados, sistemas regionais de inovação podem ser pensados como infraestruturas institucionais de apoio à inovação¹¹, inseridas na estrutura produtiva de uma determinada região (ASHEIM e GERTLER, 2006)¹².

Já o caráter sistêmico de um sistema regional de inovação está ligado ao fato de se tratar não de um mero conjunto de relações entre entidades envolvidos em processos inovativos, mas, mais do que isso, tais sistemas são marcados por uma perspectiva de rede, sempre envolvendo algum grau de interdependência entre os atores (ASHEIM e GERTLER, 2006).

Essa característica se liga à comentada necessidade de constante interação entre os agentes, no contexto de processos de aprendizado que envolvem o predomínio do

¹⁰Para os autores (ASHEIM e GERTLER, 2006) o conhecimento não fluiria unilateralmente, do produtor para o usuário, mas se desenvolveria na forma de um processo interativo em que os usuários contribuiriam com feedbacks, traduzidos em conhecimento tácito que possibilitaria o desenvolvimento de inovações em benefício de todos.

¹¹ Conforme será retomado adiante, é importante ressaltar que o trabalho de Julia Zardo (2017) contribui para denotar a convergência entre a dimensão institucional enxergada sob a lente dos SRIs e as estruturas institucionais – sobretudo de natureza informal – construídas de forma mais ou menos orgânica e voluntária em espaços de *coworking*.

¹² É importante ressaltar que a literatura atinente a sistemas regionais de inovação não parece respeitar uma perspectiva de recorte bem definida e consistente, apresentando algumas contradições internas. Nesse sentido, ressalte-se que, ao se referir à dimensão de governança, a referida literatura privilegia regiões mais amplas, cujas estruturas são marcadas por composta tanto por organizações privadas representativas, à exemplo de filiais de associações industriais e câmaras de comércio; como por organizações públicas, como órgãos regionais com poderes delegados do nível nacional para promover apoio a empresas e inovação (COOKE et al., 2000). Já quando trata de aspectos relacionados a aprendizado, privilegia recortes mais reduzidos, nos quais efetivamente se observa o fenômeno da copresença.

conhecimento tácito. Assim, à medida que o formato interativo de aprendizado e inovação ganha importância, é mais provável que essas relações se tornem regionalmente contidas, denotando a importância da dimensão regional (ASHEIM e GERTLER, 2006).

Todo esse arcabouço teórico denota a relevância, para o corpo de literatura de SRI, da dimensão da proximidade física entre agentes, alinhando-se assim com os fenômenos que pretendem ser investigados nesse trabalho, uma vez que a mesma dinâmica de aprendizado interativo será buscada nos espaços de *coworking* analisados.

Até mesmo na identificação de diferentes formatos de sistemas regionais de inovação, Asheim e Gertler (2006) acabam por proporcionar um paralelo bastante preciso com a dinâmica observada pela literatura em *coworkings*, demonstrando que a abordagem de SRI também converge com a investigação proposta nesse trabalho.

Os autores destacam que, dentre as espécies identificadas, haveria SRIs marcados por uma mais profunda imersão territorial, em que a inovação praticada pelas firmas seria baseada principalmente em processos localizados de aprendizado, estimulados pela proximidade geográfica, social e cultural¹³.

Ao observar como tais diferentes modalidades de SRIs são identificadas, é possível perceber que os autores atentam para uma espécie de níveis de gradação em termos de sinergia e atmosfera colaborativa no interior dessas estruturas, categorizando-as conforme o grau de imersão com a região. Tal imersão se traduz em maiores ou menores níveis de colaboração e interação produtiva e inovativa entre os atores, exatamente como ocorre em *coworkings* com diferentes características estruturais, organizacionais e institucionais.

Cooke (2001) apresenta uma discussão amplamente convergente, mas que traz nuances distintas no que se refere a alguns dos conceitos centrais que devem ser compreendidos quando da análise da abordagem de sistemas regionais de inovação.

Um desses conceitos é o de rede, traço indispensável a um sistema regional de inovação, entendido como um conjunto de relações de confiança recíprocas, reputacionais ou costumeiras, baseadas na cooperação entre os atores na busca de interesses comuns.

¹³Os autores identificam também SRIs que — apesar de também imersos na região e nos seus processos interativos de aprendizado — seriam caracterizados por uma maior intervenção de políticas, um fortalecimento intencional da infra-estrutura institucional voltada ao incremento da capacidade inovativa e da cultura de colaboração e, ainda, um terceiro tipo de SRI, marcado pelo menor grau de imersão na região, entendido como um sistema nacional regionalizado. Nessa última espécie de sistema, considerável parcela do setor produtivo estaria mais integrado com sistemas de recorte nacional ou internacional, com processos de inovação ocorrendo sobretudo com base em cooperação com atores externos. Trata-se de um modelo de desenvolvimento com maior participação de atores externos e com uma colaboração interna de molde mais linear, com cooperações pontuais dirigidas a projetos específicos.

Há também a interação como conceito chave, caracterizada pela promoção de reuniões e outros meios formais ou informais de troca de informação, focadas em inovação, de tal modo que membros da rede possam se associar para aprender, criticar ou buscar idéias ou práticas específicas para projetos de relevância coletiva ou individual.

Assim, segundo Cooke (2001), a existência ou não de uma característica de sistema de inovação em uma determinada região pode ser aferida com base na intensidade da interação sistêmica inovativa ali ocorrida, bem como na capacidade de aprendizagem da sua rede de atores¹⁴. Tal interação pode ser ainda fomentada por uma estrutura de governança interativa, dedicada a promover fluxos de conhecimento entre firmas e organizações.

O autor identifica, nesse aspecto, as dimensões chave — organizacionais e institucionais — de uma determinada região que se traduzem em um maior ou menor potencial sistêmico de desenvolvimento.

Tais aspectos definiriam, para o autor, em que grau a região em questão está imersa em hábitos compartilhados — ou normas informais — referentes a práticas de cooperação, interações baseadas em confiança e relacionamentos comerciais informais, fomentando a inovação sistêmica através de uma rede de parcerias e conexões. Esse conjunto de características é albergado pelo conceito de “*embeddedness*” (COOKE, 2001)¹⁵.

A referida concepção traz em si uma das principais contribuições ao presente estudo identificadas na abordagem de sistemas regionais, uma vez que se vincula a uma clara ideia de imersão em uma atmosfera de colaboração, confiança e inclusão. Tais dimensões caracterizam em grande medida o contexto que se pretende identificar em espaços de *coworking*.

Sumarizando o seu entendimento, Cooke (2001) considera que a análise de sistemas

¹⁴ Ao sugerir uma perspectiva binária, estabelecendo requisitos para que uma região se caracterize ou não como sistema de inovação, o autor diverge fortemente dos principais avanços recentes na literatura de sistemas de inovação, tanto em perspectiva ampla, quanto em sua aplicação a espaços locais. Estes avanços reconhecem cada vez mais o referencial de sistemas de inovação como uma forma de analisar e entender as articulações e processos de geração, difusão e uso de conhecimento que se dão em qualquer estrutura produtiva. No entanto, conforme visto em seguida, Cooke (2001) relativiza a referida visão, ao compreender que não se trata de uma perspectiva dual, buscando descrever critérios que permitem aferir o grau de intensidade e qualidade dos vínculos e processos identificados em tais estruturas.

¹⁵ A nível institucional, a característica de “*embeddedness*” se traduz em uma atmosfera cooperativa, ou seja, na propensão ao estabelecimento de parcerias, práticas de aprendizagem interativa e colaborativa e na busca por consenso. A nível organizacional, percebe-se relações de trabalho pautadas em confiança, preocupação com capacitação da mão de obra e propensão ao compartilhamento de conhecimentos referentes à inovação com outras firmas. A nível de governança, a região imersa em tal sentimento coletivo seria caracterizada pela promoção de inclusão, realização de monitoramento de práticas, consultas públicas aos atores participantes, delegação de atribuições e propensão ao estabelecimento de redes envolvendo os formuladores de políticas (COOKE, 2001).

regionais de inovação deve se nortear por três principais frentes: interações no contexto de um processo inovativo, o papel das instituições no sentido de amparar tais processos e as ferramentas utilizadas por formuladores de políticas para operacionalizar tal dinâmica.

2.2.4. Sistemas locais de inovação e arranjos produtivos locais

Outros corpos de literatura que devem ser igualmente considerados relevantes para a presente análise são as abordagens de sistemas locais de inovação e arranjos produtivos locais (APLs). Como se verá, os referidos corpos teóricos contém traços de grande relevância para a análise pretendida no presente trabalho.

Trata-se de abordagens que privilegiam o espaço local, recorte que indiscutivelmente merece destaque em termos de dinâmica de construção de competências e estímulo à inovação. Pode-se afirmar que tal constatação se deve eminentemente à importância do conhecimento tácito e sua transmissão pela interação direta e frequente, bem como às relações de identidade, solidariedade e confiança que emergem do compartilhamento de uma mesma trajetória histórica (Albagli, 1999).

Cassiolato e Lastres (2003) compreendem a importância da dimensão local, em função principalmente dos processos de aprendizagem coletiva, cooperação e dinâmica inovadora que se desenvolvem em tal contexto – podendo inclusive constituir focos de políticas públicas de promoção de desenvolvimento.

Lynn Mytelka (2000), seguindo a linha de sistemas locais de inovação, defende que um sistema de inovação consistiria em uma rede de agentes econômicos, juntamente com as instituições e políticas que influenciam seu comportamento e performance inovadores.

A autora identifica, nesse sentido, algumas dimensões críticas relacionadas aos sistemas de inovação em perspectiva local, de forma a ressaltar as vantagens obtidas em razão da inserção em tais sistemas, que se traduzem em economias de aglomeração ou externalidades positivas.

Mytelka (2000) identifica, assim, uma dimensão de relacionamentos verticais, entre usuários e produtores – que reduz custos de informação e comunicação e riscos associados à introdução de novos produtos – bem como colaborações horizontais entre firmas que ocupam a mesma etapa da cadeia produtiva – reduzindo custos de transação e otimizando processos de solução de problemas e acesso a mercados (MYTELKA, 2000).

As externalidades positivas identificadas nessa dinâmica seriam a disponibilidade de mão-de-obra qualificada, de certos tipos de infraestrutura, a ocorrência de intercâmbios

informais geradores de inovação e aprendizagem, possibilitados pela adoção de convenções.

A autora compreende que, onde a competição é baseada em estratégias de preços e custos de produção, ao invés de se dar em função da qualidade, avanço tecnológico e inovação de produtos, as relações de cooperação tornam-se mais difíceis (MYTELKA, 2000). Albagli e Maciel (2003), nesse sentido, reconhecem que relações puramente de mercado são incapazes de estimular o compartilhamento de conhecimentos e informações indispensáveis aos processos de inovação e aprendizado. Para as autoras, são valores relacionados ao capital social — tais como confiança, rede, comprometimento e valores compartilhados — os responsáveis pelos necessários processos de intercâmbio de conhecimentos e habilidades.

De forma convergente, a abordagem de arranjos produtivos locais¹⁶ pauta-se por um esforço de enxergar os processos de geração e uso de conhecimentos e capacitações produtivas e inovativas como fruto de uma dinâmica de interações entre empresas e demais atores econômicos e sociais¹⁷ (MATOS, CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017).

Já no que tange ao conceito de APLs buscou-se privilegiar a análise de interações, em especial aquelas que levam à introdução de novos produtos e processos, bem como as relações subjacentes, voltadas à geração, aquisição e difusão de conhecimentos (CASSIOLATO e LASTRES, 2003).

Nesse sentido, arranjos produtivos locais podem ser caracterizados como aglomerações territoriais de atores econômicos, políticos e sociais vinculados e voltados a um conjunto de atividades econômicas interligadas. Em regra, tais estruturas envolvem firmas — bem como suas variadas formas de associação e representação —, além de instituições públicas e privadas de pesquisa, desenvolvimento, capacitação e formação de recursos humanos, instâncias políticas e órgãos de promoção e financiamento (CASSIOLATO e LASTRES, 2003).

A referida abordagem, portanto, privilegia a investigação das relações travadas entre firmas e demais atores, bem como de elementos ligados aos fluxos de conhecimento, processos de aprendizado e capacitação, proximidade geográfica e traços identitários comuns,

¹⁶ Embora adote uma perspectiva sistêmica dos processos produtivos e inovativos, o termo “arranjo” em vez de “sistema” busca justamente explicitar que são potenciais objetos de análise todos os tipos de configurações produtivas, uma vez que interações, aprendizado e transformações estão presentes em todos eles em algum grau (Szapiro et al., 2017).

¹⁷ A abordagem de APLs também ressalta a importância de acessar o *pool* de conhecimentos e tecnologias advindos de fluxos internacionais. No entanto, tal aproveitamento depende do desenvolvimento das capacitações necessárias para aproveitar tais oportunidades (MATOS, CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017).

como elementos geradores de diversidade e diferencial competitivo (CASSIOLATO e LASTRES, 2003).

Le Bourlegat e Falcón (2017)¹⁸, por sua vez, entendem que APLs poderiam ser concebidos como uma forma de organização econômica, caracterizada pelo conjunto de saberes e competências específicos, que se traduziriam na geração de uma gama própria de produtos e serviços. Tais traços diferenciadores se deveriam, principalmente, às relações não mercantis e sociais características daquele recorte, desenhadas e reproduzidas com base em experiências anteriores bem sucedidas, aptas a construir uma base de conhecimento compartilhada e confiança. Tal noção pode ser facilmente transportada para a realidade de *coworkings*.

Já segundo Guillaume (2008), a dimensão institucional formal também teria papel relevante nessa lógica, representada por um conjunto de regras construído coletivamente para reger as relações comerciais e sociais de tais sistemas.

Portanto, a abordagem de APLs confere grande relevância aos elementos institucional e social, com seus contextos específicos — sistemas cognitivos, regulatórios, formas de articulação, processos de aprendizado, etc. — exercendo papel central nos processos locais de geração e difusão de conhecimento.

Assim, um ponto relevante das referidas abordagens é a compreensão de que o conhecimento não é neutro e nem autônomo, sofrendo assim importante influência do contexto em que é gerado e difundido. Denota-se, portanto, a relevância de se considerar as especificidades do local — pessoais, organizacionais, institucionais, etc. — para realizar a análise dos processos inovativos, de geração e difusão de conhecimento (MATOS, CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017).

Campos et al. (2003) entendem que, no contexto de APLs, a existência de organizações e instituições ligadas ao recorte local, bem como a articulação sistemática entre os atores possibilita um incremento nas capacidades produtiva e inovativa locais. Os autores apontam que, em tal contexto, processos de aprendizado não são fenômenos isolados, mas têm origem em relevante processo de acumulação de experiências e inovações incrementais que levam à construção de competências e à combinação de tais conhecimentos com outros provenientes de fontes externas. A aprendizagem, assim, se dá em grande medida por interação, entre firmas e entre estas e as organizações locais dedicadas à ciência e tecnologia.

¹⁸ As autoras aportam contribuições de outras correntes teóricas para a discussão dos arranjos produtivos locais. Portanto, mesmo que em seu texto façam referência aos sistemas produtivos locais, sua contribuição pode ser entendida como aportes para a análise dos APLs.

No entanto, a dinâmica de tais interações é condicionada à possibilidade de transferência de informações e conhecimentos, bem como às especificidades da dinâmica de inovação desenvolvida no contexto local. Tais condicionantes estão relacionados ao regime tecnológico em vigor¹⁹ e, conseqüentemente, à base de conhecimento que caracteriza as atividades desenvolvidas.

A natureza tácita ou codificada do conhecimento predominante em determinado contexto produtivo e inovativo condiciona a forma como se dará sua transferência. Em se tratando de conhecimento predominantemente tácito, há maior necessidade de contatos face-à-face e proximidade física entre os agentes, sendo também relevantes o contexto social, a proximidade cultural e institucional — sendo essa caracterizada pelas normas, convenções e valores comuns, que regem o compartilhamento (CAMPOS et al., 2003).

Outro traço relevante de tais abordagens — que pode ser destacado como importante ponto de convergência com a investigação a ser aqui realizada — refere-se ao fato de as unidades de investigação não se subsumirem à conceitos e recortes clássicos, mas privilegiarem a relação entre o território e as atividades ali desempenhadas. Tal característica se alinha com o prisma analítico que servirá para observar o contexto dos *coworkings* investigados e as relações travadas em seu interior (CASSIOLATO e LASTRES, 2003).

O destaque principal, contudo, está ligado ao fato de tais abordagens privilegiarem a dimensão local, lócus onde se dá o aprendizado, a criação de capacitações e os fluxos de conhecimento, à exemplo do que se espera observar em espaços de *coworking*.

A referida literatura reconhece que diferentes dinâmicas de interação e aprendizado criam capacitações específicas ao local. Nesse sentido, Cassiolato e Lastres (2003) destacam que a adoção ou não de uma postura proativa no sentido de promover a mobilização e enraizamento de capacidades inovativas e produtivas pode influenciar profundamente o

¹⁹ A noção de regime tecnológico já foi aqui abordada como um dos elementos condicionantes da configuração de espaços de *coworking*. Cabe aqui, contudo, esclarecer que tal conceito também contribui para moldar as formas de interação, de transferência de conhecimentos e a dinâmica de inovação de um recorte local. Como já visto, o regime tecnológicos é integrado por elementos que se combinam, tais como a base de conhecimentos e oportunidades tecnológicas do contexto local, bem como as condições de apropriabilidade sobre os esforços de construção de conhecimentos e comparências. Assim, um sistema local caracterizado por um conjunto de atividades dependentes de um conhecimento base de natureza tácita, complexa e específica em regra irá demandar processos de aprendizagem interativos mais intensos e, portanto maior proximidade entre os agentes. Por outro lado, em um contexto onde as atividades são caracterizadas por um conhecimento base essencialmente codificado e genérico, as interações presenciais e a proximidade entre agentes não são tão relevantes (CAMPOS, CARIO, NICOLAU e VARGAS, 2003). Portanto, diferentes regimes tecnológicos influenciam a dinâmica interativa de aprendizado e colaboração do local, da mesma forma como ocorre em *coworkings*. No entanto, como será melhor abordado no item de metodologia, o presente estudo, em função de sua limitação temporal, não se dedicará à explorar as nuances em termos de regimes tecnológicos e sua influência na configuração dos *coworkings* investigados, privilegiando espaços de composição heterogênea.

contexto local — tal como ocorre em *coworkings*.

No que tange especificamente à importância do contato face-à-face, é necessário ressaltar que as principais contribuições referentes a tal elemento não pertencem à linha teórica de sistemas locais de inovação e arranjos produtivos locais, mas sim ao campo da geografia econômica, com Storper e Venables (2004) sendo sua principal referência.

A importância conferida por tal contribuição teórica à dimensão local constitui, assim, a principal razão pela qual esta guarda convergência com os fatos estilizados que se pretende extrair das abordagens de SPLs e APLs. Afinal, como já esclarecido, um dos enfoques investigativos do presente estudo é a identificação, em espaços de *coworking*, dos fenômenos ligados à dimensão da copresença aptos a se traduzirem em diferencial competitivo e inovativo.

Contudo, dado o alinhamento do tema com uma das principais dimensões críticas a serem destacadas nessa seção, o *face-to-face* será abordado mais adiante, em item específico mais apropriado ao seu exame.

2.2.5. Aspectos convergentes entre as abordagens de sistemas de inovação

Vistas as linhas gerais e as dimensões mais relevantes para o presente trabalho das abordagens de sistemas de inovação em perspectiva regional e local, passa-se agora a um esforço no sentido de indicar em que medida tais contribuições convergem entre si e com o presente estudo.

Como visto, as abordagens acima exploradas são enfáticas em conferir elevada importância aos processos interativos de construção de conhecimentos e competências. Para todos os autores citados, o processo inovativo ocorrido nos contextos analisados — independente do caráter regional ou local — estaria fortemente ligado a uma atmosfera colaborativa de confiança recíproca, marcada por constantes interações face-à-face, pelo compartilhamento de valores, normas e códigos comuns, mas também seria marcado por uma estrutura institucional voltada à promoção de tais sinergias.

Percebe-se assim que nos recortes explorados as abordagens discutidas dão um grau considerável de importância à dimensão da copresença — mesmo que essa não seja indispensável à caracterização de recortes regionais. Tal dimensão é marcante no que tange ao fomento de processos inovativos pautados pela circulação e compartilhamento de capacitações e conhecimentos específicos ao contexto local.

É exatamente a partir de tais elementos convergentes — associados às dimensões

críticas de espaços de *coworking* reveladas pela sua literatura específica — que será lançado um olhar analítico aos espaços investigados, de forma a extrair dos mesmos a constatação acerca da presença e intensidade dos fenômenos e elementos buscados.

No entanto, para melhor direcionar tais esforços será feita agora uma análise dos principais fatos estilizados identificados pelas literaturas ora exploradas, de forma a compreender como estes se ligam às dimensões que serão utilizadas como base para a investigação.

2.2.5.1. Dimensões de capital social e arranjo institucional informal

Uma das mais relevantes dimensões críticas de um sistema de inovação em perspectiva local (ou regional) é seu capital social, de onde tende a derivar sua dimensão institucional informal. Para uma melhor caracterização desta dimensão, é propício o recurso a autores de referência para além da literatura de sistemas de inovação.

Segundo Pierre Bourdieu (1980), capital social poderia ser definido como “o agregado de recursos reais ou potenciais que estão ligados à participação em uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de mútua familiaridade ou reconhecimento”.

Já Coleman (1994), sob uma ótica mais voltada ao aprendizado e ao desenvolvimento cognitivo, reconhece a natureza de elemento produtivo do capital social, que condiciona a obtenção de determinados resultados e serve para facilitar determinadas ações dos indivíduos nele inseridos²⁰.

Putnam (1993), em seu turno, concebe a ideia de capital social como um conjunto de traços que caracterizam a vida social, tais como redes, normas e confiança, e facilitam a ação conjunta em prol de objetivos comuns. Trata-se de uma perspectiva mais instrumental, que encontra eco em Albagli e Maciel (2003), ao caracterizarem o capital social como recursos existentes em relações sociais, que compreenderiam um ativo ligado ao pertencimento a uma comunidade e os benefícios advindos dessa condição.

Tal linha de entendimento converge em grande medida com a noção de atmosfera colaborativa, observada pela literatura especializada, no interior de espaços de *coworking*. Afinal, são esses alguns dos principais traços que definem a configuração de um espaço e ditam a intensidade das sinergias observadas.

²⁰ O autor (COLEMAN, 1994) identifica três formas de capital social. A primeira estaria ligada à aceitação mútua de obrigações, como função da confiança compartilhada pelos indivíduos. A segunda forma diria respeito aos canais por meio dos quais ocorrem trocas de informação. Por fim, haveria as normas e sanções (formais e informais) que estimulariam os indivíduos a abandonarem interesses próprios, em prol de um bem comum.

Pode-se dizer, assim, que a ideia de capital social está ligada à perspectiva de pertencimento a um grupo, uma identidade que define os membros de uma comunidade e se traduz em compartilhamento de elevados níveis de confiança e intensos fluxos de informações. A dimensão institucional que se origina de tal dinâmica pode ser descrita como um corpo de regras ou convenções que guiam as ações dos integrantes, normalmente em decorrência de costumes reiterados.

Tal dimensão social se funda, entre outros aspectos, na confiança, descrita por Albagli e Maciel (2003) como uma resposta racional dos atores econômicos às oportunidades e restrições do ambiente, conferindo eficiência às relações travadas. Trata-se da credibilidade resultante de interações sucessivas bem sucedidas entre atores econômicos (WOOLCOCK, 2000), que, de forma agregada, se desdobrariam em uma rede de confiança recíproca e compartilhada.

A confiança estimularia a interação, fomentando uma atmosfera de reciprocidade generalizada, característica essencial do capital social, segundo Putnam (2000).

Tal processo dinâmico de relações sociais contribui para a construção de conhecimento tácito localizado, importante catalizador de processos de criação e difusão de inovações (ALBAGLI e MACIEL, 2003)²¹.

A abordagem de arranjos produtivos locais (APLs) confere elevada importância aos processos de intercâmbio sistemático de informações produtivas, tecnológicas e mercadológicas, bem como à integração de competências mediante a realização de processos conjuntos (MATOS, CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017). Trata-se de elementos impulsionadores dos processos inovativos.

Processos de aprendizagem em geral estão ligados à possibilidade de interações facilitadas pelo compartilhamento de códigos, normas e convenções comuns, que influenciam diretamente as relações de confiança e, assim, constituem um aspecto do capital social (CAMPOS, CARIO, NICOLAU e VARGAS, 2003)²².

²¹ Nesse sentido, é importante ressaltar que, conforme revelado no já citado estudo de Julia Zardo (2017), *coworkings* – à exemplo de APLs – tanto podem apresentar processos naturais de constituição de capital social, como podem ser caracterizados por esforços voluntários e formais para fortalece-lo. Trata-se de um traço ligado à dimensão institucional do espaço, que pode ou não ser desenhada para contribuir para o fortalecimento de tais fluxos. Tal insight permite estabelecer uma interessante convergência entre a abordagem de sistemas de inovação – especialmente em perspectiva regional e local – e a lógica institucional de espaços de *coworking*.

²² Segundo Le Bourlegat e Falcón (2017), APLs seriam marcados por uma trajetória histórica específica, que se reflete na existência de uma memória coletiva, bem como de valores culturais e capital cognitivo compartilhados. Esse contexto favoreceria uma capacidade de aprendizado coletiva e um sentimento de pertencimento ligado ao território. Tal dinâmica se traduziria num ambiente propenso à reflexão racional pautada em uma base cognitiva comum, levando, portanto, a maiores níveis de inovação.

Portanto, APLs poderiam ser caracterizados como espaços de coordenação entre os integrantes com vistas à solução de problemas, por meio do estabelecimento de projetos comuns. Competências complementares seriam mobilizadas pelos atores do sistema, traduzindo-se posteriormente no estabelecimento de relações efetivas.

Tal caracterização mostra-se perfeitamente aplicável à dinâmica de *coworkings*, em que relacionamentos sociais se transformam em colaborações produtivas, por meio da combinação de habilidades complementares. Tudo isso permeado por um sentimento de comunidade típico de tais ambientes.

Doloreux e Parto (2005) defendem que a inovação pode ser pensada como fruto de relacionamentos sociais que se desenvolvem ao longo do tempo, prescrevendo funções comportamentais e moldando expectativas.

Essa complexa rede de relações sociais seria capaz de formar uma identidade comum aos indivíduos, um senso de pertencimento, o que aumentaria a capacidade inovadora local através de processos de aprendizagem coletivos e sinérgicos.

2.2.5.2. Dimensão de colocalização: o *face-to-face* como dinamizador de processos de aprendizado e inovação

No que tange à dimensão física dos sistemas regionais de inovação, entende-se que a proximidade geográfica desempenha um importante papel no fomento de sinergias entre os atores produtivos. A colocalização é sem dúvida um traço relevante no que tange ao enriquecimento dos fluxos e colaborações percebidos em tais ambientes.

Nesse sentido, é importante destacar que não devem ser tidos como definitivos ou absolutos os argumentos que defendem que a rápida evolução e difusão das tecnologias da comunicação e informação levariam a uma inexorável desterritorialização da atividade produtiva e inovativa.

Nesse sentido, Szapiro et al. (2017) sublinham a existência de uma intensa relação entre a inovação e os contextos econômico, social, político e institucional que marcam o território²³. Doloreux e Parto (2005) também entendem que a inovação teria caráter eminentemente territorializado, jamais ocorrendo “no vazio”. Para eles, a região constituiria o principal lócus de interação econômica e inovação²⁴.

²³Foi exatamente com base na noção de que os processos de produção e inovação são sistêmicos e localizados no território que a RedeSist desenvolveu o conceito de Arranjos Produtivos Locais (APLs).

²⁴ Para os autores, inovação seria fundamentalmente um processo geográfico e o desenvolvimento de capacidades inovativas se daria primordialmente em comunidades regionais que compartilham bases de conhecimento comuns.

O contexto local, nesse sentido, contribui para tornar mais intensas e recorrentes interações do tipo presencial e estas podem ocorrer em diversos níveis e direções, envolvendo diversas espécies de atores, como firmas, instituições de pesquisa, instâncias de governança e até atores externos à estrutura.

Mytelka (2000), analisando o contexto local, identifica dinâmicas de interação verticais – entre usuários e produtores – e horizontais – entre atores de um mesmo elo da cadeia. Tais interações contribuiriam para reduzir custos de informação e transação e facilitariam o acesso a mercados²⁵.

Uma das principais decorrências da colocalização, no entanto, é a possibilidade do estabelecimento constante de interações presenciais, ou seja, constantes contatos face-à-face.

Nesse sentido, Storper e Venables (2004) defendem que, apesar das notáveis reduções de custos de transporte e comunicação, o contato face-à-face permanece essencial à coordenação da economia. Os autores acreditam que haveria três forças principais que sustentariam a importância da dimensão da colocalização no que tange às atividades produtivas: a facilidade de estabelecer *links* produtivos para trás e para frente, a relevância da concentração de mão-de-obra especializada²⁶ e as interações localizadas que teriam a vocação de promover, em sua visão, a inovação tecnológica.

Storper e Venables ainda enfatizam que a tendência à aglomeração raramente seria justificada pela redução de custos de transporte ou comunicação, mas sim porque informações associadas a transações comerciais seriam difíceis de se transmitir a longas distâncias. A realização de acordos e o cultivo de relacionamentos negociais seriam altamente dependentes de contato face-à-face.

Da mesma forma, a proximidade espacial dos atores favoreceria o fluxo de informações e conhecimentos, indispensável para a ocorrência de transbordamentos que se traduziriam em inovação (STORPER e VENABLES, 2004; FELDMAN e AUDRETSCH, 1999). Tais transbordamentos seriam ainda potencializados pela presença de profissionais

²⁵Bathelt et al. (2004), por sua vez, ressaltam inclusive a importância de uma dimensão de interação e colaboração que extrapola as fronteiras da estrutura aglomerativa. Para os autores é importante o estabelecimento de fluxos colaborativos com atores externos, na criação do que chamam de “*global-pipelines*”. O conhecimento externo trazido para o contexto de um dado recorte contribui para enriquecer o pool de conhecimento compartilhado, reduzindo o risco de *lock-in* e incrementando o potencial competitivo de suas firmas.

²⁶ Quanto à mão-de-obra, o *face-to-face* funciona como uma via de mão dupla. Inicialmente a concentração de mão-de-obra tende a ocorrer em função de alta demanda por habilidades especializadas, possibilitando aos profissionais maior flexibilidade, melhores possibilidades de progressão de carreira e de aprendizado, bem como menores períodos de desemprego (ROTEMBERG e SALONER, 2000). Em função da concentração gerada, firmas acabam também se beneficiando ou sendo atraídas pela facilidade de acesso a mão especializada. Os autores destacam também nesse ponto a importância do contato face-à-face, para levar a cabo tal dinâmica.

altamente qualificados, atraídos pelo burburinho local, que se engajariam constantemente em interações face-à-face.

Assim, as teorias aglomerativas se justificam, em regra, devido a estruturas transacionais e circunstâncias que demandam contato próximo entre agentes e interações face-à-face (STORPER e VENABLES, 2004).

Para Storper e Venables (2004), o *face-to-face* contaria com quatro importantes propriedades.

Funcionaria como uma tecnologia de comunicação, muito mais eficiente para transmitir informações e conhecimento não codificado²⁷; aumentaria a confiabilidade da mensagem e diminuiria riscos de parasitismo (ou *free-riding*); contribuiria para o desenvolvimento de laços de confiança, reduzindo custos de transação²⁸; e possibilitaria a seleção de parceiros e colaboradores de forma mais eficiente²⁹.

O contato face-à-face serviria ainda como um mecanismo de motivação. O valor do *face-to-face* não estaria restrito à transmissão da mensagem, mas serviria como incentivo à performance individual, em função da constante atmosfera de comparação entre agentes.

Assim, seja pelo incentivo à formação de parcerias de trabalho, ou pela facilidade de avaliar as qualidades dos potenciais parceiros, o *face-to-face* contribuiria para o estabelecimento de parcerias mais eficientes e, portanto, para o aumento da produtividade.

Combinando-se os efeitos da interação face-à-face destacados, tem-se o que Storper e Venables (2004) convencionaram chamar de “*buzz*”, ou burburinho, que se reflete na geração de valor e, portanto, retornos crescentes para as atividades envolvidas. Indivíduos em ambientes como esse tenderiam a estar mais motivados, podendo estabelecer parcerias e cooperar com outros indivíduos altamente capacitados; uma situação propícia para compartilhar idéias complexas e fomentar processos de inovação.

Para os autores, no entanto, o grau de maturidade e codificação de determinados processos e atividades teriam o condão de tornar mais ou menos relevantes a colocação e o *face-to-face*. Tal diferença teria a ver com, a possibilidade de coordenação à distância, traço que tende a ser menos marcante, quanto maior for o grau de inovação da atividade.

²⁷ A comunicação se daria ao mesmo tempo em níveis verbal, físico, contextual, intencional e não intencional.

²⁸ Os autores (STORPER e VENABLES, 2004) defendem que o custo de manter contato *face-to-face* é maior e, assim, representa um nível de comprometimento maior — diferente do que ocorre quando se opta pelo meio digital para transmitir uma mensagem, que também é menos transparente. O baixo custo de transmissão e a falta de transparência representam menos valor para o relacionamento que se estabelece.

²⁹ Nesse sentido o *face-to-face* funcionaria como um filtro, no qual a perda do anonimato levaria à facilitação da construção da imagem e reputação do outro.

Tal percepção tende a corroborar a importância da colocalização em estruturas de *coworking*, foco da presente análise. Considerando que integrantes de tais espaços se dedicam, em regra, a atividades com elevado grau de inovação, as interações presenciais constantes teriam, sob tal ótica, um relevante papel na coordenação das atividades desenvolvidas.

2.2.5.3. Dimensão de articulações em redes produtivas e inovativas

Outra dimensão relevante que merece destaque na presente seção é aquela que diz respeito à articulação dos atores em redes de apoio, que dão sustentação a processos colaborativos, culminando, em última análise, em incremento de potencial produtivo e inovativo.

Conforme já abordado no presente estudo, sistemas de inovação são pautados pela formação de articulações que envolvem atores produtivos, instituições privadas e públicas, bem como políticas públicas e estruturas de governança, todas voltadas à geração e difusão de conhecimento e tecnologias, no contexto de um processo inovativo (FREEMAN, 1987; LUNDEVALL, 1992).

Nesse sentido, é possível afirmar que a atividade inovativa capitaneada por firmas inseridas em tal contexto articulado e colaborativo se respaldaria em uma gama diversa de características e recursos localizados, dentre os quais se pode destacar a presença de agências e organizações de suporte, atuando ao lado de firmas e consumidores³⁰.

Doloreux e Parto (2005), nesse sentido, sublinham que vantagens competitivas verdadeiramente sólidas e estáveis, em uma economia global, decorrem de uma concentração de habilidades e conhecimentos altamente especializados, instituições e relacionamentos envolvendo firmas e clientes, em uma determinada região.

A concentração de firmas e atividades econômicas que possuem uma certa afinidade e são dotadas de caráter complementar facilitaria, portanto, transbordamentos e estimularia o desenvolvimento de variadas formas de adaptação, aprendizado e inovação³¹ (MALMBERG,

³⁰ Há que se acrescentar a tais elementos a existência de demanda e oferta por mão-de-obra especializada, a disponibilidade de sistemas de fornecimento e subcontratação, processos locais de aprendizagem e os respectivos transbordamentos gerados, bem como uma cultura local de comportamentos cooperativos (ASHEIM, COENEN, SVENSSON-HENNING, 2003; COOKE, 2001b; TÖDTLING e KAUFMANN, 2001).

³¹ Nesse mesmo sentido, Maskell e Malmberg (1999) contribuem com relevantes insights relativos à dimensão ora discutida num contexto regional. Os referidos autores reconhecem que ao se aliar as competências específicas e processos de aprendizagem das firmas da região a determinadas capacidades localizadas — como recursos especializados, instituições dotadas de “*embeddedness*” e presença de valores sociais e culturais comuns — pode-se obter vantagens competitivas a nível regional.

1997).

Cooke (2001) compreende a importância da característica de “*embeddedness*” em uma dada região, ressaltando a importância da manutenção de uma dinâmica interativa e colaborativa entre os agentes de um sistema regional, com vistas a gerar sinergias capazes de se traduzirem em inovação e potencial competitivo. O autor ilustra o cenário inverso – e indesejado – como “catedrais no deserto, muitas vezes em aglomeração, mas não se agrupando e não criando sinergias por meio de atividades derivadas e subcontratadas”.

Para Doloreux e Parto (2005), o fenômeno da inovação em um sistema regional pode ser caracterizado por um processo coletivo, levado a cabo de forma interativa, por firmas e instituições destinadas à criação e difusão de conhecimento, como universidades, centros de pesquisa, agências de transferência tecnológica, etc. Tal processo ocorreria dentro de uma atmosfera de suporte à inovação, que permitiria que os atores e o sistema evoluíssem com o passar do tempo³².

Partindo de um contexto de APLs, Matos et al. (2017) também destacam a importância de tais elos colaborativos como importantes estímulos a processos inovativos, sendo relevantes nesse processo as interações, bem como o intercâmbio e integração de conhecimentos.

Ao se transportar tal concepção para uma lógica de espaços de *coworking*, tais elos colaborativos serviriam tanto para gerar vantagens quantificáveis e passíveis de valoração – acordos expressos de colaboração, e.g. –, como também benefícios intangíveis, ligados à intensa e enriquecedora dinâmica interativa e ao burburinho gerado por ela (CAPDEVILA, 2014).

2.2.5.4. Dimensão institucional formal

Outro aspecto de extrema relevância dentro de um contexto de um sistema de inovação é a dimensão institucional formal daquele recorte. Trata-se de um arcabouço normativo, mais ou menos integrado e formalizado, que dirige as ações dos indivíduos e provê ferramentas que podem servir para estimular integração, colaboração ou sinergias.

Segundo a abordagem institucionalista, instituições podem ser encaradas como uma

³² Os referidos autores (DOLOREUX e PARTO, 2005) defendem, ainda, que determinados ativos intangíveis se relacionam diretamente com a capacidade de aprendizado de uma região. Seriam eles (i) a dinâmica interna dos recursos regionais, socioculturais e políticos; (ii) o fluxo informal de conhecimento entre as várias partes, que geram a maior parcela das externalidades territorializadas; e (iii) oportunidades para a região construir e manter sua competência distinta. Tais categorias seriam, portanto, aptas a englobar principalmente os aspectos relativos às dimensões social e institucional da abordagem de sistemas regionais de inovação.

representação ideal das relações sociais existentes em uma dada localidade, funcionando como prescrições destinadas a regerem as atividades de produção, consumo e troca, por exemplo (SETTERFIELD, 1993). Trata-se, da substância da vida social, mais do que apenas de suas meras limitações (HODGSON, 1998), orientando comportamentos e, assim, reduzindo incertezas no contexto de interações sociais (NORTH, 1990).

Edquist e Johnson (1997) incorporam esta perspectiva no escopo da abordagem de sistemas de inovação, ao caracterizarem instituições como “um conjunto de hábitos comuns, rotinas, práticas estabelecidas, regras, ou leis que regulam as relações e interações entre indivíduos e grupos”.

Para Doloreux e Parto (2005), as instituições exerceriam um importantíssimo papel no estímulo a interações entre diversos atores inovativos localizados na região ou local.

A abordagem de APLs, por sua vez, compreende que processos produtivos, inovativos e de aprendizagem não ocorrem no vácuo institucional e, portanto, a dimensão institucional local também se mostra de grande relevância para sua análise e para o desenvolvimento de estratégias de dinamização (MATOS et al., 2017; CAMPOS et al., 2003).

Portanto, para além das condicionantes relacionadas ao regime tecnológico, a análise do processo de aprendizagem local deve também passar pela investigação da configuração das estruturas locais de estímulo ao aprendizado interativo, considerando a aptidão das regras do jogo para estimular tal processo (CAMPOS et al., 2003)³³.

Doloreux e Parto (2005) reconhecem que o desempenho inovativo das regiões é melhorado quando suas firmas são incentivadas a interagir com as variadas organizações de apoio e com outras firmas ali localizadas, e instituições desempenham relevante papel no estímulo a tais comportamentos.

Nesse sentido, políticas de inovação não devem ser promovidas de forma isolada, mas devem estar sempre associadas a ferramentas que estimulem um processo inovativo interativo e sinérgico. Em tal contexto, também são bem vistas políticas de educação, de treinamento, de estímulo à pesquisa e desenvolvimento e mecanismos de financiamento que assegurem o acesso à novos conhecimentos e seu alinhamento com as práticas do setor produtivo. Tais frentes de política não só contribuem para a interação entre agentes, como auxiliam na

³³ Campos et. al (2003) reconhecem duas dimensões principais de condicionantes aos processos de aprendizagem. A primeira estaria relacionada à dinâmica produtiva e inovativa, à base de conhecimento e ao regime tecnológico. Já a outra seria relativa aos recursos e capacidades que podem ser proporcionados a nível local, o que depende em grande medida da forma de governança que coordena o sistema e as interações entre os agentes.

construção de uma base de conhecimento sobre a qual a inovação poderá se apoiar, tendo como fio condutor o objetivo de construir capacidades chave para um eficiente processo inovativo (MYTELKA, 2000).

Ao se transportar tais entendimentos ao contexto de espaços de *coworking*, é possível supor que instituições de natureza formal também podem desempenhar papéis de estímulo à interações, colaborações e sinergias, de forma a fomentar um processo inovativo mais intenso.

Mesmo que em regra as normas de tais espaços tenham natureza eminentemente informal, sendo construídas de forma orgânica, como demonstra o estudo de Zardo (2017), aquelas de natureza formal também desempenhariam um papel relevante do ponto de vista dos fenômenos que pretendem ser aqui investigados.

2.2.6. Dimensões críticas selecionadas da literatura de Sistemas de Inovação

Ao se considerar todas as dimensões críticas exploradas, é possível perceber que há aqui um esforço para abranger de forma ampla as condições necessárias ao incremento dos potenciais produtivo e inovativo de um recorte local ou regional. Tais aspectos giram em torno principalmente de dimensões relativas ao capital social, às condições de copresença proporcionadas pela proximidade, às articulações colaborativas desenvolvidas e às instituições, servindo em grande medida para explicar como um lócus pode ser capaz de atingir um diferencial competitivo e inovativo por meio da abordagem de sistemas de inovação.

É evidente que em todas as referidas dimensões críticas, há diversos aspectos comuns que podem ser destacados, tais como práticas colaborativas, interações sinérgicas, fluxos de conhecimento e dinâmicas de aprendizado. Como demonstrou a análise realizada, tais aspectos permeiam todas as dimensões da abordagem escolhida, constituindo também o foco de atenção no que diz respeito ao objeto do presente estudo: *coworkings*.

Com o objetivo de melhor estruturar a análise a ser realizada, as dimensões da abordagem de sistemas de inovação serão divididas nas quatro categorias destacadas acima, com vistas a possibilitar a construção de um ferramental analítico a ser utilizado para a análise dos espaços de *coworking* selecionados no presente estudo.

Há que se recordar que o objetivo central do presente trabalho é investigar se os espaços de *coworking* selecionados para a análise são dotados dos mesmos fluxos produtivos, de conhecimento, economias de aglomeração e sinergias sistêmicas identificadas pela literatura eleita como geradoras de maior potencial competitivo e inovativo.

Assim, pretende-se que a estruturação de tais dimensões críticas, conforme descritas a seguir, sirva como norte para a elaboração de um roteiro de pesquisa qualitativa voltado a tal propósito.

A dimensão de capital social e instituições informais estaria ligada ao sentimento de pertencimento, à identidade comum e aos valores compartilhados que permitem aos integrantes do arranjo nutrir laços de confiança, traduzindo-se em interações sinérgicas e práticas colaborativas.

Outra dimensão deriva da colocação e das constantes oportunidades de interação *face-to-face*, proporcionadas pela proximidade geográfica entre agentes, estimulando processos interativos de aprendizado, acúmulo de competências e, conseqüentemente, transbordamentos.

Quanto à formação de articulações colaborativas, sua importância é vital no sentido de proporcionar a existência de uma rede de composição plural, voltada à realizar esforços inovativos e incremento de competitividade. Trata-se de uma dinâmica de trabalho conjunto.

Já sob o aspecto institucional formal, tal dimensão abarcaria a dinâmica das diretrizes, normas e políticas voltadas à promoção de inovação, por meio da mobilização e fortalecimento de competências, estímulo à interações e colaborações e promoção de sinergia.

Quadro 1 – Mapa de Literatura

| | <i>Coworkings</i> | SIs | SRIs | SLIs/APLs |
|---|---|---|---|---|
| Geral | (CAPDEVILA, 2014) (SPINUZZI, 2012) (FORLANO, 2008) (DEIJL, 2011) (BIZARRI, 2010) (GANDINI, 2015) (MESQUITA, 2016) | (FREEMAN, 1987) (LUNDVALL, 1992) (TANG et al., 2015) | (ASHEIM e GERTLER, 2006) (COOKE, 2001) (COOKE et al., 2000) | (CASSIOLATO e LASTRES, 2003) (ALBAGLI, 1999) (MYTELKA, 2000) (ALBAGLI e MACIEL, 2003) (MATOS; CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017) (LE BOURLEGAT e FALCÓN, 2017) (CAMPOS et al., 2003) |
| Capital social | (CAPDEVILA, 2014) (ZARDO, 2017) (COLLEONI e ARVIDSSON, 2014) (GANDINI, 2015) (GARRETT; SPREITZER e BACEVICE, 2017) | (BOURDIEU, 1980) (COLEMAN, 1994) (PUTNAM, 1993) (WOOLCOCK, 2000) | (DOLOREUX e PARTO, 2005) (LORENZEN, 1998) | (ALBAGLI e MACIEL, 2003) (MATOS; CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017) (CAMPOS et al., 2003) (LE BOURLEGAT e FALCÓN, 2017) |
| Fluxo de conhecimento e aprendizado interativo | (CAPDEVILA, 2014) (PARRINO, 2015) (FABBRI e CHARUEDUBOC, 2014) | (TANG et al., 2015) (FREEMAN, 1995) (COLEMAN, 1994) | (ASHEIM e GERTLER, 2006) (COOKE, 2001) | (MYTELKA, 2000) (ALBAGLI e MACIEL, 2003) (MATOS; CASSIOLATO e |

| | | | | |
|--|---|--|---|--|
| | | | | PEIXOTO, 2017) (CAMPOS et al., 2003) (CASSIOLATO e LASTRES, 2008) (STORPER E VENABLES, 2004)* |
| Dinâmica colaborativa | (FABBRI e CHARUE- DUBOC, 2014) (CAPDEVILA, 2014) (GANDINI, 2015) | — | (DOLOREUX e PARTO, 2005) (MASKELL e MALMBERG, 1999) (COOKE, 2001) | (MATOS; CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017) |
| Esforços proativos de promoção de sinergias | (FABBRI e CHARUE- DUBOC, 2014) CAPDEVILA (2014) ZARDO (2017) | (SETTERFIELD, 1993) (HODGSON, 1998) (NORTH, 1990) (EDQUIST e JOHNSON, 1997) | DOLOREUX e PARTO (2005) | (GUILLAUME, 2008) (MATOS, CASSIOLATO e PEIXOTO, 2017) (CAMPOS et al., 2003) (MYTELKA, 2000) |
| Networking de segurança | (COLLEONI e ARVIDSSON, 2014) (FABBRI e CHARUE- DUBOC, 2014) | — | — | — |

Fonte: Elaboração própria.

* Apesar de Storper e Venables não pertencerem originalmente à linha de SLIs ou APLs, contribuem para a compreensão da dinâmica de aprendizado em um contexto marcado pela colocalização e copresença, razão pela qual são incluídos como referências da dimensão de aprendizado em um contexto local.

2.3. Considerações gerais sobre o referencial teórico

Como se pode notar, com base nos aportes teóricos explorados acima, foi possível identificar diversas dimensões críticas que darão suporte à fase de pesquisa qualitativa do presente trabalho.

A revisão de literatura levada a cabo comprovou a existência de um grande campo de interseção entre a abordagem de sistemas de inovação e a experiência prática de espaços de *coworking*. Dessa forma, é possível delinear com uma certa facilidade dimensões coincidentes entre tais campos de literatura, o que permite consubstanciar a tese que pretende ser provada no presente estudo.

Portanto, todo o referencial teórico construído — sem prejuízo de eventuais aportes de literatura que ainda venham a se mostrar relevantes — servirão de base para construir um referencial analítico pautado por um panorama conceitual e terminológico que possibilitará a elaboração do roteiro de entrevistas a ser aplicado sobre integrantes de *coworkings*, com a finalidade de identificar os fenômenos que pretendem ser investigados.

Portanto, passa-se agora à etapa de elucidação da estrutura metodológica que guiou e guiará o presente trabalho em cada uma de suas etapas.

3. METODOLOGIA

Nesse ponto, serão discutidos os aspectos metodológicos das diferentes etapas do presente trabalho. Assim, para melhor organizar o item ora discutido, este será dividido em dois subitens, de forma que um se dedicará a abordar a metodologia utilizada na pesquisa bibliográfica e o outro será destinado a explicitar a estratégia metodológica planejada para a pesquisa qualitativa, especialmente para a fase de entrevistas.

De uma forma abrangente, pode-se afirmar que o presente trabalho se respaldou exclusivamente em revisão de literatura e pesquisa qualitativa, não havendo necessidade ou espaço para uso de ferramentas quantitativas.

A metodologia quantitativa inclina-se ao uso de levantamentos, experimentos e dados de caráter objetivo e estatístico, tendendo a gerar resultados de natureza numérica (CRESWELL, 2007).

Já o método qualitativo –aqui empregado – se baseia em uma perspectiva construtivista para a estruturação do conhecimento objeto da pesquisa, em que significados múltiplos podem ser extraídos de experiências individuais, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou identificar um padrão. Mediante tal método dados podem ser interpretados com base em fatores relacionados ao ambiente ou contexto dos participantes (CRESWELL, 2007).

Tal método, portanto, guarda maior afinidade com a investigação aqui proposta, uma vez que permite uma maior versatilidade para a observação e análise dos fenômenos a serem estudados. Fenômenos esses cuja natureza não condiz com análises estatísticas e nem se mostra compatível com dados numéricos de natureza mais objetiva.

3.1. Aspectos metodológicos da pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica realizada para dar subsídio ao presente trabalho teve como principal diretriz respaldar os objetivos específicos traçados, que funcionarão como etapas para o cumprimento do objetivo geral.

A vantagem que se pretende extrair da pesquisa bibliográfica conduzida no presente estudo, a exemplo do que comenta Gil (2008), está ligada à possibilidade de cobrir uma gama suficientemente variada de fenômenos relacionados à investigação que se pretende realizar, de forma a garantir um subsídio analítico mais completo.

Nesse sentido, para entender a metodologia utilizada para a referida pesquisa, é importante ter em mente cada etapa a ser cumprida nesse estudo.

Primeiramente, como já explicitado, o primeiro objetivo específico se concentrou na

revisão das literaturas especializadas sobre os temas de *coworkings* e sistemas de inovação.

Nessa etapa, foi feito um esforço para reunir as mais relevantes referências teóricas e empíricas sobre fenômenos e elementos observados no interior de espaços de *coworking* aptos a promover um ambiente diferenciado, marcado pelo fomento à inovação e incremento de potencial competitivo.

Tal referencial, então, possibilitou a identificação de dimensões críticas características de espaços de *coworking*, que foram utilizadas como uma espécie de lente para observar as contribuições da literatura eleita, servindo para realizar a investigação pretendida.

Dessa forma, foram realizadas duas pesquisas distintas, com parâmetros próprios para cada etapa da reunião das referências que seriam utilizadas para a referida investigação.

O estabelecimento dos parâmetros de busca se pautou pela compreensão de que os principais textos de referência relacionados ao presente tema conteriam em seu título, cabeçalho ou resumo termos específicos que denotassem com precisão os temas abordados (GIL, 2008). Afinal, trata-se de temas cuja terminologia é relativamente exclusiva, não sendo comum encontrá-la de forma amplamente disseminada em outros corpos de literatura.

No que tange à literatura de *coworkings*, os principais critérios eleitos para a pesquisa por referências foram os termos “coworking”, “agglomeration economy”, “shared workplaces”, “synergy(ies)”, “sense of community”, “cultural/cognitive/social proximity”, “interactions”, “collaborations” e suas correspondentes em português. Trata-se de termos intrinsecamente relacionados ao tema de espaços *coworking*, pois invocam dimensões bastante específicas a tal dinâmica, como a noção de espaços compartilhados em associação à atmosferas colaborativas e interativas.

Com o objetivo de filtragem de resultados, os referidos critérios de busca foram utilizados preferencialmente em associação, de dois ou mais. Em todas as combinações formadas como critérios de busca, as expressões mais abrangentes (“coworking”, “agglomeration economy” e “shared workplaces”, e.g.) estavam presentes em associação com as menos abrangentes e mais específicas aos fenômenos buscados (synergy(ies)”, “sense of community”, “cultural/cognitive/social proximity”, “interactions”, “collaborations”, e.g.).

Já o que tange à eliminação de resultados divergentes do foco do presente trabalho, foi feita uma seleção temática direcionada, com base na análise do escopo de cada um dos trabalhos revelados pela busca, por meio da leitura de seus resumos e capítulos introdutórios. Quando determinadas combinações de critérios de busca revelavam ainda resultados muito numerosos, foi necessário realizar a filtragem de tais resultados aplicando outras associações entre os termos supra mencionados, de forma a evidenciar os trabalhos relevantes para o

estudo aqui desenvolvido.

Por meio de tal estratégia a pesquisa revelou trabalhos relevantes sobre o tema, geralmente pautados por estudos de caso e, em sua larga maioria, de autoria de pesquisadores estrangeiros.

Os referidos critérios de busca foram eleitos com a intenção de possibilitar a seleção de trabalhos que tratassem do tema de *coworkings*, mas sob o aspecto dos fenômenos sinérgicos, colaborativos e interativos existentes em seu interior.

Já quanto ao corpo de literatura referente à sistemas de inovação, inicialmente foram selecionados deliberadamente alguns trabalhos clássicos de referência sobre a abordagem, tais como Freeman (1987) e Lundvall (1992).

Para além de tais estudos, foi realizada pesquisa bibliográfica para a obtenção de mais referências, privilegiando, contudo, estudos direcionados a sistemas de inovação de recortes mais restritos, ou seja, sistemas locais e regionais e arranjos produtivos locais (APLs).

Com relação a sistemas regionais e locais de inovação, foram utilizados os seguintes termos e expressões, como critérios para pesquisa: “systems of innovation”, “regional systems of innovation”, “synergy(ies)”, “interactions”, “collaboration”, “shared values”, “face-to-face”, bem como seus correspondentes em português.

Já sob a ótica dos APLs, as principais obras selecionadas constam da obra coletiva *Arranjos Produtivos Locais: referencial, experiências e políticas em vinte anos da RedeSist* (MATOS, M. P. et al., 2017), organizada por Marcelo Matos, Helena Lastres, José Cassiolato, entre outros membros da RedeSist, grupo de estudo responsável pela elaboração do conceito de APL e da maior parte dos relevantes estudos sobre o tema.

Outras referências sobre o tema foram obtidas por meio de pesquisa pautada em critérios como “APL”, “Sistemas Produtivos e Inovativos Locais”, “política industrial”, “desenvolvimento regional”, “local systems of innovation”, etc.

Seguindo um padrão similar àquele desenvolvido quando da busca por referências na literatura especializada de *coworkings*, nessa etapa também foram utilizados recursos de associação de critérios chave, com o objetivo de filtrar resultados mais alinhados com o tema pesquisado. Dessa forma, expressões mais abrangentes referentes à identificação das literaturas buscadas (“systems of innovation”, “APL”, “Sistemas Produtivos e Inovativos Locais”, e.g.) foram sempre empregadas nas ferramentas de busca em associação a expressões que guardam relação com a temática aqui investigada (“synergy(ies)”, “interactions”, “collaboration”, “shared values”, “face-to-face”, “desenvolvimento regional”, etc.).

Para a eventual eliminação de resultados divergentes, foi feita igualmente uma seleção

temática direcionada, mas tendo por base, aqui, o objetivo de encontrar, dentro da literatura de referência, trabalhos que evidenciassem dimensões críticas análogas àquelas que puderam ser delineadas com base na literatura de *coworkings*.

É necessário ressaltar que, nesse esforço – mais do que naquele desenvolvido junto à literatura de *coworkings* – por diversas vezes foram revelados resultados muito numerosos, recorrentemente não pertencentes à pesquisadores alinhados com a literatura de Sistemas de Inovação. Nesse sentido, além da filtragem dos resultados com o uso das citadas ferramentas de reassociação de termos, foi ainda necessário fazer uma triagem atenta, para afastar referências que destoassem da literatura em enfoque. No entanto, esse esforço não foi feito cegamente, uma vez que pôde-se identificar casos de autores pertencentes a outras correntes que traziam em suas pesquisas contribuições relevantes à presente temática.

Assim, por óbvio, privilegiou-se trabalhos que continham análises sobre as dimensões críticas tidas como referência dentro da literatura de Sistema de Inovação, mas os demais trabalhos só eram excluídos do resultado relevante das buscas após uma leitura atenta de seu conteúdo.

Com base em tais critérios de busca, foram obtidos resultados que privilegiassem os elementos geradores de economias de aglomeração e sinergias destacados na literatura específica de *coworkings*, preferencialmente respeitando a abordagem de sistemas de inovação, mas sem excluir eventuais contribuições relevantes de correntes similares.

No que tange aos critérios para seleção dos artigos e periódicos, foram utilizadas bases nacionais e internacionais. As ferramentas de busca utilizadas foram o Sistema Proxy, disponibilizado na intranet da UFRJ, bem como todas as bases de periódicos a que tal sistema dá acesso, tais como Cambridge University Press, Portal de Periódicos CAPES, Atheneu, Ebrary, Wiley Online Library, entre outros. Além de tais ferramentas, foi usado também o mecanismo de busca do Google Acadêmico.

Considerando que o elevado grau de atenção conferido ao presente tema de pesquisa é relativamente recente, não foi necessário aplicar qualquer critério de recorte temporal quando do uso das ferramentas de busca. No entanto, foram privilegiados trabalhos mais recentes, datados principalmente a partir dos anos 1990, dada sua atualidade e completude sobre os temas tratados.

Concluída a pesquisa bibliográfica para subsidiar a primeira etapa do trabalho, passa-se à fase relativa à identificação da presença e intensidade das economias de aglomeração e sinergias em espaços de *coworking*, bem como de especificidades de tais estruturas que estimulassem as sinergias investigadas.

3.2. Aspectos metodológicos da pesquisa qualitativa

Conforme explicitado, o objetivo central do presente trabalho depende em grande medida de uma bem estruturada etapa de pesquisa qualitativa, realizada por meio de estudos de caso. Para tanto, foi desenvolvido um roteiro de entrevistas projetado para permitir a identificação de fenômenos e elementos geradores de diferenciais inovativos e competitivos em espaços de *coworking*.

Para melhor explicitar as diretrizes que nortearam a condução dessa etapa de pesquisa qualitativa, serão feitas algumas considerações acerca das etapas que a nortearam.

3.2.1. Estudo de caso

A escolha por estudos de caso se deve principalmente à compreensão de que tal método é mais apropriado para construir um conhecimento amplo e detalhado sobre o objeto de estudo da presente dissertação: espaços de *coworking* e suas dinâmicas internas³⁴.

Sobre tal aspecto, ressalta Yin (2005) que estudos de caso são estudos de natureza empírica destinados a investigar um dado fenômeno dentro de seu contexto, especialmente em hipóteses em que não há uma definição tão clara da fronteira entre o fenômeno e o contexto.

Assim, tal estudo se beneficia pela existência de uma multiplicidade de fontes de evidência que servem para respaldar a investigação levada a cabo, possibilitando ainda a identificação das variáveis causais que determinam o fenômeno observado, em situações cuja complexidade não permitiria o uso de ferramentas objetivas

Tal concepção se aplica perfeitamente à dinâmica aqui analisada, tendo em vista que se trata exatamente da investigação de fenômenos geradores de diferenciais inovativos e competitivos observados no interior de *coworkings*.

3.2.2. Seleção da amostra

A seleção dos espaços investigados pautou-se por critérios eminentemente imparciais, com o objetivo de construir uma amostra diversificada e evitar a indução de resultados.

No entanto, é necessário considerar que, em função da natureza do presente trabalho (dissertação de mestrado), a pesquisa qualitativa teve de respeitar uma limitação temporal

³⁴ A perseguição de tal objetivo não se sustentaria tão bem, por exemplo, com base em levantamentos de dados em campo, em razão de sua excessiva objetividade.

relativamente curta. Assim, foi necessário o estabelecimento de alguns critérios basilares para a seleção da amostra, de forma a viabilizar a obtenção de resultados úteis no tempo disponível.

Nesse sentido, o método empregado foi o de amostragem por acessibilidade ou conveniência, cuja seleção de elementos, apesar de destituída de rigor estatístico, mostra-se capaz de oferecer uma honesta representação do universo estudado e dos fenômenos nele observados (GIL, 2008). Afinal, não se pretende aqui construir indicadores que comprovem estatisticamente a abrangência dos fenômenos buscados, mas sim investigar sua existência e intensidade.

Por essa razão, o tamanho da amostra não será definido de acordo com critérios relacionados à amplitude do universo investigado ou ao nível de confiança a ser assegurado. Afinal, os objetivos desse estudo não têm cunho estatístico. Dessa forma, por critérios de conveniência, que dizem respeito principalmente às limitações temporais e de escopo do presente estudo, foi selecionada uma amostra composta por três espaços de *coworking* e foram realizadas entrevistas com um integrante e um gestor em cada espaço, totalizando seis entrevistas.

É igualmente importante ressaltar que a seleção dos espaços se deu de forma intencional, respeitando o propósito de retratar espaços em que se nota uma maior propensão à existência dos fenômenos investigados.

Dessa forma, cabe inicialmente delimitar de forma mais clara a espécie de espaços que serão considerados no presente estudo. Apesar de hoje haver uma tendência à vulgarização do conceito de *coworking*, trata-se de um conceito mais denso e sofisticado do que muitos dos usos que lhe são dados.

3.2.2.1. Delimitação do objeto de estudo

A disseminação do conceito de espaços de *coworking* acabou por gerar uma certa vulgarização de tal espécie. É possível notar espaços intitulados dessa forma – muitas vezes erroneamente – por toda a cidade do Rio de Janeiro, em bibliotecas, prédios comerciais, vilas residenciais e até mesmo em *shopping centers*.

Com o objetivo de melhor delimitar o objeto de estudo deste trabalho, será adotada uma concepção consideravelmente mais densa e qualificada quanto à referida terminologia. Para tanto, serão apontadas qualidades básicas de tais espaços, como estruturas mínimas aptas a permitir sua classificação como *coworking*, bem como outros elementos não

necessariamente ligados à infraestrutura do espaço, mas sim a outras dimensões críticas ligadas ao capital social, à circulação de conhecimento, esforços colaborativos, aprendizado interativo, etc.

Bouncken e Reuschl (2016) enxergam o espaço de *coworking* como um ambiente de compartilhamento em dois níveis: de ativos físicos, como espaço e infraestrutura; e de ativos intangíveis, como informação e conhecimento. Tais aspectos funcionariam como vetores que ajudam a determinar a composição do *coworking*. As especificidades do espaço teriam assim a vocação de atrair integrantes com experiências e objetivos mais ou menos homogêneos³⁵, afetando o potencial de construção de comunidade, de uma atmosfera de compartilhamento³⁶ e catalisando a formação de parcerias, o desenvolvimento de ideias e de novos empreendimentos.

Outro aspecto relevante está ligado aos regimes de utilização do espaço. *Coworkings*, em seu formato tradicional, possuem variados regimes de uso, sendo a flexibilidade um de seus principais chamarizes³⁷. Assim, *coworkings* admitem usuários em regime de uso por hora, por dia, por semana, por mês, entre outros formatos mais ou menos flexíveis (BOUNCKEN e REUSCHL, 2016).

Além disso, *coworkings* podem oferecer, mediante ou não pagamento adicional, acesso a equipamentos mais sofisticados, possibilidade de aluguel de salas de reunião, opção de uso reiterado do mesmo posto de trabalho, treinamentos, eventos sociais, entre outras opções de criação de valor (BOUNCKEN e REUSCHL, 2016).

Espaços de *coworking* também podem ser caracterizados em função da forma como são geridos. Há *coworkings* ofertados por empresas como atividade fim, em regra caracterizados pela intenção de capturar valor mediante taxas para utilização do espaço, infraestrutura e outros serviços. Há também espaços ofertados por determinadas firmas para

³⁵Outro aspecto relevante do ponto de vista da formação de uma determinada composição é o oferecimento de uma variedade de treinamentos e acesso facilitado à investidores, por exemplo (BOUNCKEN e REUSCHL, 2016).

³⁶É importante ressaltar que a divergência entre *coworker*sem termos de objetivos, valores, comportamento e regime de filiação ao espaço, é possível — apesar de não desejável — que não haja o desenvolvimento de uma comunidade coesa que compartilhe um sentimento de compartilhamento e comprometimento (BOUNCKEN e REUSCHL, 2016). No entanto, a existência de esforços proativos no sentido de promover tais fenômenos sinérgicos já pode ser suficiente para qualificar um espaço como alinhado à concepção aqui explorada.

³⁷É possível notar, especialmente em grandes cidades como o Rio de Janeiro, que há espaços de acesso livre, oferecidos gratuitamente ao público, por exemplo, em *shopping centers*. Apesar da louvável iniciativa de tais estabelecimentos, trata-se de uma espécie irrelevante para o presente estudo, dada a total ausência de vinculação entre usuário e espaço. Trata-se, na prática, de um espaço público, com acesso livre à internet, intitulado equivocadamente de “*coworking*”.

seus próprios funcionários e colaboradores³⁸, nesse caso com a intenção de capturar valor na forma de geração de sinergia, estímulo à circulação de ideias, criatividade e inovação (BOUNCKEN e REUSCHL, 2016)³⁹.

Bouncken e Reuschl (2016), ao observarem espaços de *coworking*, identificaram quatro dimensões geradoras de valor que aqui podem ser encaradas em certa medida como inspiração aos critérios mínimos de qualificação.

A primeira e mais básica camada estaria ligada ao oferecimento de uma infraestrutura de trabalho e um espaço de convívio social. Pode-se afirmar que um ambiente que não possua ao menos tais amenidades não pode ser considerado um espaço de *coworking* propriamente dito.

As camadas de valor subsequentes estariam ligadas ao oferecimento de serviços de qualificação pessoal ou treinamento; à criação de pontes com fornecedores, clientes, investidores, etc., e à oferta de auxílio ligado a outros ativos físicos (opções de residência ou transporte, e.g.)⁴⁰.

O presente estudo, portanto, busca lançar um olhar sobre espaços de *coworking* que transcende sua forma de gestão, a finalidade com que são criados, bem como os equipamentos com que são guarnecidos. Busca-se aqui observar fenômenos ligados à dinâmica interna de tais espaços, levando em consideração uma configuração mínima de elementos de fomento de sinergia, interação e colaboração.

Portanto, ambientes denominados *coworking*, mas que não possuam quaisquer elementos catalisadores de tais fenômenos são irrelevantes para a presente análise.

Dessa forma, para ilustrar a delimitação do objeto de estudo desta dissertação, com base nos critérios elencados acima, propõe-se o quadro analítico abaixo (Quadro 2), em que serão classificados, respeitando-se o quanto possível um ideal de objetividade, diferentes espaços como estando dentro ou fora dos limites considerados para a análise a ser aqui

³⁸É importante salientar que em tais formatos, elementos de hierarquia acabam por ainda exercer alguma influência sobre o comportamento dos integrantes e, portanto, sobre a dinâmica do *coworking*. No entanto, tais alternativas mostram-se eficientes em firmas ligadas ao setor de tecnologias de informação e comunicação, no sentido de estimular processos inativos por meio do fomento à criatividade e interação (BOUNCKEN e REUSCHL, 2016).

³⁹Há ainda espaços de *coworking* geridos por órgãos públicos ou sem fins lucrativos, como universidades, bibliotecas, entidades governamentais, etc.

⁴⁰Bouncken e Reuschl (2016) propõem ainda o uso de seis dimensões de análise que estariam mais ligadas à aptidão de um espaço para geração de sinergia, colaboração e inovação, mas que não servem necessariamente para delimitar o objeto desta análise. Trata-se de dimensões como características e objetivos dos integrantes; intensidade das interações sociais; formato institucional do gestor do espaço; equipamento e demais ativos físicos; disponibilidade de horários e formas de acesso; e dinâmica competitiva que marca o espaço e seus integrantes.

realizada. Três desses espaços integraram, de fato, a amostra considerada nesse trabalho, os demais foram inseridos apenas para fins de comparação.

É importante ressaltar que não se faz nesse ponto um esforço comparativo compreendendo uma quantidade de espaços que possa ser tida como representativa da totalidade de *coworkings* no Rio de Janeiro. O objetivo é, portanto, possibilitar que se enxergue as diferenças básicas que são consideradas para delimitar o objeto do presente estudo.

Quadro 2 – Classificação de espaços intitulados de *coworking* no Rio de Janeiro

| | Espaço compartilhado | Postos de trabalho minimamente individualizados | Infraestrutura de trabalho | Gestão | Dimensões institucional e física voltadas à promoção de sinergia | Ideal de comunidade e pertencimento | Alinhado com a conceituação de espaço de <i>coworking</i> adotada |
|--|----------------------|---|----------------------------|--------|--|-------------------------------------|---|
| Nex Coworking (Glória) | X | X | X | X | X | X | Sim |
| Wework (Ipanema) | X | X | X | X | X | X | Sim |
| Rio Co.working (Centro) | X | X | X | X | X | - | Sim |
| Coworking Botafogo Praia Shopping (Botafogo) | X | X | - | - | - | - | Não |
| Work/Café Santander (Centro) | X | X | - | X | - | - | Não |
| Regus (Lagoa) | X | X | X | X | - | - | Não |

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode notar, foram considerados alguns espaços com características bastante distintas, com a intenção de ilustrar a pluralidade de espécies abarcadas pelo uso do termo *coworking*, equivocadamente ou não.

Como se pode notar, dois dos espaços considerados preencheram praticamente todos os critérios elencados no esforço de tipificação, quais sejam a Nex Coworking e o WeWork. Trata-se de espaços não somente dotados de uma infraestrutura condizente com um espaço de *coworking*, mas que também contam com elementos físicos e institucionais que sugerem uma preocupação com a promoção de sinergias.

Já no que tange ao Rio Co.working, é possível notar uma estrutura física fluida e um espaço aberto dotado de ambientes de convívio. Da mesma forma, há em tal espaço algumas

iniciativas esparsas por parte da administração no sentido de promover eventos de fomento à interação. No entanto, apesar de não aparentar possuir grande vocação à construção de um senso de comunidade, marcado por laços de colaboração e confiança, o referido espaço ainda integra o objeto do presente estudo, tendo em vista que parece haver em algum nível esforços para promover os fenômenos sinérgicos que marcam tais espaços⁴¹.

A título comparativo, foram inseridos três espaços que, ao contrário dos três anteriores (que integraram de fato o objeto do presente estudo), não preenchem os requisitos mínimos para partilhar do status de *coworking* – ao menos não para o propósito desse trabalho –, dada a total ausência de diretrizes internas para a promoção de qualquer tipo de interação sinérgica, ou construção de capital social.

O espaço localizado no Botafogo Praia Shopping (que encontra similares em outros complexos comerciais), por exemplo, se resume a uma área pública, com assentos, algumas mesas e sinal liberado de internet sem fio. Não há sequer uma gestão do espaço e de seus usuários.

Já o Work/Café Santander é caracterizado por um espaço destinado principalmente a correntistas do referido banco, em que os mesmos têm acesso a *wi-fi* gratuito e alguns postos de trabalho com uma estrutura mínima (internet, energia elétrica, assentos e mesas). Por mais que em tal espaço haja uma gestão e uma cafeteria que poderia promover um convívio, não se configura qualquer esforço proativo para gerar valor através da interação entre os que se utilizam do espaço.

A Regus, por sua vez, possui uma lógica similar à planos de adesão adotados em redes de academias. Trata-se meramente de um serviço padronizado de locação de salas ou postos de trabalho, com oferecimento de serviços mínimos por parte da equipe e flexibilidade para utilização das prerrogativas de “filiado” em qualquer uma das unidades espalhadas pelo território – por vezes estendendo-se tal prerrogativa a outros países, em caso de planos mais sofisticados.

Tais espaços, portanto, sequer poderiam ser classificados como *coworkings*, diante dos critérios acolhidos pela literatura especializada, servindo como exemplo de algo que não compõe a amostra do presente estudo.

⁴¹ É importante ressaltar que o fundador (e atual gestor) de tal espaço, quando entrevistado, destacou que, com a finalidade de atender o público alvo identificado na região em que o espaço é instalado, procurou adotar diretrizes menos invasivas. Há sim a intenção de promover sinergia, interação e colaboração, mas não através de políticas de promoção de eventos recorrentes, dinâmicas de integração, etc., uma vez que os integrantes de tal espaço, segundo destacado, tendem a se dedicar a atividades que requerem mais concentração e, portanto, preferem um ambiente com dinâmica mais controlada.

Assim, para integrar o objeto do presente estudo, sendo elegível a compor a amostra analisada, não basta que o espaço seja intitulado “*coworking*”, ou que conte com instalações mínimas de trabalho. Da mesma forma, não basta se tratar de um mero espaço compartilhado gerido na forma de um negócio de locação de postos de trabalho.

O espaço de *coworking* aqui analisado possui características voltadas ao estímulo de fenômenos de inovação e incremento de competitividade, trata-se de espaços desenhados e geridos com foco no fomento de interações e sinergias e, portanto, na circulação de conhecimento e criação de valor.

É importante esclarecer que a seleção de tais critérios para a composição da amostra não visa, em nenhuma medida, a indução de resultados. Trata-se, sim, de uma amostra selecionada de forma deliberadamente intencional. No entanto, tal se justifica pelo fato de que o objeto deste trabalho é a análise de fenômenos em perspectiva *ex post* e os critérios de seleção/exclusão aqui utilizados se pautaram pela própria concepção da espécie, conforme apontado pela literatura especializada⁴².

3.2.2.2. Critérios de seleção

Com o objetivo de preservar ao máximo a intenção de imparcialidade na seleção dos espaços de *coworking* investigados, foram utilizados critérios de pluralidade de atividades desempenhadas, posicionamento dos agentes em diversas etapas de processos produtivos, presença de firmas inseridas em segmentos caracterizados por elevados graus de competitividade e elevada importância da inovação.

A intenção de priorizar espaços de *coworking* com composições suficientemente plurais, nos moldes acima, se dá com o objetivo de possibilitar a percepção de links para frente e para trás e entre diferentes ramos de atividade.

A presença de atores pertencentes a segmentos de mercado variados pode favorecer a troca de ideias e a identificação de potenciais articulações em torno de projetos e esforços inovativos⁴³.

No mesmo sentido, a literatura especializada demonstra que espaços marcados por maior diversidade em atividades e segmentos de mercado tende a revelar níveis mais elevados

⁴² É possível notar que a literatura especializada define critérios mínimos para a caracterização de um espaço como *coworking*. Aqui, portanto, será feito um esforço similar, pautado por tais critérios mínimos, mas direcionado aos fenômenos que pretendem ser investigados

⁴³No entanto, a existência de concorrentes inseridos em um mesmo espaço não afasta a possibilidade de sinergias e colaborações e será, portanto, considerada na construção da amostra.

de intensidade em sinergias e colaborações.

Ao contrário do que se poderia imaginar, contudo, a seleção de espaços marcados por essa característica não tornará a amostra viesada, preservando, como se demonstrará a seguir, o objetivo do presente trabalho.

Nesse sentido, ressalte-se que Malerba e Orsenigo (1997) sugerem que diferentes segmentos da indústria seriam marcados por características próprias relacionadas ao processo de aprendizado e acúmulo de conhecimento, que afetariam a taxa e a estrutura da atividade inovativa.

Os autores, assim, propõem que fatores relacionados aos diferentes regimes de acúmulo de conhecimento exercem um relevante papel no sentido de determinar os padrões de atividade inovativa do segmento. Tais fatores, por sua vez, estariam ligados ao regime tecnológico predominante, definido pela natureza da tecnologia e do conhecimento envolvido naquele segmento. Tal regime é determinado pelas oportunidades tecnológicas, condições de apropriabilidade, grau de cumulatividade de conhecimento e base de conhecimento relevante⁴⁴.

Diferentes configurações de regimes tecnológicos, portanto, determinariam diferentes padrões inovativos. Nesse sentido, é relevante destacar que o presente estudo reconhece que diferentes composições de um espaço de *coworking* podem gerar diferentes vocações de regimes tecnológicos.

A depender da tecnologia dominante entre os integrantes de um determinado espaço, seria possível notar, por exemplo, diferentes condições de apropriabilidade, diferentes bases de conhecimento e diferentes oportunidades tecnológicas. E tal configuração teria grande influência na dinâmica interativa e colaborativa do *coworking*, determinando a intensidade do fluxo de conhecimento, o estabelecimento de relações sinérgicas, entre outros fatores relevantes para o incremento de diferencial inovativo e competitivo que se pretende aqui investigar.

Espços marcados, por exemplo, por uma maioria de integrantes ligada a segmentos intensivos em tecnologia descreveria possivelmente uma lógica colaborativa mais intensa do que a de um espaço marcado pelo predomínio de segmentos tradicionais.

⁴⁴Oportunidades tecnológicas estariam relacionadas à facilidade de inovar, independentemente do capital investido em P&D; condições de apropriabilidade constituem as possibilidades de proteger inovações contra imitações para assegurar retorno de sua exploração; condições de cumulatividade estão ligadas à tendência de que inovações atuais preparem o terreno para as futuras, formando cenários em que há maior ou menor consistência relativa as firmas que inovam; e a base de conhecimento se refere às propriedades do conhecimentos obre o qual a inovação se dá.

No entanto, apesar de reconhecer tais nuances, o esforço investigativo aqui empreendido será direcionado prioritariamente a espaços de composição heterogênea. Tal escolha metodológica se dá com o objetivo de afastar possíveis variações de resultado decorrentes de diferentes gradações de sinergia, ditadas por distintos regimes tecnológicos.

É importante ressaltar que, dada a limitação temporal para o presente trabalho, está fora do seu escopo empreender um estudo comparativo dos fenômenos aqui investigados entre espaços marcados por regimes tecnológicos distintos. Por essa razão, tal esforço constituirá uma sugestão de pesquisa futura.

3.2.2.3. Espaços selecionados

Com base nos critérios de seleção acima elencados e levando em consideração a metodologia empregada para construção da amostra, foram selecionados para o objeto do presente estudo os espaços Nex Coworking, WeWork Ipanema e Rio Co.working.

O Nex Coworking é um espaço localizado no bairro da glória, que conta com 2.000m² nos quais se distribuem estúdios privativos, salas de reuniões, auditórios para eventos e áreas de convívio para momentos de descontração. Seu sócio e principal gestor, André Pegorer, afirma existirem mais de 400 empresas instaladas no espaço, dedicadas aos mais variados segmentos comerciais: economia criativa, design, representação comercial de produtos, escola de línguas, *fintechs*, etc.

O Nex oferece ainda opções de entretenimento e arte nos corredores, eventos, cafés coletivos, *happy hours* e diversos outros momentos de conexão e inspiração. Segundo os valores propagados, tal preocupação se dá com o objetivo de facilitar a tentativa, o descobrimento, a mudança e o crescimento de todos que passam pelo espaço.

Já a WeWork Ipanema faz parte de uma cadeia internacional de espaços de *coworking*, com unidades espalhadas por todo mundo. A unidade de Ipanema – que fica no coração do bairro, na rua Visconde de Pirajá, próximo à Praça N. Sra da Paz – conta com um prédio comercial de onze pavimentos, nos quais se espalham mesas de trabalho compartilhadas, salas privativas e compartilhadas, cozinhas comunitárias, espaços de convívio (com amenidades como torneiras de chopp e mesas de ping pong), salas de reunião, auditórios, etc.

Segundo o lema do grupo WeWork, todos os espaços são idealizados com o objetivo de criar uma comunidade onde as pessoas possam ter uma vida, não apenas um trabalho. A gestão do grupo preza principalmente por projetos modernos, abastecidos com amenidades premium e cheios de uma energia revigorante.

Segundo o integrante do espaço de Ipanema entrevistado, a configuração e atmosfera do espaço contribuem para criar um marcante senso de comunidade, onde se criam laços quase familiares.

O Rio Co.working, por sua vez, é um espaço de *coworking* localizado no centro do Rio, marcado por oferecer soluções personalizadas para os negócios lá instalados, sem perder, contudo, a atmosfera de interação e compartilhamento. Trata-se de um espaço com dois pavimentos, localizado na Rua da Assembleia, nos quais se distribuem salas de reunião, postos de trabalho individualizados, salas compartilhadas e privativas.

A ideia da gestão, segundo João Almeida, é oferecer uma estrutura profissional *full-service*, adequada às peculiaridades de cada negócio ali instalado, integrando aspectos da vida social e profissional em um só espaço. O lema do espaço carrega uma ideia de fomentar conexões e aproximar profissionais com expertises complementares.

3.2.3. Seleção de entrevistados

No que tange à seleção de entrevistados, é importante ressaltar que esta se deu de forma absolutamente imparcial, seguindo eminentemente um critério de disponibilidade. Assim, uma vez selecionados os espaços de *coworking* objeto desse estudo, integrantes dos mesmos foram contatados aleatoriamente, respeitando-se apenas um ideal de não pertencerem a uma mesma firma e de ocuparem uma posição central em seus negócios.

Dessa forma, a seleção dentre integrantes dos espaços não privilegiou nem formatos de atuação profissional, nem regimes de filiação. Nesse sentido, foram convidados para integrar a amostra profissionais autônomos, *freelancers*, empresários e empreendedores instalados em espaços de *coworking*, tanto na condição de residentes, como em regime ocasional⁴⁵.

A amostra de integrantes construída com base em tais critérios contou com um empresário individual dedicado à atividade de contabilidade; um escritor que atua também como produtor de conteúdo para redes sociais e plataformas digitais; e o sócio de uma pequena empresa de consultoria de investimentos.

⁴⁵ A opção por incluir na amostra usuários ocasionais se deu em função de evidências na literatura especializada de que tais *coworkers* também contribuem substancialmente para “oxigenar” o *pool* de conhecimento circulante no ambiente de *coworking*, impedindo muitas vezes que o espaço caia em armadilhas de *lock-in*. A presença de indivíduos que se utilizam de tais espaços de forma intermitente é altamente representativa (segundo o censo COWORKING BRASIL, 2018, tais espaços contam em média com 21,1 *coworkers* residentes e 180 usuários circulando mensalmente), constituindo assim uma amostra relevante para o presente estudo, apesar da ausência de um maior vínculo com o espaço estudado.

Adicionalmente, foram entrevistados gestores de tais espaços, para avaliar a sua perspectiva quanto às vantagens evidenciadas. Dentre esses, foram selecionados apenas membros ligados ao centro de tomada de decisão dos espaços, tendo sido entrevistados dois sócios fundadores que atuam na função de CEO (exercendo os cargos máximos na esfera executiva de seus respectivos espaços) e um diretor de planejamento.

3.2.4. Formato das entrevistas

Foi realizado esforço para estruturar as entrevistas em formato semipadronizado, combinando-se questões fechadas, de cunho mais objetivo, e questões mais abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de contribuir com percepções que eventualmente estivessem fora do questionário formulado.

No Quadro 3, abaixo, é possível ver o roteiro de entrevistas utilizado. Como se pode notar, o roteiro foi estruturado em torno de links entre as dimensões críticas identificadas nos corpos de literatura mobilizados para o presente estudo e as questões aplicadas, com o propósito de identificar os elementos e fenômenos relacionados a tais dimensões em estruturas de *coworking*.

Quadro 3 – Formulação da estrutura da pesquisa

| Dimensões de análise | Contribuição da literatura sobre espaços de <i>coworking</i> | Contribuições da literatura sobre sistemas de inovação | Questões de pesquisa |
|--|---|---|---|
| Colocalização como elemento de estímulo a processos de aprendizado e fluxo de conhecimento | Processos de aprendizado e construção de competência tendem a ser reforçados pelo fluxo de conhecimento ocorrido no interior de <i>coworkings</i> | A colocalização proporcionaria constantes oportunidades de interações <i>face-to-face</i> , que, por sua natureza, favoreceriam a realização de processos sistêmicos de inovação. | Q1 – Na sua visão, a proximidade entre os integrantes do CW contribui para processos de aprendizado? |
| | | | Q1.1 – Em caso positivo, identifique o grau de relevância atribuído às seguintes espécies de parceiros, em uma gradação de 0 a 5, sendo 0 equivalente a nenhuma relevância e 5 muita relevância: a) empresas parceiras b) fornecedores c) clientes d) serviços especializados e) ICTs f) outros (favor especificar) |
| | | | Q2 – Com relação à troca de conhecimentos ocorrida no interior do espaço de CW, qual é o grau de relevância atribuído a cada espécie de conteúdo dentre as seguintes alternativas, em uma gradação de 0 a 5, sendo 0 equivalente a |

| | | | |
|-----------------------|--|---|--|
| | | | <p>nenhuma relevância e 5 muita relevância:</p> <p>a) conhecimentos sobre técnicas / tecnologias;</p> <p>b) conhecimento sobre "quem" (empresas, ICTs, etc) detém competências e conhecimentos críticos;</p> <p>c) conhecimentos sobre condições, perspectivas e oportunidades de mercado;</p> <p>d) conhecimento estratégico sobre tendências de médio e longo prazo a área de atuação;</p> <p>e) conhecimentos sobre aspectos legais e regulatórios;</p> <p>f) conhecimentos relacionados à disponibilidade e forma de acessar programas de apoio (políticas)</p> <p>g) outros (favor especificar)</p> <p>Q3 – Você percebe alguma diferença na propensão ao compartilhamento de conhecimentos e competências especializadas ao comparar a interação com integrantes do CW e a interação com atores externos?</p> <p>Q4 – Como você qualifica a postura dos integrantes do CW com relação à preocupação em proteger seus inventos, tecnologias e know-how frente a outros integrantes do CW?</p> |
| Dinâmica colaborativa | Espaços de <i>coworking</i> tendem a ser marcados pela construção de uma atmosfera colaborativa entre os integrantes | A literatura identifica a formação de articulações colaborativas em sistemas de inovação, que funcionam como uma rede de suporte, de composição heterogênea, apta a realizar esforços conjuntos para promoção de inovação e competitividade | <p>Q1 – Com que frequência você se engaja em parcerias colaborativas com outros integrantes do CW? E com atores externos?</p> <p>Q2 – Comparativamente, qual é o percentual aproximado de projetos levados a cabo com a participação de outros coworkers e baseados exclusivamente em esforços individuais?</p> <p>Q3 – Com relação às colaborações com outros coworkers, como você avalia os resultados obtidos nas seguintes categorias, em uma gradação de 0 a 5, sendo 0 equivalente a nenhuma relevância e 5 muita relevância:</p> <p>a) melhoria na qualidade dos produtos/serviços;</p> <p>b) desenvolvimento de novos produtos/serviços;</p> <p>c) desenvolvimento de novos processos;</p> <p>d) melhorias nas condições de fornecimento, distribuição e comercialização;</p> <p>e) inovações organizacionais;</p> <p>f) novas oportunidades de negócio;</p> <p>g) melhoria na inserção/promoção no mercado;</p> <p>h) outros (favor especificar)</p> <p>Q4 – Você costuma se deparar com situações em que precisa recorrer a atores com competências específicas externos ao CW? Ou em regra consegue suprir suas eventuais deficiências recorrendo a outros coworkers?</p> |
| Estrutura | Elementos | Diretrizes, | Q1 – Em que medida a estrutura do CW contribui para a promoção de interações e |

| | | | |
|---|--|--|---|
| institucional voltada à promoção de sinergias | ligados à estrutura física e institucional que se traduzem em esforços proativos e intencionais de promover sinergias | normas e políticas voltadas à promoção de inovação, por meio da mobilização e fortalecimento de competências, estímulo à interações e colaborações e promoção de sinergias | sinergias? Há, por exemplo, um espaço de convivência voltado a tal propósito? |
| | | | Q2 – Em caso positivo, com que frequência você se engaja em interações nesses espaços? |
| | | | Q3 – Há alguma diretriz formal ou norma interna que você identifique como voltada à promoção de tais interações? |
| | | | Q4 – Há esforços proativos por parte da administração na promoção de eventos de integração, estímulo à interações, ao estabelecimento de parcerias, etc.? |
| Networking de segurança | Trata-se de uma espécie de rede de segurança respaldada na reputação construída e nos laços derivados da inserção em um espaço de <i>coworking</i> . Tal rede serve de suporte em caso de fracassos e estimula esforços de experimentação e inovação | — | Q1 - Qual o peso você confere, em termos de perspectiva de carreira futura, ao <i>networking</i> construído no interior do CW? Quais benefícios poderiam ser dele extraídos? |
| | | | Q2 - Em que medida tal <i>networking</i> contribui para decisões de assumir novos projetos ou se engajar em empreendimentos incertos ou arriscados? |
| | | | Q3 - Em que medida você imagina que tal <i>networking</i> poder auxiliar na hipótese de necessidade de reinserção em outra estrutura de trabalho no futuro? E na hipótese de fracasso em algum projeto ou empreendimento? |

Fonte: Elaboração própria.

3.2.5. Análise de conteúdo

Por fim, a análise do conteúdo foi realizada com base em categorização de palavras ou expressões que se revelaram relevantes para a identificação do conteúdo buscado. Nesse sentido, identificou-se uma rede semântica afeita aos fenômenos buscados, de forma a permitir um processo de contagem de palavras e verificação de proximidade. Já de posse do conteúdo integral das entrevistas, tais processos se deram com o objetivo de destacar os temas mais relevantes destacados pelos entrevistados, bem como a associação entre tais temas.

Partindo, portanto, da identificação de clusters semânticos, foi possível passar-se a um

processo de interpretação discursiva com base no conjunto de contribuições oferecidas pelos entrevistados. Assim, a partir da referida análise, foi realizado um esforço para organizar e sumarizar os dados colhidos, de forma a possibilitar a obtenção de respostas ao problema e aos questionamentos propostos na pesquisa (GIL, 2008).

A construção de tais clusters semânticos, contudo, só foi possível partir de uma primeira leitura das entrevistas, que revelou expressões recorrentes relevantes na fala dos entrevistados, aptas a evidenciar a presença dos fenômenos buscados.

Assim, as palavras e expressões — dotadas de distintos graus de formalismo — utilizadas como base para a construção do referencial terminológico utilizado foram “sinergia”, “geração de valor”, “tecnologias”, “know-how diferenciado”, “aprendizado nos corredores/áreas comuns”, “circulação de informações” “encontros casuais”, “cozinha/copa”, “área de descompressão”, “troca”, “colaboração”, “fazer negócio”, “suprir necessidades”, “conexão”, “parcerias”, “interação”, “aprofundar relacionamentos”, “abertura ao diálogo”, “área de convivência”, “projeto conjunto”, “dividir mesa/sala com o cliente/fornecedor”, “ajuda”, “grupo de trabalho”, “eventos”, “workshops”, “integração”, “networking”, “rede de contatos”, “convivência”, “reabsorção” e “migração profissional”, bem como suas variações e derivações.

Conforme foram sendo reveladas outras expressões, frases e termos relacionados aos parâmetros destacados acima, os mesmos foram integrados aos critérios de pré-análise, na forma de expressões derivadas (BARDIN, 2009).

Para além do uso de tal referencial terminológico, também foi realizado um esforço de leitura interpretativa do texto completo das entrevistas, uma vez que muitas referências aos fenômenos buscados puderam ser encontradas a partir de uma análise sistêmica do contexto geral das falas dos entrevistados.

Então, com base nesses critérios e ferramentas de interpretação, foram extraídas constatações acerca da presença ou não dos fenômenos geradores de diferencial competitivo e inovativo observados em arranjos produtivos maiores e mais complexos⁴⁶.

⁴⁶Para auxiliar a análise realizada, foi feito um esforço para seguir as etapas sugeridas por Miles e Huberman (1994). Assim, primeiramente foi realizada uma etapa de redução, que consistiu na identificação e seleção de informações relevantes e sua posterior simplificação e organização de acordo com as dimensões críticas definidas nos objetivos da pesquisa. Em seguida, tais informações foram organizadas para possibilitar sua análise sistemática. Em tal fase, os fenômenos descritos pelos entrevistados foram ligados às palavras e expressões chave, que nortearam a criação das categorias de análise. Por fim, passou-se à conclusão e verificação, na qual foi realizada uma revisão do conteúdo previamente organizado, para extrair dele seu significado, bem como regularidades e padrões. Nessa etapa foram avaliadas a recorrência e proximidade de determinados conceitos chave para, assim, se extrair as conclusões buscadas.

4. ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Feitas as devidas considerações acerca da metodologia empregada para realizar a análise do conteúdo das entrevistas, passa-se agora à exposição da análise propriamente dita sobre as mesmas.

Para realizar a referida etapa do trabalho, serão exploradas separadamente cada dimensão crítica refletida nos blocos de questões destinadas aos entrevistados, fazendo-se, primeiramente, uma sumarização do apanhado de opiniões emitidas e das conclusões que puderam ser extraídas da interpretação geral dos discursos. Em seguida, tais conclusões serão sustentadas com base na metodologia supramencionada de interpretação discursiva, pautada pela análise da frequência, proximidade e contexto em que aparecem os termos e expressões que compõem o cluster semântico referente à aludida dimensão crítica.

No entanto, dada a limitação da amostra considerada no presente estudo, cabe destacar que não será possível transportar eventuais observações e constatações de cunho prático a um nível macro. Por essa razão, cabe aqui registrar que as observações e constatações que serão feitas na presente seção não têm caráter estatístico ou representativo de uma generalidade de casos, uma vez que sempre extraídas da análise dos discursos da amostra de entrevistados aqui considerada.

Entretanto, como já destacado, a ideia do presente trabalho é demonstrar que, sim, é possível transportar as dimensões de estímulo à inovação destacadas da literatura de referência para a experiência de *coworkings*.

4.1. Colocalização como elemento de estímulo a processos de aprendizado e fluxo de conhecimento

No que tange à dimensão supramencionada, a ideia central do roteiro de questões formulado foi possibilitar a identificação de evidências de que a proximidade dos integrantes de um *coworking* – considerando o fato de estarem limitados a um mesmo endereço – e conseqüentemente a constante condição de copresença seria capaz de estimular fluxos de aprendizado interativo e difusão de informações e conhecimento. Tal constatação seria essencial para permitir que se atestasse a existência de fenômenos análogos aos que ocorrem em sistemas produtivos locais e regionais, à exemplo do que foi revelado pela literatura especializada destacada nesse trabalho.

Com base na interpretação geral dos discursos dos entrevistados, foi possível notar que todos concordaram que a proximidade entre *coworkers* contribui para processos de

aprendizado mais dinâmicos e interativos, atribuindo graus mais elevados de relevância às interações ocorridas com clientes, fornecedores e empresas parceiras.

Já com relação à preocupação com a adoção de medidas de segurança e proteção de ativos intangíveis, houve unanimidade entre os entrevistados no sentido de afirmar que tal preocupação é praticamente nula em meio à sua comunidade (*coworking*). Nota-se, pelo discurso dos entrevistados, ser altamente incomum a adoção de posturas protetivas nesse sentido – algo que foi revelado como desalinhado e mal visto nos ambientes de *coworking* objeto da presente investigação.

Tal constatação reafirma a lógica revelada pela literatura de sistemas de inovação, segundo a qual a perspectiva de pertencimento a uma comunidade que compartilha uma identidade comum se traduz em compartilhamento de elevados níveis de confiança e intensos fluxos de informações.

Para melhor sustentar, contudo, as referidas constatações, passa-se, primeiramente à uma análise quanto ao grau de relevância atribuído pelos entrevistados aos itens destacados nas questões Q1.1 e Q2 do primeiro bloco.

Como já ressaltado, todos os entrevistados responderam positivamente à primeira questão do bloco, reconhecendo que, sim, a proximidade entre os *coworkers* contribui para processos de aprendizado. Quanto ao grau de relevância atribuído aos parceiros existentes dentro do espaço de *coworking*, clientes, fornecedores e empresas parceiras receberam pontuações que variaram apenas entre 4 e 5, sendo esses os dois maiores graus de relevância da escala proposta. Tal fato contribui para a percepção de que espaços de *coworking* possuem vocação de estimular a criação de cadeias produtivas integradas e interativas⁴⁷.

No que se refere aos conhecimentos apontados como mais relevantes dentre os adquiridos na atmosfera de troca experimentada, conhecimentos sobre técnicas e tecnologias; sobre condições, perspectivas e oportunidades de mercado; e sobre tendências de médio e longo prazo nas áreas de atuação igualmente receberam exclusivamente pontuações que variaram entre 4 e 5.

Já as demais espécies de conhecimento citadas, mais ligadas a questões legais, regulatórias, de incentivo e parcerias externas, não se destacaram tanto entre as opções

⁴⁷ Tal aspecto pode até mesmo sugerir a existência, de forma estrutural, de economias externas de vocação marshalliana, marcadas por links produtivos para frente e para trás, assim como pelo acesso a fornecedores e consumidores especializados (MARSHALL, 1920). No entanto, dada a restrição da amostra, seria exagero defender tal afirmação com base apenas na pesquisa realizada. Outras evidências de fundo empírico e estatístico teriam de ser levantadas para esse propósito.

analisadas, demonstrando que há uma tendência maior – ao menos entre os entrevistados – em se preocupar com questões negociais de curto prazo.

Para além de tais constatações, realizou-se um esforço de alinhamento das questões destinadas aos entrevistados com os clusters semânticos referentes às mesmas. Então, com base na frequência, proximidade e contexto dos temas e expressões destacados, foi possível dar respaldo à interpretação geral extraída dos discursos, como se verá adiante.

No que tange ao bloco de questões destinado à exploração da dimensão crítica da colocalização e processos de aprendizado, foi possível destacar os seguintes termos e expressões como relevantes para a análise ora pretendida, uma vez que associados às questões propostas nesse bloco: “aprendizado (nos corredores/áreas comuns)”, “circulação de informações”, “troca”, “conexão”, “interação”, “aprofundar relacionamentos”, “dividir mesa/sala com o cliente/fornecedor”, “ajuda”, “abertura ao diálogo” e “bens intangíveis”.

Considerando o subtema circulação de conhecimento e dinâmica de aprendizado, as expressões “troca”, “aprendizado” e “circulação de conhecimento”, foram utilizadas 54 vezes em associação a tal assunto.

É interessante apontar a recorrência de combinações – em uma mesma sentença – entre ideias de convivência, “interação” e compartilhamento de espaço (“dividir sala”, “dividir mesa”, etc.) de um lado, com “circulação de informações”, “aprendizado” e “troca” de outro. Faz-se referência, nesse ponto, à Figura 1, que traz a representação gráfica da rede semântica que reflete os principais termos e expressões utilizados pelos entrevistados no que tange à presente dimensão crítica, refletindo sua recorrência e contexto.

Veja-se nesse sentido, os depoimentos dos entrevistado n^{os}1, 4 e 5, respectivamente:

“Falando de conhecimento e aprendizado, isso é nos corredores. Assim, a gente observa vários exemplos de trocas, desde ferramental, por exemplo: conhecimentos sobre qual é a melhor plataforma de gestão, isso é, uma troca de conhecimentos dentro da comunidade, circulando né”.

“(…)tem muito caso de fechamento de negócio entre empresas dentro do ambiente. Aí, a troca de conhecimento é mais intensa, para além do business. Isso porque você coloca duas empresas trabalhando em um projeto, um cliente e um fornecedor, aí tem uma troca constante ali de informações e conhecimento”.

“Alguma pessoa olha para o meu trabalho, aponta, tira alguma dúvida, ou fala sobre alguma coisa que não entendeu, aí eu tento entender como deixar claro para as pessoas o que eu faço, e fazer também com que eu entenda o que essas pessoas precisam entender do meu negócio. A partir de outras experiências eu olho para o meu negócio e enxergo onde eu preciso mudar, como eu preciso mudar. Acho que essa é a troca mais rica. (...) Eu uso muito o que a outra pessoa fala para saber o que falar”.

Já no que tange ao subtema da preocupação com a proteção de ativos intangíveis como forma de preservação de um certo patamar de competitividade, os termos e expressões mais utilizados foram: “tecnologias”, “know-how diferenciado”, “abertura ao diálogo”, “relacionamento” e “ajuda”, com um total de 26 recorrências. É relevante ressaltar que também nesse contexto as expressões “troca”, “colaboração” e “interação” foram amplamente utilizadas em conexão com os termos apontados, percebendo-se uma intensa associação entre as ideias de propensão ao compartilhamento e de diferenciais competitivos em alguma medida protegíveis.

Figura 1 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada à colocalização, processos de aprendizado e fluxo de conhecimento



Fonte: Elaboração própria.

Veja-se nesse sentido, a afirmação do entrevistado nº 4, quando questionado sobre sua impressão acerca da propensão ao compartilhamento de conhecimentos e competências entre *coworkers*:

“Sim, existe uma propensão maior entre os membros. E eu acho que tem uma coisa de aprofundamento do relacionamento, de acesso, de segurança. As pessoas se sentem seguras em trocar aqui dentro, cria-se um ambiente que oferece esse tipo de conforto. E a praticidade, né... As pessoas partem do princípio de que as empresas que estão aqui dentro tem uma pré-disposição, uma abertura ao diálogo maior. Assim, melhor do que tentar marcar com alguém de fora, é mais fácil marcar com quem está dentro. Acho que está em campos muito distantes. Tem uma propensão a ser muito maior aqui dentro”.

Assim, com base na análise feita, é possível concluir que existem importantes evidências de que a copresença e o convívio contínuo e reiterado tendem a construir bases pautadas em capital social e acréscimo de valor pela criação de um senso de comunidade, que se traduzem em um cenário mais propenso à circulação de conhecimento e ao aprendizado interativo. Tal constatação respalda a hipótese aqui alardeada de que é possível, sim, transportar o referido traço, regularmente percebido em sistemas produtivos locais e regionais, para a lógica de *coworkings*.

4.2. Dinâmica colaborativa

No que se refere à dimensão crítica ora analisada, é necessário ressaltar que não houve unanimidade entre as contribuições ofertadas pelos entrevistados, tendo sido possível notar, inclusive, uma demanda reprimida por parte de alguns dos usuários.

Trata-se aqui de uma dimensão que se refere a experiências de conjugação e direcionamento de esforços por dois ou mais integrantes de um espaço, sejam eles atores isolados ou empresas, com o objetivo de formar parcerias colaborativas para a promoção de soluções conjuntas que, em última análise, se traduzem em diferencial competitivo e inovativo. Trata-se de articulações colaborativas, que nascem da atmosfera colaborativa do espaço de *coworking*.

Nesse sentido, é importante ressaltar que dentre os seis entrevistados, apenas 4 ressaltaram já terem tido ou presenciado experiências dessa natureza e, mesmo entre esses, foi destacado que não se tratava de uma dinâmica altamente recorrente.

Dentre os questionamentos formulados, um deles se referia à proporção entre parcerias desenvolvidas internamente e com agentes externos ao *coworking*. Nesse quesito, foi sistematicamente destacado entre os entrevistados o fato de que, apesar de haver inúmeras oportunidades de formação de parcerias dentro do *coworking*, não se vislumbrava a possibilidade de abandonar em absoluto o “mundo externo”.

Tal afirmativa, no entanto, se deve ao fato de que, apesar de se tratar de um grande *hub* de atividades e especialidades variados, ainda assim se trata de um ambiente contíguo, restrito a um mesmo endereço. Trata-se de um espaço ocupado não de forma direcionada e sistematizada, com um viés de complementariedade declarado, mas a partir da oferta ampla e irrestrita de infraestrutura e de uma condição de pertencimento específica.

É evidente, portanto, que ao se considerar apenas um mesmo espaço de *coworking*, a maioria das atividades desenvolvidas ali encontrarão ao menos alguns *gaps* de atendimento às suas necessidades. Tal constatação pode ser ilustrada a partir da contribuição feita pelo entrevistados n^{os} 3 e 1, que, quando questionados se conseguiam suprir suas demandas a partir de colaborações ocorridas dentro do espaço, ou se recorrentemente precisava recorrer a atores externos, responderam o seguinte:

“Em regra, é externo. Porque é muito de fornecedor que eu já tenho, ou de gente que já trabalha comigo, ou que já trabalhou. Em regra”.

“Cara, eu acho que não dá pra dizer que em regra as empresas suprem as suas necessidades aqui dentro. As interações externas continuam acontecendo. De fato, eu estou falando como observador, mas é uma observação bem próxima. Eu não vejo ninguém cortando seus laços com outros atores, porque se basta aqui dentro”.

Tal reconhecimento não é capaz, contudo, de afastar a constatação de que, sim, um ambiente de *coworking* é um lócus onde há maior propensão à colaboração e conjunção de esforços para solução de problemas comuns, conforme se percebe da interpretação sistemática dos discursos dos entrevistados.

Nesse sentido, é importante destacar que é possível extrair da fala de todos os entrevistados uma propensão ou abertura maior ao desenvolvimento de parcerias colaborativas com outros *coworkers*. E, na prática, dentre os 6 entrevistados, 3 destacaram terem se engajado, ou ao menos observado o engajamento de ao menos uma parceria colaborativa no último ano.

Já com relação aos resultados obtidos em tais colaborações, foram destacados principalmente a melhoria na qualidade de produtos/serviços; o desenvolvimento de novos produtos/serviços; novas oportunidades de negócio; e melhorias na inserção/promoção no mercado. Enquanto o grau de relevância médio atribuído a tais itens foi 4,3, o grau médio atribuído aos itens ligados a desenvolvimento de novos processos, inovações organizacionais e condições de fornecimento, distribuição e comercialização não passou de 2,8.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que os resultados mais palpáveis de tais colaborações tem mais a ver com o produto final ofertado e sua penetração e posicionamento de mercado, demonstrando uma preocupação possivelmente maior com estratégias de resultado de curto prazo.

Para sustentar as observações e interpretações feitas, realizou-se aqui também um esforço de alinhamento das questões destinadas aos entrevistados com os clusters semânticos

referentes às mesmas e, em seguida, uma análise da frequência, proximidade e contexto dos temas e expressões destacados.

No que tange ao bloco de questões destinado à presente dimensão crítica, foi possível destacar os seguintes termos e expressões como relevantes para a análise ora pretendida, uma vez que associados às questões propostas nesse bloco: “colaboração”, “fazer negócio”, “suprir necessidades”, “parcerias”, “projeto conjunto”, “ajuda”, “grupo de trabalho”, “integração”.

Considerando o subtema de propensão ao engajamento e engajamento efetivo, com vistas à formação de parcerias colaborativas, as palavras e expressões “colaboração”, “fazer negócio”, “parcerias”, “projeto conjunto”, “ajuda” e “grupo de trabalho” somaram um total de 30 menções, em associação a tal assunto. Para melhor ilustrar o contexto e recorrência de tais expressões, buscou-se refleti-los graficamente na Figura 2.

Aqui é interessante apontar que as referidas expressões foram recorrentemente utilizadas em associação à ideia de “suprir necessidades” e acessar tecnologias e conhecimentos críticos não possuídos pelo autor do discurso, conforme se percebe nos seguintes trechos das entrevistas realizadas respectivamente com os entrevistados n^{os} 4 e 5:

“Esse tipo de integração — e aí eu estou usando um recorte das interações que você descreveu — acontece mais entre membros do que com quem está de fora. A [nome do espaço suprimido] tem muitas empresas. É uma variedade muito grande. Então, você provavelmente vai conseguir achar alguém aqui dentro que vá conseguir te ajudar, que vá conseguir resolver o seu problema”.

“Pô, cara, todas essas colaborações reverterem 100% para o meu business. Porque, ainda que isso reverta para o outro também, em aprimoramento para o negócio dele, para a marca dele, eu aproveito 100% a ideia para o meu negócio também. Tanto conhecimentos de mercado tendências, até tipo: “aprendi alguma coisa aqui com esse cliente, vou replicar em outro”. Por isso, eu acho que é 100% para os dois lados. Tipo, ele ganha 100% e eu também”.

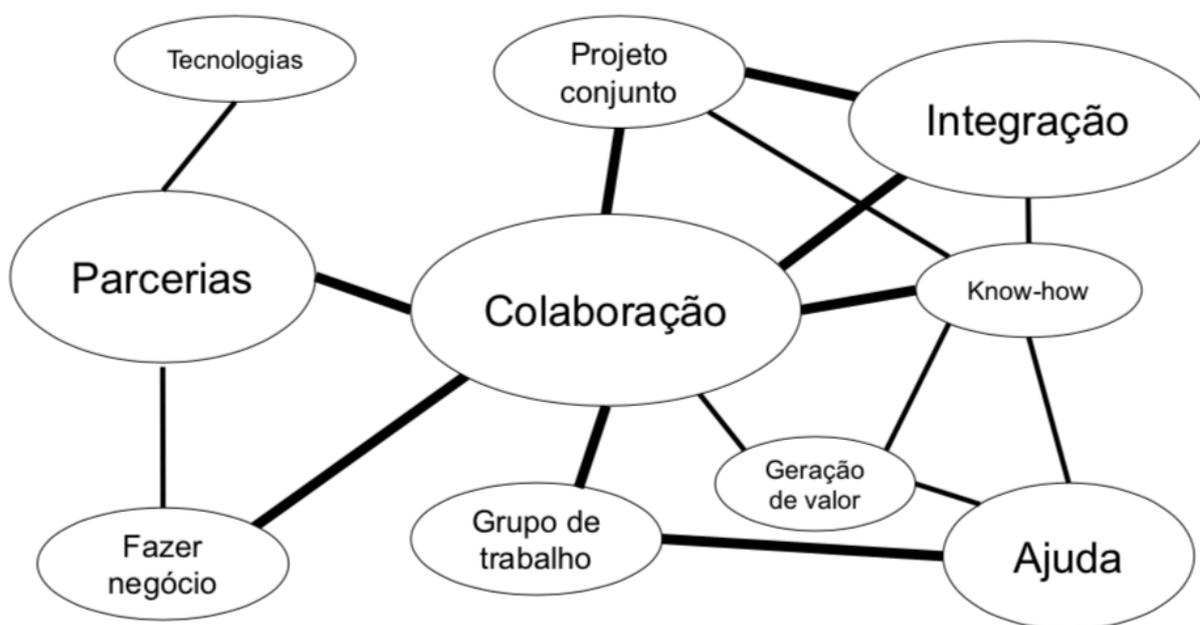
Já no que tange ao tema dos resultados decorrentes de tais colaborações, foi possível verificar a recorrência de expressões como “geração de valor”, “know-how diferenciado” e “tecnologias” (Figura 2), o que reforça a constatação de que – ao menos no que tange à amostra considerada – a preocupação dos *coworkers* gira bastante em torno de questões mais estratégicas relacionadas ao aprimoramento dos produtos e serviços ofertados e ao seu posicionamento no mercado.

Veja-se, nesse sentido, as contribuições dos entrevistados n^o1 e 2, que ilustram bem tal perspectiva:

“Impacto em melhoria de produtos e serviços? Acho que [o grau de relevância] é 5. Porque normalmente quando há interação, há uma melhora e ela está em um grau importante de relevância. (...) Com relação à oportunidades de negócio e inserção no mercado, isso sim, isso se observa. Eu acho que, vá lá, 4. Tem uma relevância considerável também”.

“A gente vê muito disso aqui dentro né. Eu tenho um exemplo interessante pra te dar. Aqui no espaço a gente tem uma empresa de TI e um contador, o [...] – que inclusive é o contador de quase todo mundo aqui dentro. O [...] estava implementando uma solução informatizada no serviço dele, mas esbarrou em alguns problemas técnicos que não deixaram ele ir pra frente. Moral da história: o [...] [gestor da empresa de TI] e o [...] se juntaram e construíram uma plataforma nova que melhorou a vida de todo mundo”.

Figura 2 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada à dinâmica colaborativa



Fonte: Elaboração própria

Para além de tais evidências, é necessário ainda destacar que dentre os entrevistados que destacaram não terem experimentado situações de colaboração nos moldes aqui descritos, foi ressaltada não só uma propensão a tal ideia, mas um desejo nesse sentido. Percebeu-se que, quanto a *coworkers* com trajetórias carentes de tais experiências, havia uma crítica à gestão do espaço por não estar estimulando tais colaborações.

Veja-se, nesse sentido, a fala do entrevistado nº 6, quando questionado sobre sua propensão a recorrer a atores internos ao espaço para solucionar problemas relacionados ao seu negócio:

“É aquilo que te falei, às vezes você entra e sai e não sabe nem o que as pessoas fazem. Poderia ter uma apresentação das pessoas e do que elas fazem, ia ser bem interessante. (...) Aliás, agora eu me lembrei que descobri recentemente um pequeno escritório de contabilidade que tem lá no andar de cima e, como talvez eu precise abrir uma empresa

individual, descobri que tem um rapaz lá que é contador e pode fazer isso. Mas eu descobri por acaso. Por ele estar mais perto ia facilitar na hora de tirar uma dúvida, ou caso precise de alguma coisa. Mas foi iniciativa minha, eu ouvi ali, eu não sabia que ele existia”.

Com base em todos os discursos analisados, é possível notar a existência de importantes evidências no sentido de haver uma propensão declarada à colaboração por parte das comunidades de *coworking*. Mesmo no caso de entrevistados cuja trajetória não foi fortemente marcada por experiências nesse sentido, foi possível notar que há abertura e vontade de levar a cabo tais engajamentos.

Tal atmosfera colaborativa, portanto, denota o mérito da hipótese levantada quanto à possibilidade de transportar a lógica de articulação entre atores produtivos e inovativos de sistemas de inovação para ambientes de *coworking*. Fica clara a ideia de que a concentração de atividades econômicas dotadas de afinidade e com caráter complementar é passível sim de gerar, também dentro de um *coworking*, transbordamentos e estímulos ao desenvolvimento de variadas formas de adaptação, aprendizado e inovação (MALMBERG, 1997).

Tal constatação faz recordar do já explorado conceito de “*embeddedness*” (Cooke, 2001), que remete a uma dinâmica interativa e colaborativa, geradora de sinergias e incremento de potencial competitivo e inovativo. Tal traço pode ser claramente observado na fala dos entrevistados, conforme se observa dos trechos destacados nesse bloco, também podendo ser ilustrado pelo seguinte testemunho do entrevistado nº 1:

“(...) têm muitas histórias de conexões entre membros, para atender um cliente. Tem vários casos. Eu vou te contar uma história que ilustra. Tem uma empresa de design, que trabalha com design em várias frentes: design, web design, planejamento de marca... Eles entraram no [nome do espaço suprimido] com o sócio fundador e mais uma pessoa e hoje eles têm 6 pessoas dentro do escritório, e todo o crescimento deles foi em cima de fechamento de negócios dentro do [nome do espaço suprimido]. Ou quase todo. Eu diria que 80% da carteira de clientes dele são clientes que têm escritórios no [nome do espaço suprimido]. A Renault, durante um tempo, teve escritório no [nome do espaço suprimido]. Quando estava lançando o projeto Renault Digital, no Brasil, que era um braço da área de inovação, eles ficaram 6 meses lá, e foi essa empresa que fez toda a comunicação visual, site, etc. do projeto da Renault. Lá dentro tem uma escola de cursos livres, que todo o material de comunicação é esse cliente que faz. Tem uma empreendedora que está lá e está montando um café, casa de chás, e ela está com escritório dentro do [nome do espaço suprimido], até que ela monte a operação. A parte de comunicação dela está sendo feito por essa empresa e o projeto de arquitetura do café, provavelmente será com uma empresa de arquitetura que também está dentro do [nome do espaço suprimido]. Ela está orçando com arquitetas que estão aqui dentro. Tem uma escola de francês dentro do [nome do espaço suprimido] e a parte de comunicação dessa escola é feita ali, a contabilidade é feita ali também, com uma outra empresa que está ali dentro também. Então, assim, é frequente”.

4.3. Estrutura institucional voltada à promoção de sinergias

No que tange ao bloco de questões relacionado à presente dimensão crítica, trata-se da investigação quanto aos esforços proativos realizados pela gestão dos espaços de *coworking* investigados no sentido de promover sinergias, seja por meio da adoção de configurações físicas que favoreçam interações e conexões, seja por meio da implementação de diretrizes formais voltadas a tais objetivos.

Tal avaliação se destina a atestar o paralelo, sugerido com base na análise da literatura especializada, entre a realidade de *coworkings* e de sistemas de inovação, no que tange à adoção de estruturas institucionais voltadas à promoção dos fenômenos fomentadores de potencial inovativo e competitivo.

Conforme destacado anteriormente, a literatura de sistemas de inovação reconhece que o arcabouço institucional de determinado recorte pode contribuir consideravelmente para estimular integração, colaboração e sinergias (DOLOREUX; PARTO, 2005), assim como para dar amparo a estratégias de dinamização (MATOS et al., 2017; CAMPOS et al., 2003).

Portanto, é de se supor que, à exemplo dos recortes analisados pela referida literatura, *coworkings* também possam se beneficiar de configurações estruturais e de regras estrategicamente formuladas, aptas a gerar estímulos a processos de aprendizado interativo. Assim como em sistemas de inovação, tais “frentes de política” – mesmo que internas – podem auxiliar a construção de uma base de conhecimento e capacidades chave para a um eficiente processo inovativo.

Nesse sentido, é importante ressaltar que todos os entrevistados identificaram a existência, em alguma medida, de diretrizes internas de seus espaços de *coworking* no sentido de promover as sinergias aqui descritas. Foram citadas as mais diversas formas de atitudes proativas nesse sentido: adoção de uma configuração física que promovesse “encontros casuais”, promoção de eventos de integração, oferecimento uma agenda para compartilhamento de ideias, entre outras. Fato é que a preocupação de promover interações e trocas se mostra como um traço comum a todos os espaços investigados. Veja-se, nesse sentido, alguns exemplos citados pelos entrevistados n^{os} 1 e 4, referentes à configuração física de seus espaços:

“(...) a gente tem um cuidado, desde o momento em que a gente está fazendo o projeto arquitetônico do prédio, como a gente pensa e concebe o projeto, do ponto de vista de circulação, que é para que a gente estimule encontros casuais, sempre. Desde onde a gente localiza o banheiro, a impressora e os pontos de café no prédio. A gente pensa isso para estimular a circulação e a mobilidade no prédio, que leve a encontros casuais, porque a

partir desses encontros, a partir das conexões casuais, a gente tem troca de conhecimento, a gente tem troca de oportunidade de negócio, esse tipo de coisa. Então, a gente não ferramenta isso do ponto de vista de sistematizar a circulação de conhecimento dentro do prédio, mas a gente estimula isso enquanto plataforma. Toda a forma como a gente concebe o espaço, a opção pelas divisórias de vidro, tem várias escolhas conscientes no projeto para estimular esse tipo de troca”.

“O espaço aqui tem algumas poucas normas com as quais a gestão é meio intransigente. Quase nenhuma. Uma delas é que as divisórias são sempre de vidro. E o cliente que vem não tem a opção de fechar o vidro. Nem “jatear” ele pode. Isso é uma escolha. Então, se a pessoa quer vir só pelo tangível — mesa cadeira, internet, café, etc. —, acho que eles preferem que nem venha. Não tem muito como buscar isolamento. Privacidade existe, seja você cliente, residente, membro, etc., mas eles sempre separam o que são dois conceitos diferentes: privacidade e isolamento”.

No que tange à frequência com que ocorrem as interações, 4 dos 6 entrevistados ressaltaram se tratar de uma frequência alta, quando não diária. Os entrevistados identificaram que o espaço em si e sua configuração física exerce um importante papel nesse sentido, destacando-se as trocas ocorridas em áreas de convívio, como copas, cozinhas, salas de descompressão, cafés e demais espaços destinados a momentos de descontração. Veja-se o testemunho do entrevistado nº 3:

“Tem, não só alguns espaços de convivência, tipo, em cada andar tem uma cozinha, uma copa, com forno, com pia. Então, você pode almoçar ali, tem uma mesa de almoço, tem um espaço de lazer comum, tipo com ping-pong, sofá, telão. Tem espaço para palestra, tem espaço de bem estar, tem um terraço. Eu sou muito fã, assim, daqui. É uma mega estrutura que facilita para caramba. Se você estiver a fim de usar essa estrutura, não só para fazer disso um espaço para o seu negócio, um espaço físico, mas também para ampliar a sua carteira de clientes, seus conhecimentos sobre possíveis clientes, parceiros, fornecedores, etc. Se você quiser isso, vale muito a pena”.

No entanto, dois dos entrevistados – ambos pertencentes ao espaço WeWork – atribuíram bastante relevância também à preocupação da gestão em adotar algumas diretrizes formais para a promoção de tais sinergias. Foram destacadas a constante promoção de eventos de boas vindas, workshops, grupos de discussão, a adoção de um banco de dados centralizado com o propósito de fomentar a criação de parcerias e a construção de *networking*, etc. Veja-se nesse sentido, trecho da fala do entrevistado nº 5:

“Cara, tem workshop toda semana, tem happy hour toda semana, tem massagem toda semana, tem manicure toda semana, tem uns eventos às segundas-feiras. A cada início de mês tem um evento na segunda-feira, para receber os novos membros, para explicar para eles as novas regras, para apresentar a galera. Tipo, é um espaço bem rico nesse sentido. Tudo o que eles podem fazer, tanto para apresentar os membros entre si, quanto para: ‘putz, cara queria muito fazer uma parceria com uma empresa de comida por aplicativo’. Se tiver alguém dentro

do universo [nome do espaço suprimido] que faz isso, eles vão me colocar em contato, vão marcar uma reunião, vão mandar um e-mail apresentando e depois a gente vai conversando”.

Seguindo, contudo, a mesma metodologia adotada nos itens anteriores, faz-se agora um esforço para alinhar as questões que compuseram o presente bloco com os clusters semânticos referentes ao tema.

No que tange ao bloco de questões destinado à presente dimensão crítica, foi possível destacar os seguintes termos e expressões como relevantes para a análise ora pretendida, uma vez que foram consistentemente associados às questões propostas nesse bloco: “encontros casuais”, “cozinha”, “copa”, “corredor”, “área/espaço de convivência”, “troca”, “negócio”, “interação” e “eventos”.

Com relação ao aspecto físico relacionado à presente dimensão, as expressões relacionadas a espaços como “cozinha”, “copa”, “área de convivência” e “corredor” somaram um total de 19 menções. É importante ressaltar que tais expressões sempre apareciam em um contexto de troca, no qual eram também mencionadas expressões como “troca”, “negócio”, “encontros casuais” e “interação”, que, por sua vez, somaram 32 citações em tal contexto. Para melhor referência, a recorrência e contexto de tais termos foi refletida na representação gráfica constante da Figura 3.

Tal evidência sustenta a constatação de que os entrevistados claramente reconhecem que oportunidades de engajamento e interações proveitosas, do ponto de vista negocial e comercial, devem-se, muitas vezes, à configuração do espaço.

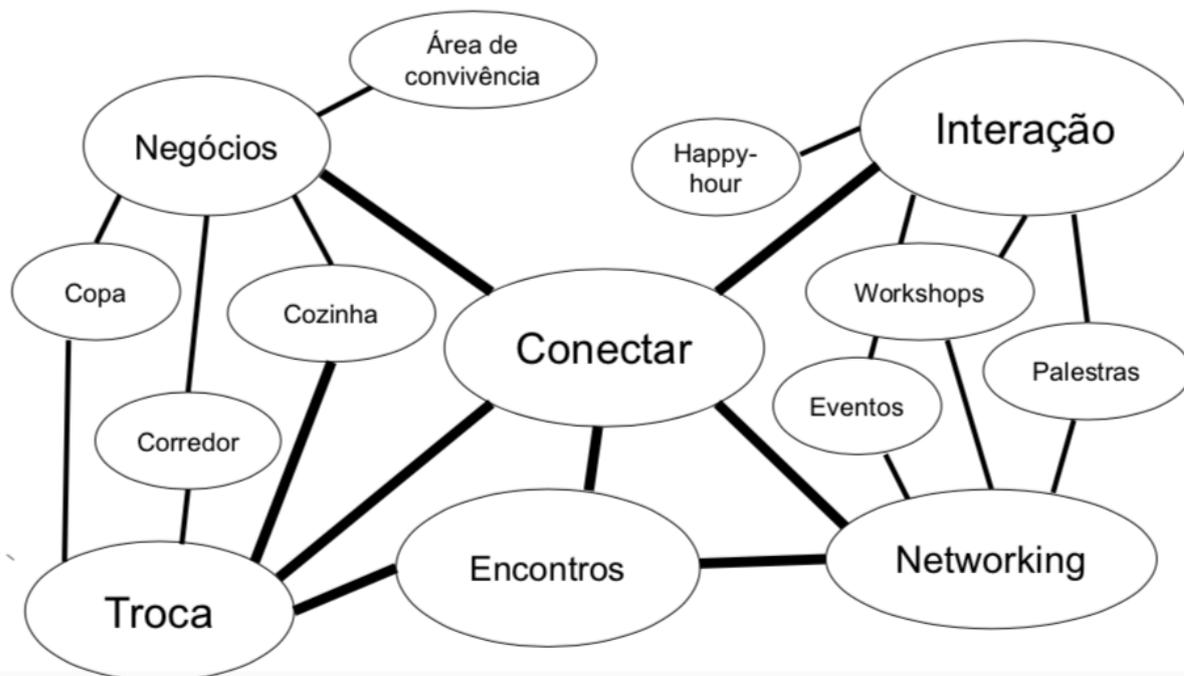
Já no que tange às diretrizes formais de estímulo a sinergias, o termo “evento(s)”, bem como espécies e exemplos do mesmo (“workshops”, “palestras”, “encontros” e “happy hour”, e.g.) somaram 20 menções no presente bloco, no contexto das questões Q3 e Q4 (Figura 3). Como regra, tais termos foram associados à ideia de oportunidades de se conectar com outros integrantes do espaço, sendo utilizadas nesse sentido expressões que igualmente remeteram a ideias como “conexão”, oportunidades de “fazer negócio”, “networking”, etc.

Nesse sentido, apesar de as diretrizes formais não terem recebido tanto destaque na fala de alguns dos entrevistados, aqueles que ressaltaram sua existência na rotina de seus *coworkings*, conferiram elevadíssimo grau de importância às mesmas, conforme se nota do trecho destacado abaixo, da fala do entrevistado nº 3:

“Tento estar sempre presente nos eventos que acontecem. Toda quinta acontece um happy hour, mas não é só isso... Aqui eles promovem festa junina, várias palestras... Eu já falei aqui em palestras. (...) Eu tento sempre usar o espaço da melhor forma. O espaço aqui oferece mil

oportunidades de integração mesmo, de confraternização... E isso agrega um valor incrível a qualquer negócio”.

Figura 3 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada a estruturas institucionais e promoção de sinergias



Fonte: Elaboração própria.

Com base em todos os discursos analisados, portanto, é possível defender a hipótese sugerida, segundo a qual espaços de *coworking*, ao promoverem – à exemplo de sistemas de inovação – um arcabouço de diretrizes voltados à promoção de sinergias, acabam por estimular interações, trocas e conexões que, em última análise, culminam em incremento de potencial competitivo e inovativo.

Tal fenômeno se mostrou evidente no discurso dos entrevistados, na medida em que tanto a configuração física dos espaços, como suas estruturas institucionais foram destacadas como sendo responsáveis pelo fomento a tais “encontros casuais”, experiências de “troca” e oportunidades de negócio.

4.4. Networking de segurança

A presente dimensão crítica, como ressaltado anteriormente, se refere à possibilidade, conferida pela dinâmica de um espaço de *coworking*, no sentido de permitir a construção de uma espécie de um *networking* de segurança, respaldado pela reputação alcançada em razão

da inserção naquele espaço. O referido traço acaba por funcionar – segundo a hipótese defendida nesse trabalho – como uma espécie de “rede de segurança” em caso de fracassos, gerando, assim, estímulos à experimentação e inovação.

Conforme destacado, a reputação conferida pelo pertencimento a um determinado espaço de *coworking* pode facilitar a obtenção de recursos externos, uma vez que *coworkers* tendem a gozar, em meio ao mercado, de maior credibilidade do que atores isolados (FABBRI; CHARUE-DUBOC, 2014).

Portanto, a hipótese aqui investigada se refere a um benefício que vai além daqueles já destacados. Trata-se da possibilidade de construir uma rede de relacionamentos e uma reputação que conferem, em última análise, maior liberdade e segurança para lançar mão de esforços inovativos.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, pela natureza da investigação proposta no presente bloco, foram obtidas opiniões variadas, principalmente ao se comparar o discurso de gestores de espaços e de integrantes dos mesmos. Isso se deu, evidentemente, em razão de o presente bloco se dedicar a avaliar uma perspectiva muito mais ligada à experiência do usuário do espaço. No entanto, é igualmente relevante apontar que as perguntas também foram direcionadas aos gestores entrevistados, que puderam responder-las na condição de observadores externos.

Assim, foi possível obter evidências – principalmente a partir do discurso dos integrantes dos espaços WeWork e Nex – de que há sim um reconhecimento por parte dos mesmos quanto a um incremento de reputação experimentado a partir da inserção em seus respectivos espaços. Em ambas as entrevistas foi destacada uma alavancagem nas atividades comerciais desempenhadas. É possível que tal fato se dê em função da proximidade com potenciais parceiros, mas fato é que os entrevistados reconheceram que a exposição garantida pela inserção no espaço de *coworking* contribuiu em grande medida para sua reputação, mesmo fora do espaço. Veja-se nesse sentido, resposta do entrevistado nº 5 quando questionado quanto ao peso do networking construído no interior do *coworking*, em termos de perspectiva de carreira futura:

“Cara, muito peso. Tanto falando de segurança, ousadia, enfim, eu me sinto bem e me sinto tranquilo para fazer coisas que eu não faria se estivesse sozinho. Até porque tem mais gente vendo meu trabalho, tem mais gente que pode gostar. Tipo, ainda que – algo que não se aplica ao meu caso – tipo: ‘comprei um maquinário, aluguei uma parada, sei lá, qualquer coisa nesse sentido’. Foi o caso, eu fui a uma feira da WeWork ano passado em São Paulo. Eu criei produtos específicos para essa feira que não foram vendidos até hoje. Tipo, mas não fiquei preocupado com isso, foi um risco calculado. Eu falei: ‘Cara, vou fazer porque vai

valer a pena para a feira. Eu preciso desses produtos para serem mostrados aqui e eu vou vender isso depois””.

Além de tal testemunho, veja-se também a observação do entrevistado nº 1, quando questionado sobre o mesmo assunto, mas no papel de observador externo:

“Cria-se uma rede de convivência dentro do espaço, de proximidade dentro do espaço, de conhecimento do potencial dos profissionais que estão aqui dentro, de trocas, enquanto os projetos e negócios estão acontecendo, etc. E naturalmente isso vira uma rede de apoio num momento de recolocação. Acho que isso é uma tendência natural. Se não de absorção direta, mas de uma rede de indicação. Acho que é bem plausível, é bem viável.”

No que tange à perspectivas futuras de carreira, não só os referidos entrevistados ressaltaram um salto em termos de oportunidades, como também todos os demais compartilharam ao menos alguma história que envolvesse uma experiência de reabsorção em outra estrutura de trabalho ou recuperação de perdas em razão de fracassos, conforme exemplificam os testemunhos a seguir, compartilhados respectivamente pelos entrevistados nº 5 e 2:

“Pô, vamos imaginar que deu tudo errado, o Instagram acabou amanhã, não existe mais Instagram, o Facebook faliu. Ou sei lá, qualquer coisa nesse sentido. A partir dos contatos que eu fiz, aqui dentro, ou eu vou trabalhar em uma agência, ou vou trabalhar na própria WeWork, vou encontrar algum criativo e a gente vai criar um novo negócio, a partir das coisas que rolam aqui dentro. Então, me sinto bem tranquilo nesse sentido”.

“Olha, eu vi acontecer aqui uma importante evolução de uma empresa. (...) foi a própria [...], que era uma empresa pequena quando entrou aqui, tinham quatro funcionários, mais a dona. Ela é muito ambiciosa. Hoje ela tem uma filial nesse parceiro nosso de São Paulo e está no RBL. Ou seja, cresceu aqui diante dos meus olhos. Não é um exemplo a nível de um integrante isolado, mas é um exemplo de uma empresa que esteve aqui e que, a partir daqui, construiu uma estrutura que a permitiu galgar novos patamares de mercado”.

Assim, foi possível encontrar evidências de que, sim, o fato de estar inserido em um espaço de *coworking* pode ser considerado um estímulo à atitudes mais ousadas e projetos mais arriscados, tendo em vista uma maior sensação de segurança experimentada⁴⁸. E tal postura tem a vocação de gerar incremento de potencial inovativo e competitivo.

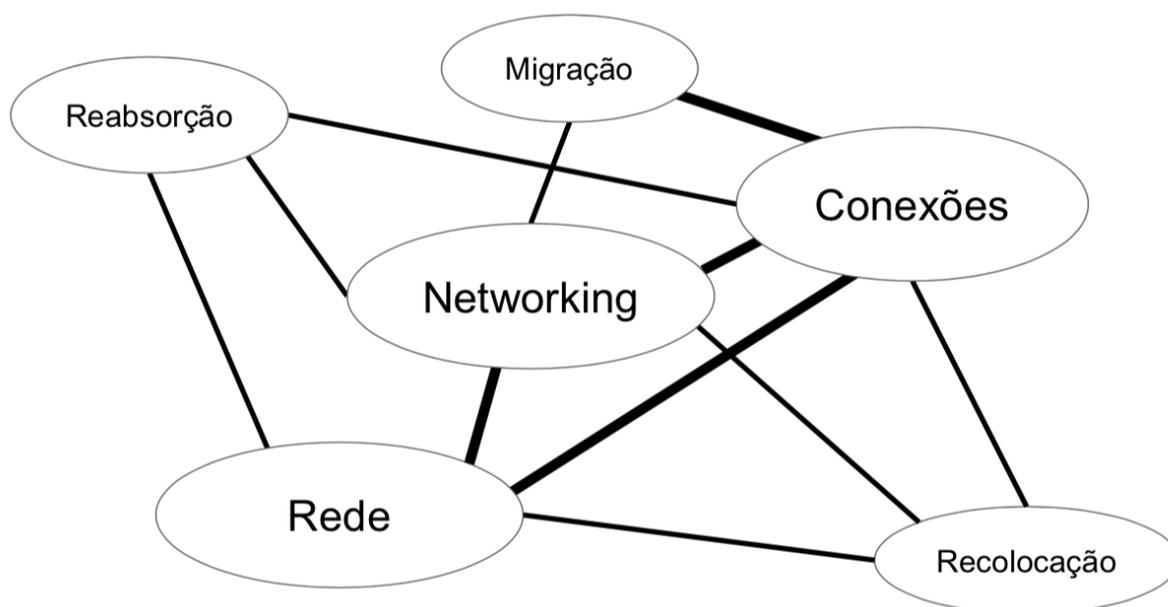
Seguindo a metodologia aqui utilizada para sustentar as constatações obtidas a partir dos discursos dos entrevistados, destaca-se agora o cluster semântico referente ao tema. Nesse

⁴⁸ Nesse ponto, vale reforçar que com base na amostra sobre a qual foi realizada a presente pesquisa, não é possível gerar uma conclusão de base estatística quanto à propensão à atitudes mais arriscadas e ousadas por parte de membros de *coworkings* em geral. No entanto, assim como nos demais fenômenos objeto das hipóteses aqui defendidas, a ideia do presente trabalho é demonstrar a existência de fenômenos diferenciadores, na percepção de indivíduos que vivenciam a experiência do *coworking* de perto.

sentido, no que tange à presente dimensão crítica, foi possível destacar os seguintes termos e expressões como relevantes para a análise ora pretendida, tendo em vista sua constante associação com as indagações propostas nesse bloco: “networking”, “rede” (de contatos, de apoio, e.g.), “convivência”, “reabsorção”, “recolocação” e “migração” (profissional, e.g.).

Dentre os citados parâmetros, é relevante destacar que as expressões “networking”, “rede”, “reabsorção”, “recolocação” e “migração” foram citadas 32 vezes pelos entrevistados, no referido bloco de perguntas, sempre relacionadas à ideia de que as “conexões” e “redes” construídas no interior do espaço tendem a se desdobrar em oportunidades de reaproveitamento de esforços ou reabsorção de força de trabalho. Veja-se, nesse sentido, a Figura 4, em que se ilustra de forma gráfica a recorrência e contexto de tais termos e expressões:

Figura 4 – Rede semântica referente à dimensão crítica ligada ao networking de segurança



Fonte: Elaboração própria.

De forma ilustrativa, veja-se o seguinte trecho da fala do entrevistado nº 4:

“Então, eu vejo muito um potencial de isso acontecendo num espaço de coworking principalmente quando se observa empresas iniciantes, startups, etc.. Porque tem isso né, essas empresas tendem a ter um crescimento as vezes acelerado de time, num processo de ascensão. E aí, depois, seja porque estabilizou o crescimento, seja porque precisa pilotar, por exemplo, às vezes tem downsizing de equipe e esse time é reabsorvido dentro do próprio ambiente. Porque às vezes, sei lá, eu tinha vinte colaboradores, aí meu produto chegou num nível de estabilização, aí eu vou reduzir o número para dez. Pô, certamente tem reabsorção para esses dez colaboradores aqui dentro”.

Além disso, é importante destacar que, apesar de não ter sido possível reunir um conjunto de expressões relevante no que tange à tendência de engajamento em esforços mais arriscados e incertos, tal tendência foi recorrentemente observada, tanto em termos concretos, como na forma de hipótese, conforme o seguintes trecho destacado da fala do entrevistado nº 1:

“Aqui no espaço eu observo que tem uma diversidade muito grande de áreas de atuação, mas as empresas tendem a ser mais estáveis. Não estão nem em processo de contratação em massa, nem de redução brusca de pessoal. Então, acho que é um ambiente um pouco mais linear. Então, eu não vejo esse processo de migração e recolocação acontecendo com frequência. Agora, como hipótese, é extremamente plausível. E tem casos pontuais de migração de profissional entre uma empresa e outra. Eventualmente a empresa saiu e o profissional acabou ficando”.

Com base nas evidências destacadas, portanto, é possível sustentar as hipóteses apresentadas quanto à dimensão crítica ora analisada. Nesse sentido, ao menos entre os entrevistados, é possível afirmar que se reconhece uma tendência a confiar que a “rede de apoio” representada pela reputação conferida pelo espaço de *coworking*, bem como pelas conexões geradas em seu interior, serve sim para estimular comportamentos mais arrojados e, em última análise, possibilitam o incremento de potencial competitivo inovativo.

5. CONCLUSÃO

A pretensão do presente trabalho, como já explicitado, centrou-se na identificação de fenômenos que se dirigem a fomentar a capacidade competitiva e o potencial de inovação ligados a espaços de *coworking*. Trata-se, portanto, de um esforço de pesquisa que se destina a dar subsídios para lançar um olhar diferente sobre tais estruturas.

A realidade econômica vivenciada nos grandes centros urbanos brasileiros está cada vez menos propícia ao desenvolvimento de novos empreendimentos ou negócios inovadores. Diante dos altos custos envolvidos e de todos os obstáculos, principalmente burocráticos e fiscais, empreender se tornou uma atividade arriscada demais para muitos brasileiros.

Assim, a ideia do presente trabalho é mostrar uma faceta da realidade urbana nacional que pode nutrir de esperança quem possui ideias inovadoras. Espaços compartilhados de trabalho representam, diante de tal ótica, não só uma economia de custos, mas a possibilidade de empreender no interior de uma comunidade interativa, colaborativa e inovadora.

Trata-se de uma realidade em que o conhecimento flui de maneira mais livre, projetos nascem de esforços conjuntos e a resiliência é encorajada. Empreender, portanto, não precisa ser um esforço solitário.

Assim, o presente trabalho perseguiu um objetivo bem delineado no sentido de sustentar a hipótese segundo a qual espaços de *coworking* – considerando o recorte selecionado – possuem em regra uma vocação de promover, em seu interior, fenômenos análogos àqueles observados pela literatura de Sistemas de Inovação, em especial no que tange a sistemas locais e regionais.

Nesse sentido, partiu-se de um referencial teórico que explorou dimensões chave da realidade e dinâmica de *coworkings* ao redor do mundo e seus elementos diferenciais, do ponto de vista de estímulo à inovação e incremento de competitividade. Em seguida, explorou-se a literatura selecionada como referência, ligada à abordagem de Sistemas de Inovação, em seus variados recortes, de forma a extrair da mesma elementos alinhados às observações já apontadas sobre *coworkings*, para que tal referencial pudesse conferir respaldo teórico e analítico à investigação que seria a seguir realizada.

Partindo-se de tal metodologia de revisão de literatura, montou-se um roteiro de entrevistas, que teve por objetivo atestar a existência e a intensidade de fenômenos ligados às principais dimensões críticas apontadas, aqui, como responsáveis por assegurar a espaços de *coworking* importantes diferenciais do ponto de vista inovativo e competitivo.

Trata-se, segundo a hipótese defendida no presente trabalho, de dimensões que podem ser descritas em quatro diferentes espécies, sendo a primeira ligada ao estímulo a processos de aprendizado interativo e circulação de conhecimento decorrente da colocalização; a segunda estaria ligada à uma dinâmica colaborativa partilhada pelos membros de um espaço, em razão do compartilhamento de identidade e valores; a terceira a esforços partidos da gestão dos espaços no sentido de estimular processos de sinergia, interação e colaboração; e a quarta estaria ligada à existência de uma espécie de “rede de segurança” para os membros, calcada em networking e reputação, que estimularia comportamentos ousados e inovadores.

Conforme visto a partir da análise do resultado da pesquisa realizada, foram encontradas evidências – mesmo que em níveis variados – com relação à existência de todos os referidos fenômenos como traços marcantes dos espaços de *coworking* investigados.

Da mesma forma, foi possível extrair do testemunho dos entrevistados que tais fenômenos não só existem e são recorrentemente observados, mas podem ser apontados como em alguma medida responsáveis pelo sucesso de negócios ali instalados, pela melhoria dos produtos e serviços ofertados, pelo aprimoramento de estratégias de inserção no mercado, pela adoção de posturas mais alinhadas com um ideal de inovação e modernidade, entre outros aspectos igualmente relevantes do ponto de vista competitivo.

Considerando, portanto, tais dimensões críticas analisadas isoladamente, tal constatação se mostra ainda mais evidente, atestando não só uma vocação dos espaços de *coworking* para catalisar os fenômenos identificados na literatura, como muitas vezes sendo possível supor uma maior intensidade de tais fenômenos. Se a literatura especializada sobre o tema *coworkings* já foi capaz de apontar evidências nesse sentido, tais evidências foram em grande medida respaldadas pelos testemunhos dos entrevistados nesse trabalho.

Com relação ao elemento físico da proximidade proporcionada pelo espaço de *coworking*, foi possível notar algo mais que um simples paralelo com a experiência de colocalização experimentada em sistemas locais e arranjos produtivos locais. Nesse sentido, foi possível perceber um diferencial na intensidade dos fluxos proporcionados por tal proximidade. Seja do ponto de vista de conhecimento e aprendizado, como com relação à criação de uma atmosfera de confiança recíproca e, assim, compartilhamento.

Se a literatura de referência já apontava que a proximidade entre atores e os constantes contatos *face-to-face* estimulariam sinergias e transbordamentos, tanto os estudos destacados sobre o tema *coworkings*, como a pesquisa qualitativa realizada atestam um *buzz* muito mais intenso no contexto micro de tais espaços.

Diversos testemunhos aqui compartilhados evidenciam a existência de condições – tais como um altamente sofisticado capital social e uma alta propensão ao compartilhamento – que sustentam a intensidade de tais fluxos. Pode-se afirmar, assim, que o aprendizado gerado por tal fenômeno representa um grande diferencial em termos de potencial inovativo e competitivo.

Já no que tange ao fenômeno da formação de articulações colaborativas, foi interessante observar que, mesmo que espaços de *coworking* não sejam capazes de proporcionar um atendimento exaustivo às eventuais necessidades dos negócios ali instalados, ainda assim notou-se que tal dimensão se faz presente em importante grau de intensidade.

Em estruturas mais complexas, tais articulações podem ser enxergadas como fruto da credibilidade resultante de interações sucessivas bem sucedidas entre atores econômicos. Trata-se de um processo gradual que pode resultar na construção de conhecimento tácito localizado e, conseqüentemente, em inovação.

Já no que tange a espaços de *coworking*, quando considerada tal dimensão, pode-se perceber que articulações colaborativas, quando ocorrem, nascem de forma muito mais espontânea e rápida, podendo resultar em importante desenvolvimento profissional e de negócio. Conforme se percebe da fala de alguns dos entrevistados que tiveram experiências nesse sentido, as constantes interações ocorridas no espaço de *coworking* resultam não só em aquisição de novos conhecimentos e habilidades, como também no aperfeiçoamento de técnicas, produtos, serviços, etc.

Já quanto ao paralelo traçado entre *coworkings* e sistemas mais complexos, no que tange a estruturas institucionais de cunho mais formal, igualmente percebe-se uma grande propensão à adoção de estratégias proativas de promoção de fluxos e sinergias por parte tanto dos espaços investigados, como de outros retratados na literatura específica.

É evidente que no caso de *coworkings* as estratégias de dinamização não requerem o mesmo grau de sofisticação daquelas adotadas em estruturas mais amplas e complexas. No entanto, o eficiente estabelecimento de diretrizes para estimular sinergias e reger processos de aprendizado interativo, colaboração e troca é tão eficiente nesses contextos, que muitas vezes veio acompanhado de um verdadeiro fascínio na fala dos entrevistados. E quando tal traço não foi percebido na intensidade desejada, insatisfações foram destacadas.

Por último, é importante destacar que este estudo ainda identificou um traço característico ligado a espaços de *coworking*, sem um paralelo tão evidente na literatura de referência. Trata-se da dimensão do networking de segurança.

Conforme já amplamente destacado, o presente trabalho revelou evidências de que integrantes de *coworkings* não só se beneficiam de um incremento em sua reputação por pertencerem a tais espaços, como também compartilham de uma propensão maior ao risco e a ousar em escolhas negociais. Tal propensão se deve ao fato de o espaço, conforme destacado na literatura e por alguns dos entrevistados, servir como uma espécie de rede de segurança apta a reabsorver esforços e amparar em alguma medida fracassos.

Trata-se de algo aparentemente típico de tais estruturas, mostrando-se como um fenômeno que carrega um importante estímulo à comportamentos inovadores e, assim, incremento de competitividade.

Portanto, com base na experiência compartilhada pela amostra de usuários e gestores de *coworkings* investigada, é possível sim afirmar que os fenômenos e elementos levantados como hipótese no presente trabalho contribuem para que aqueles que optam pela inserção em tais estruturas contem com um incremento em seu potencial competitivo e, em especial, condições que respaldem e fomentem práticas inovativas.

5.1. Limitações da pesquisa e sugestões de pesquisa futura

Apesar das conclusões atingidas, há que se reconhecer que o presente esforço de pesquisa é marcado por algumas limitações.

Nesse sentido, é importante destacar que, em função de limitações temporais e de escopo, não foi possível, a partir da metodologia selecionada, exaurir todas as possibilidades de enfrentamento das questões de pesquisa propostas. Tal limitação se deveu ao fato de que o presente estudo tem também a vocação de originar um esforço de construção de indicadores, de base empírica e estatística, representativos dos fenômenos que compõem o objeto da presente pesquisa.

No entanto, tal meta dependeria da realização de extensas etapas de pesquisa quantitativa e qualitativa, e necessariamente com base em uma amostra muito mais representativa da realidade dos *coworkings* do recorte selecionado (a cidade do Rio de Janeiro), para qualificar os achados obtidos através de tais dados.

Além disso, o presente tema também teria a vocação de possibilitar a criação de métricas comparativas para contrapor os fenômenos medidos com indicadores de performance dos espaços e seus integrantes, de forma a avançar no entendimento acerca da medida em que os fenômenos aqui analisados teriam a aptidão de “turbinar” a performance de *coworkers*. No entanto, tal esforço dependeria da análise de bases de dados altamente descentralizadas referentes a indicadores de performance, o que igualmente foge ao escopo do presente

trabalho.

Afinal, como já esclarecido, o presente esforço de pesquisa se dirigiu a encontrar evidências empíricas acerca da presença e intensidade de determinados fenômenos nos espaços selecionados. E apesar desse trabalho não se valer de uma amostra representativa de toda a amplitude do universo de *coworkings* cariocas, esta foi suficiente para atingir os objetivos destacados.

Ademais, conforme já abordado no capítulo destinado à metodologia, o presente estudo reconhece a possibilidade de diferentes composições de espaços de *coworking* gerarem diferentes regimes tecnológicos em seu interior, o que culminaria na existência de nuances de interatividade e sinergia entre tais espaços. Com base nesse pressuposto, entende-se ser possível realizar uma análise comparativa nesse sentido, posicionando diferentes espaços em uma escala de níveis de sinergia, que poderiam refletir aspectos inerentes a oportunidades tecnológicas, regime de apropriabilidade, base de conhecimento e etc. – na medida em que tais espaços apresentem tendência a concentração em torno de áreas específicas de atuação.

Por último, é possível supor ainda que a dinâmica de amadurecimento de um *coworking* possa promover uma gradual reconfiguração do perfil de ocupantes, favorecendo espontaneamente as complementariedades em torno de certas áreas de atuação. Tal suposição parte da crença de que o desenvolvimento e consolidação de determinados negócios ou segmentos de atividade dentro dos espaços poderia acabar atraindo outros negócios complementares.

No entanto, tal constatação dependeria de um esforço de análise intertemporal, a fim de verificar a existência de tal tendência a reconfiguração do tipo de integrantes e usuários dos espaços, com base no referido vetor de construção de redes de complementariedade. Tal frente de análise poderia ainda investigar se tal tendência se dirigiria mais à diversificação, à especialização, à aglutinação de atores atuantes em segmentos complementares, etc.

No entanto tais esforços igualmente fogem ao escopo do presente trabalho, razão pela qual constituem uma sugestão de pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Globalização e espacialidade: o novo papel do local. *In: CASSIOLATO, José E. e LASTRES, Helena M. M. (Orgs.). Globalização e inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul.* Brasília: IBICT, 1999.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Capital Social e Desenvolvimento Local. *In: Lastres, Helena M. M.; Cassiolato, José E.; Maciel, M. L. (Orgs). Pequena empresa Cooperação e Desenvolvimento Local.* Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003.

AMIN, Ash. Una Perspectiva Institucionalista sobre el Desarrollo Económico Regional. *Cadernos IPPUR, Ano XIV, n. 2, pp. 47-68, ago./dez. 2000.*

AMIN, Ash; ROBERTS, Joanne. Knowing in action: Beyond communities of practice. *Research Policy, Brighton, v. 37, n. 2, pp.353–369, mar. 2008.*

ASHEIM, Bjorn, COENEN, Lars, SVENSSON-HENNING, Martin. *Nordic SMEs and regional innovation systems.* Lund: Department of Social and Economic Geography Lund University, 2003.

ASHEIM, Bjorn; GERTLER, Merci S. The Geography of Innovation: Regional Innovation Systems. *In: FAGERBERG, Jan; MOWERY, David C. (Orgs.) The Oxford Handbook of Innovation.* Oxford: Oxford University Press, 2006.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo.* Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BATHELT, H; MALMBERG, A.; MASKELL, P. Clusters and knowledge: local buzz, global pipelines and the process of knowledge creation. *Progress in Human Geography, v. 28, n. 1, pp. 31-56, 2004.*

BECATTINI, Giacomo. Del distrito industrial marshalliano a la “teoría del distrito” contemporánea: una breve reconstrucción crítica. *Investigaciones Regionales, Madri, n. 1, pp. 9-32, 2002.*

BIZARRI, Carlotta. The Emerging Phenomenon of Coworking. A Redefinition of Job Market in Networking Society. *In: MÜLLER, Karel; ROTH, Steffen; ZAK, Milan (Eds). Social Dimension of Innovation.* Praga: Linde, 2010.

BOSCHMA, Ron. Proximity and innovation: a critical assessment. *Regional Studies, Utrecht, v. 39, n. 1, pp. 61-74. fev. 2005.*

BOUNCKEN, Ricarda B.; REUSCHL, Andreas J., Coworking-spaces: how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship. *Review of Managerial Science, Berlin, vol. 12, n. 1, set. 2016, pp. 317-334.*

BOURDIEU, Pierre. Le capital social: Notes provisoires. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 31, jan. 1980

CAMPOS, Renato R.; CÁRIO, Sílvio A. F.; NICOLAU, José A.; VARGAS, Geraldo. Aprendizagem por interação: pequenas empresas em sistemas produtivos e inovativos locais. *In: Lastres, Helena M. M.; Cassiolato, José E.; Maciel, M. L. (Orgs). Pequena empresa Cooperação e Desenvolvimento Local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003.

CAPDEVILA, Ignasi. Knowledge Dynamics in Localized Communities: Coworking Spaces as Microclusters. *SSRN Electronic Journal*, Paris, jan. 2014.

CASSIOLATO, José E.; LASTRES, Helena M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. *In: Lastres, Helena M. M.; Cassiolato, José E.; Maciel, M. L. (Orgs). Pequena empresa Cooperação e Desenvolvimento Local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003.

CASSIOLATO, José E.; LASTRES, Helena M. M. Discussing innovation and development: converging points between the Latin American school and the innovation systems perspective? *Globelics Working Paper Series*, Rio de Janeiro, n. 2008-02, 2008.

CASSIOLATO, José E., MATOS, Marcelo, LASTRES, Helena M. M. Innovation Systems and Development. *In: CURRIE-ALDER, B.; KANBUR, R.; MALONE, D.M.; MEDHORA, R. (Org.) International Development Ideas, Experience and Prospects*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

COHEN, Don; PRUSAK, Laurence. *In Good Company: How Social Capital Makes Organizations Work*. Boston: Harvard Business School Publishing, 2001.

COLEMAN, James. *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

COLLEONI, Elanor; ARVIDSSON, Adam. Knowledge sharing and social capital building. The role of co-working spaces in the knowledge economy in Milan. *Unpublished Report, Office for Youth, Municipality of Milan*, Milão, 2014.

COOKE, Philip; URANGA, Mikel G.; ETXEBARRIA, Goio. Regional innovation systems: Institutional and organizational dimensions, *Research Policy*, Brighton, v. 26, n. 4-5, 1997, pp. 475-491.

_____. Regional innovation systems, clusters, and the knowledge economy. *Industrial and Corporate Change*, Oxford, v. 10, n. 4, pp. 945-974, 2001.

_____; BOEKHOLT, Patries; TÖDTLING, Franz. *The Governance of Innovation in Europe. Regional Perspectives on Global Competitiveness*. London: Pinter, 2000.

_____. Knowledge economics: Clusters, learning and co-operative advantage. London: Routledge, 2001.

COWORKING BRASIL. Censo Coworking Brasil 2018. Disponível em <<https://coworkingbrasil.org/censo/2018/>>. Acesso em 15 jan. 2019.

CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*, 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEIJL, Claudia. Two Heads Are Better Than One: A Case Study of the *Coworking* Community in the Netherlands. Monografia (Graduação em Economia) — Universidade Erasmus de Rotterdam, Rotterdam, 2001.

DOLOREUX, David; PARTO, Saeed. Regional innovation systems: Current discourse and unresolved issues. *Technology in Society, California*, v. 27, n. 2, pp. 133-153, abr. 2005.

EDQUIST, Charles; JOHNSON, Bjorn H. Institutions and organizations in systems of innovation. In: EDQUIST, Charles (Org.) *Systems of innovation: technologies, institutions and organizations*. Londres: Pinter, 1997.

FABBRI, Julie; CHARUE-DUBOC, Florence. Exploring the everyday life of entrepreneurs in a coworking space. In: XXIII CONFÉRENCE ANNUELLE DE L'AIMS, 2014, Rennes.

FELDMAN, Maryann, AUDRETSCH, David. Innovation in cities: science-based diversity, specialization, and localized competition. *European Economic Review*, Londres, v. 43, n. 2, pp. 409-429.

FORLANO, Laura. *When code meets place: Collaboration and innovation at WiFi hotspots*. 2008. 228 p. Tese (Doutorado em Filosofia) — Escola de Artes e Ciências da Universidade de Columbia, Nova York, 2008.

FREEMAN, Christoph. *Technology policy and economic performance*. Londres: Pinter Publishers London and New York, 1987.

_____. The National System of Innovation in historical perspective. *Cambridge Journal of Economics*, Cambridge, n. 19, pp. 5-24, 1995.

GANDINI, Alessandro. The rise of coworking spaces: A literature review. *Ephemera*, São Francisco, v. 15, n. 1, p. 193-205. 2015

GARRETT, Lyndon E.; SPREITZER, Gretchen M.; BACEVICE, Peter A. Co-constructing a Sense of Community at Work: The Emergence of Community in Coworking Spaces. *Organization Studies*. Michigan. SAGE. v. 38. n. 6. 2017.

GERTLER, Meric S. "Being There": Proximity, Organization, and Culture in the Development and Adoption of Advanced Manufacturing Technologies. *Economic Geography*, Oxford, v. 71, n. 1, pp. 1-26, jan. 1995.

_____. Tacit Knowledge and the Economic Geography of Context, or the Undefinable Tacitness of Being (there). *Journal of Economic Geography*, Oxford, v. 3, n. 1, jan. 2003, pp. 75-99.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANDADAM, D., COHENDET, P.; SIMON, L. Places, Spaces and the Dynamics of Creativity: The Video Game Industry in Montreal. *Regional Studies*, Montreal, v. 47, n. 10, pp.1-14, ago. 2012.

GUILLAUME, Régis. Des systèmes productifs locaux aux pôles de compétitivité : approches conceptuelles et figures territoriales du développement. *Géographie, économie et société*, Paris, v. 10, pp. 295-309, mar. 2008.

HODGSON, Geoffrey M. *Economics and institutions: a manifesto for a modern institutional economics*. Cambridge: Polity Press; 1998, p. 134.

KIRAT, Thierry; LUNG, Yannick. Innovation and proximity: territories as loci of collective learning processes. *European Urban and Regional Studies*, Londres, v. 6, n. 1, pp. 27-38, jan. 1999.

LEAMER, Edward E.; STORPER, Michael. The economic geography of the internet age. *Journal of International Business Studies*, Cambridge, v. 32, n. 4, pp. 641-665, dez. 2001.

LE BOURLEGAT, Cleonice A.; FALCÓN, Maria L. Sistemas e arranjos produtivos e inovativos locais: abordagem territorial e os desafios para uma agenda de políticas públicas. In: MATOS, Marcelo et al. (Org). *Arranjos Produtivos Locais: referencial, experiências e políticas em vinte anos da RedeSist*. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

LORENZEN, Mark. *Specialization and localized learning*. Copenhagen: Copenhagen Business School Press, 1998.

LUNDVALL, Bengt-ake. *National Systems of Innovation: Towards a Theory of Innovation and Interactive Learning*. Londres: Pinter, 1992.

MAILLAT, D. From industrial districts to the innovative milieu: contribution to na analysis of territorialied productive organizations. *RecherchesEconomiqes de Louvain*, v. 64, n. 1, 1998.

MALERBA, Franco; ORSENIGO, Luigi. Technological Regimes and Sectoral Patterns of Innovative Activities. *Industrial and Corporate Change*, Oxford, v. 6, n. 1, pp. 83-118, jan. 1997.

MALMBERG, Anders. Industrial geography: location and learning. *Progress in Human Geography*, Oxford, v. 21, n. 4, pp. 573-582, ago. 1997.

MARSHALL, Alfred. Principles of economics, 8^a ed. Londres: Macmillan & Co., 1920.

MASKELL, Peter; MALMBERG, Anders. Localized Learning and Industrial Competitiveness. *Cambridge Journal of Economics*, Cambridge, v. 23, n. 2, pp. 167-185, fev. 1999.

MATOS, Marcelo; CASSIOLATO, José Eduardoe PEIXOTO, Flávio. O referencial conceitual e metodológico para a análise de Arranjos Produtivos Locais. In: MATOS, Marcelo et al. (Org). *Arranjos Produtivos Locais: referencial, experiências e políticas em vinte anos da RedeSist*. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

MESQUITA, Luiza. As práticas que sustentam o trabalho colaborativo em espaços de coworking e o papel das tecnologias de informação e comunicação: estudo de caso da Goma. São Paulo. 2016. 155 p. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado em Administração de Empresas). Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas.

MILES, Matthew B.; HUBERMAN, Michael A. *An expanded source book - Qualitative Data Analysis*, 2^a ed. Londres: Sage, 1994.

MONASTEIRO, Leonardo; CAVALCANTE, Luiz R. Fundamentos do pensamento econômico regional. In: CRUZ, Bruno de O. et al. *Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil*. Brasília: IPEA, 2011.

MYTELKA, Lynn. Local Systems of Innovation in a Globalized World Economy. *Industry and Innovation*, Oxford, v. 7, n. 1, pp. 15-32, jun. 2000.

MYTELKA, Lynn; FARINELLI, Fulvia. Local Clusters, Innovation Systems and Sustained Competitiveness. In: *Meeting on Local Productive Clusters and Innovation Systems in Brazil: New Industrial and Technological Policies for their Development*, set. 2000, Rio de Janeiro.

NELSON, Richard. *National Innovation Systems: A Comparative Analysis*. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1993

NORTH, Douglass. *Institutions, institutional change, and economic performance*. New York: Cambridge University Press, 1990. pp. 3-4

OLDENBURG, Ray. *Celebrating the Third Place: Inspiring Stories About the “Great Good Places” at the Heart of Our Communities*. Cambridge: Da Capo Press, 2002.

PARRINO, Lucia. Coworking: assessing the role of proximity in knowledge exchange. *Knowledge Management Research & Practice*, Milão, v. 13, n. 3, 2015, pp. 261-271

PORTER, Michael E. Location, Competition, and Economic Development: Local Clusters in a Global Economy. *Economic Development Quarterly*, vol. 14. n. 1, fev. 2000, pp.15-34.

PUTNAM, Robert. The Prosperous Community: Social Capital and Public Life. *The American Prospect*, v. 4, n. 13, mar. 1993.

_____. Social capital: measurement and consequences. *In: International Symposium on The Contribution of Human and Social Capital to Sustained Economic Growth and Well-Being*. Quebec: Human Resources Development Canada and OECD, mar. 19-21, 2000.

ROTEMBERG Julio J.; SALONER, Garth. Competition and human capital accumulation: a theory of interregional specialisation and trade. *Regional Science and Urban Economics*, v. 30, pp. 373-404, jul. 2000.

SETTERFIELD, Mark. A model of institutional hysteresis. *Journal of Economic Issues*, Nova York, v. 27, n. 3, pp. 755-774, set. 1993.

SPINUZZI, Clay. Working alone together: Coworkings emergent collaborative activity. *Journal of Business and Technical Communication*, v. 26, n. 4, pp. 399-441, 2012.

STORPER, Michael; VENABLES, Anthony J. Buzz: face-to-face contact and the urban economy. *Journal of Economic Geography*, Oxford, v. 4, pp. 351-370, jan. 2004.

SZAPIRO, Marina; LEMOS, Cristina; LASTRES, Helena, CASSIOLATO, José E.; VARGAS, Marco Antônio. Panorama história da RedeSist e fundamentação teórica da abordagem de APL. *In: MATOS, Marcelo et al. (Org). Arranjos Produtivos Locais: referencial, experiências e políticas em vinte anos da RedeSist*. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

TANG, Mingfeng et al. Strengthening regional integration/cooperation with the Neighbourhood System of Innovation conceptual framework: the case of China and ASEAN. *Qingyang, Asian Journal of Technology Innovation*, v. 23, n. 2, pp. 205-229, mai. 2015.

TIGRE, Paulo. *Inovação em Serviços na Economia do Compartilhamento*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2019.

TÖDTLING, Franz, KAUFMANN, Alexander. The role of the region for innovation activities of SMEs. *European Urban and Regional Studies*, Londres, v. 8, n. 3, pp. 203-215, jul. 2001.

WENGER, Etienne. *Communities of practice: Learning, Meaning and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WOOLCOCK, Michael. The place of social capital in understanding social and economic outcomes. *In: International Symposium on The Contribution of Human and Social Capital to Sustained Economic Growth and Well-Being*. Quebec: Human Resources Development Canada and OECD, mar. 19-21, 2000.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*, 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZARDO, Julia B. G. Ambientes de inovação e mecanismos de geração de empreendimentos: estudos de caso sobre a economia criativa na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2017. 186 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento). Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.